



Renata Firmo Lessa

**As viajantes imperiais: discursos de gênero,
percepções de alteridade e civilização em relatos de
viagem do século XIX**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, do departamento de História da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Marco Antonio Villela Pamplona

Rio de Janeiro,
Dezembro de 2020



Renata Firmo Lessa

**As viajantes imperiais: discursos de gênero,
percepções de alteridade e civilização em relatos de
viagem do século XIX**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa
de Pós-Graduação em História Social da Cultura,
do departamento de História da PUC-Rio.
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Marco Antonio Villela Pamplona

Orientador

Departamento de História – PUC-Rio

Prof^a. Mary Anne Junqueira

Departamento de História – USP

Prof^a. Paula Drumond Rangel Campos

Instituto de Relações Internacionais – PUC-Rio

Prof^a. Mônica Herz

Vice-Decana de Pós-Graduação do Centro
de Ciências Sociais PUC-Rio

Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 2020

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Renata Firmo Lessa

Graduou-se em História pela PUC-Rio (Licenciatura e Bacharelado) em 2017. Cursou um Domínio Adicional em Cultura Clássica Greco-Latina pela mesma instituição. Participou de grupos de pesquisa em História da América. Tem como área de pesquisa a História Cultural e seus interesses acadêmicos estão focados em estudos de gênero e literatura de viagens do século XIX.

Ficha Catalográfica

Lessa, Renata Firmo

As viajantes imperiais : discursos de gênero, percepções de alteridade e civilização em relatos de viagem do século XIX / Renata Firmo Lessa ; orientador: Marco Antonio Villela Pamplona. – 2020.

143 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2020.

Inclui bibliografia

1. História - Teses. 2. História Social da Cultura - Teses. 3. Relatos de viagem do XIX. 4. Gênero. 5. Colonialidade. 6. Imperialismo. 7. Civilização. I. Pamplona, Marco Antonio Villela. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Para Isabela,
Talvez não seja viável, mas vale a pena tentar.

Agradecimentos

A conclusão desta dissertação foi um processo repleto de dificuldades, particularmente neste ano. Este espaço não seria suficiente para agradecer a todos individualmente, por isso estendo meus agradecimentos a todos aqueles que me ofereceram apoio ao longo desses últimos anos. O aprendizado não é uma atividade individual. Pelo contrário, depende de comunidade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço ao CNPq, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao meu orientador Professor Marco Antonio Pamplona pelo estímulo e apoio desde a época de iniciação científica na graduação. Pela paciência comigo também agradeço, especialmente neste ano cheio de imprevistos.

Às professoras que aceitaram participar da Comissão examinadora, pela disposição em ler este trabalho.

Aos professores e funcionários da PUC-Rio, por toda ajuda e ensinamentos que recebi ao longo dos anos.

À professora Alejandra Josiowicz da FGV. Agradeço pelas indicações de leitura e pelos comentários que me deram novas perspectivas.

Às minhas amigas Isabela, Renata, Dani e Patrícia, pela companhia nesse processo. Em momentos difíceis, as conversas que tivemos foram essenciais para que eu pudesse seguir em frente com a pesquisa e a escrita.

Aos meus alunos e alunas ao longo desses últimos anos, que tanto me ensinaram.

À minha família, pelo apoio e confiança neste trabalho.

Aos meus irmãos, Rodrigo e Pedro, e ao meu pai por terem estado sempre comigo, sempre na área quando eu precisei.

À minha mãe, Ana Silvia, sempre.

Resumo

LESSA, Renata Firmo. **As viajantes imperiais: discursos de gênero, percepções de alteridade e civilização em relatos de viagem do século XIX.** Rio de Janeiro, 2020. 143 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação faz uma análise dos relatos de viagem de três autoras britânicas do século XIX: Anna Jameson, Florence Dixie e Mary Kingsley. Apesar de tratarem de contextos distintos, os relatos de viagem selecionados têm em comum a adesão a um discurso sobre a “civilização” e manifestam uma preocupação com convenções sociais de gênero vitorianas. A partir de uma discussão sobre gênero e imperialismo, busco analisar as formas pelas quais as autoras construíram representações de si mesmas, em termos de gênero, raça e classe e como se inseriram de forma complexa no discurso colonial. Ao mesmo tempo, pretendo mostrar como essas autoras também produziram diversas representações racistas de mulheres negras e indígenas, sob a lógica da colonialidade do gênero.

Palavras-chave

Relatos de viagem do XIX; gênero; colonialidade; imperialismo; civilização.

Abstract

LESSA, Renata Firmo. **As viajantes imperiais: discursos de gênero, percepções de alteridade e civilização em relatos de viagem do século XIX.** Rio de Janeiro, 2020, 143 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation will analyze the travel accounts of three 19th century British authors: Anna Jameson, Florence Dixie and Mary Kingsley. Despite addressing different contexts, the selected travel accounts share an adherence to a discourse regarding “civilization” and they express a concern with Victorian gender social conventions. Through a discussion of gender and imperialism, I seek to analyze the ways in which the authors assembled representations of themselves, in terms of gender, race and class and how they inserted themselves in colonial discourse in complex ways. Simultaneously, I intend to demonstrate how these authors also produced various racist representations of black and indigenous women, under the logic of the coloniality of gender.

Keywords

Nineteenth-century travel accounts; gender; coloniality; imperialism; civilization.

Sumário

1 Introdução	10
2 “Winter studies and summer rambles in Canada”: discursos de gênero e progresso civilizatório	15
2.1 “The white or fair English chieftainess”: de que gênero são os “olhos do Império”?	19
2.2 “I am a woman, and to the progress of civilisation alone can we women look for release from many pains”: entre mulheres ojibwe e mulheres brancas	32
3 “Across Patagonia”: entre o “desaparecimento” indígena e o sufrágio feminino	52
3.1 “Haunts of human beings”: civilização, tempo e alteridade	58
3.2 “Perhaps it is from Patagonia that we are to have, in its final form, the gospel of the equality of the sexes”: imaginando uma utopia de gênero branca na fronteira	68
4 “Travels in West Africa”: gênero, colonialidade e trabalho	89
4.1 “I was only a beetle and fetish hunter”: antropologia, história natural e racismo científico	95
4.2 “From bed-sheetdom to glory”: paródias de gênero no mundo colonial	107
4.3 “We have no Mrs. Harragan in Africa”: gênero, família e trabalho	120
5 Conclusão	133
6 Referências bibliográficas	139

Lista de figuras

Figura 1 - An Indian Camp	65
Figura 2 – Indian Camp	66
Figura 3 – Aniwee leading the charge	82
Figura 4 – A. <i>Ctenopoma kingsleyae</i> . B. CT. Nanum. C. Ct. Gabonense	93
Figura 5 – Akongas, the chief Gonione, and his two wives	130

1 Introdução

Tradicionalmente descritas como confinadas ao espaço doméstico no período vitoriano (1837-1901), mulheres britânicas, no entanto, viajaram. Não apenas viajaram, como publicaram relatos de viagem. Contudo, a literatura de viagem tinha um conjunto próprio de convenções narrativas relacionadas ao gênero. Ao se inserir nessa tradição, as autoras que iremos analisar adotaram múltiplas estratégias para negociar papéis de gênero.

De acordo com Mary Louise Pratt, relatos de viagem proporcionavam encontros culturais na chamada “zona de contato”. A “transculturação” resultava de intercâmbios culturais em relações desiguais de poder.¹ Esses encontros coloniais tinham uma dimensão interativa e improvisada. Viajantes e “viajados” se construía a partir do contato de forma relacional. Ao longo deste trabalho, veremos como a “zona de contato” era também utilizada por essas autoras para reelaborar papéis de gênero vitorianos a partir do *locus* de fronteira.

Diversos críticos destacam a hibridez constitutiva dos relatos de viagem, uma vez que sua composição incluía aspectos de diversos gêneros literários.² Era comum o uso de elementos ficcionais de correntes do romantismo e de narrativas de aventura, assim como de outros tipos de escrita não-ficcional, como a autobiografia, textos memorialísticos e discursos científicos. Igualmente diversos eram os formatos adotados pelos autores (formato epistolar, diários, relatos científicos, aproximações com o formato do romance).³

O estudo desse tipo de fonte passou por algumas fases na historiografia. Se em um primeiro momento historiadores se focavam nesses relatos como fontes de informação fidedigna sobre os contextos sociais abordados, nas últimas décadas foi desenvolvido um conjunto de ferramentas para a análise crítica desse tipo de documento. A partir de abordagens interdisciplinares, historiadores têm investigado a literatura de viagens com aportes da crítica literária e da antropologia, dando especial atenção para o lugar de enunciação dos autores desses relatos.

¹ PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. Nova Iorque: Routledge, 2007.

² JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. *Cadernos de Seminários de Pesquisa*, v. 2, p. 44-61, 2011, p. 55.

³ LINDSAY, Claire. Travel writing and postcolonial studies. In: THOMPSON, Carl. (Ed.) *The Routledge companion to travel writing*. Nova Iorque: Routledge, 2015, p. 45-54.

Segundo Sara Mills⁴, é preciso compreender a especificidade dos relatos de viagem de autoria feminina não como resultantes de uma concepção essencialista de gênero, mas como resultante de uma posicionalidade relativamente marginal dentro do discurso colonial hegemônico. Pressões e expectativas sociais relacionadas ao gênero impactavam tanto a produção quanto a recepção desses relatos. Stella Franco argumenta que essas pressões discursivas criavam certas tendências em termos de gênero em relatos de viagem, mas que também é possível encontrar contrapontos nesses relatos.⁵

Para analisar as relações entre raça e gênero presentes nos discursos das autoras selecionadas, faremos uso do conceito de colonialidade do gênero. Esse conceito foi desenvolvido pela teórica decolonial María Lugones⁶ a partir de um aprofundamento das discussões de Aníbal Quijano⁷ sobre a colonialidade do poder. Essa pode ser definida como um projeto de modernidade eurocentrado iniciado com o processo de colonização das Américas, fundado na classificação dos seres humanos segundo hierarquias raciais.

María Lugones aprofunda esse debate incluindo uma discussão sobre o papel da modernidade colonial na construção de um sistema moderno/colonial de gênero. Esse sistema teria como características fundamentais a introdução da compreensão do gênero a partir de um dimorfismo biológico, a organização de sistemas patriarcais e heteronormativos e a racialização enquanto princípio hierárquico que orienta discursos e práticas acerca de mulheres. Para a autora, a concepção de Quijano se limitaria a pensar essa questão como a estruturação de um controle do acesso sexual às mulheres e sua capacidade reprodutiva.

Lugones argumenta que não se pode pensar em “mulheres” de forma genérica. A própria categoria “mulher”, além de ideias como “feminilidade”, estava atrelada discursivamente às mulheres brancas, considerando que os discursos sobre mulheres indígenas e mulheres negras a partir do processo de colonização construía representações desumanizadoras.

⁴ MILLS, Sara. *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*. London: Routledge, 1991.

⁵ FRANCO, Stella Maris Scatena. Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina. *Cadernos Pagu*, n. 50, 2017.

⁶ LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

⁷ QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clasco, 2005.

De acordo com ela, gênero seria uma categoria colonial, visto que foi produzida ao longo do processo de colonização de forma inseparável de processos de racialização. Nos diversos contextos coloniais, a introdução desse sistema dicotômico de gênero foi um processo violento. De forma geral, mulheres negras⁸ e mulheres indígenas em contextos coloniais não eram enquadradas discursivamente em estereótipos de feminilidade atribuídos às mulheres brancas e de classe média, europeias ou descendentes de europeias.

A teórica nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí⁹, por sua vez, critica as construções do feminismo hegemônico eurocêntrico que parte do pressuposto de um patriarcado universal, fundado na família nuclear monogâmica. Partir de um pressuposto de organização social universal em torno da família nuclear patriarcal desconsidera outras possibilidades como a matrilinearidade e a matrifocalidade, por exemplo, existentes em diversas sociedades do continente africano, embora não apenas. A partir de suas pesquisas sobre sociedades iorubás e suas categorias linguísticas prévias à colonização europeia, a autora concluiu que as hierarquias estabelecidas naquele contexto social não estavam relacionadas a critérios de gênero, mas de senioridade. Gênero, segundo Oyěwùmí, não deveria ser visto como um conceito universal, desligado das experiências locais e históricas concretas. Nesse sentido, a autora sugere que seria preciso investigar as sociedades africanas a partir de epistemologias e categorias africanas.

Para pensar o contexto da América do Norte, em particular, autoras como Paula Gunn Allen¹⁰ ressaltam que o moderno sistema dicotômico de gênero representa uma imposição colonial e resgatam múltiplas tradições culturais de diversos povos indígenas prévias à colonização que não apresentavam semelhante estrutura hierárquica.

⁸ Um exemplo fundamental para discussões de gênero do ponto de vista da mulher negra no século XIX é o discurso de Sojourner Truth. Tendo comparecido à *Women's Rights Convention*, realizada em Ohio em 1851, Truth fez um discurso perguntando “*Ain't I a woman?*” No discurso, contrapunha imagens de feminilidade, associadas às mulheres brancas, às suas experiências enquanto mulher negra que havia sido escravizada (trabalhara em *plantations* e não esperavam dela que produzisse menos que os homens escravizados, nunca a viram como frágil, teve sua maternidade desconsiderada com a venda de seus filhos). Por meio dessa interpelação, Truth expõe o caráter racializado de construções sobre feminilidade, que se aplicavam somente às mulheres brancas e não condiziam com a sua experiência enquanto mulher negra.

⁹ OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series*, v. 1, p. 1-8, 2004.

¹⁰ ALLEN, Paula Gunn. *The Sacred hoop: Recovering the feminine in American Indian traditions*. Boston: Beacon Press, 1992.

A discussão sobre a introdução de um sistema de gênero patriarcal em comunidades indígenas do continente americano a partir do processo de colonização europeia, no entanto, ainda está em aberto. A antropóloga Rita Segato¹¹, sob uma perspectiva um pouco diferente, argumenta que não se pode presumir que as diversas sociedades indígenas não possuíam sistemas hierárquicos de gênero previamente à colonização, ainda que esses não fossem de todo iguais ao sistema patriarcal europeu. De acordo com a autora, essas sociedades poderiam ser descritas segundo o termo “patriarcado de baixa intensidade”. Xhercis Méndez¹² sugere que é preciso atentar para a historicidade e especificidade dos contextos em questão ao analisar a imposição de relações de gênero racializadas, para não recair em um modelo esquemático.

Apesar das discordâncias sobre as condições prévias à colonização europeia, todas essas autoras concordam que o processo de colonização foi marcado por uma introdução institucional e violenta das hierarquias de gênero europeias e suas compreensões sobre papéis de gênero. A introdução desse sistema de gênero se dava em contextos de exploração violenta de populações colonizadas, criando dependências materiais com relação às institucionalidades governamentais coloniais. Entretanto, dizer que essa introdução foi um processo violento imposto pela colonização não quer dizer que essa imposição foi inconteste. Na América Latina, podemos pensar, por exemplo, nas articulações contemporâneas de diversos movimentos de mulheres organizados com base em epistemologias indígenas.¹³

A partir desse paradigma teórico, veremos ao longo dos capítulos como as autoras de relatos de viagem selecionadas constroem discursos sobre gênero a partir de noções de superioridade racial em contextos específicos. No primeiro capítulo, iremos abordar o relato de viagem de Anna Jameson, “*Winter Studies and Summer Rambles in Canada*” (1838). Nesse relato, a autora construiu uma argumentação sobre “emancipação feminina” segundo uma lógica de progresso civilizacional. Nessa lógica, a autora buscou enquadrar as mulheres indígenas com as quais havia se encontrado em uma posição de “degradação”, mobilizando imagens racistas. De

¹¹ SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-cadernos ces*, n. 18, 2012.

¹² MENDEZ, Xhercis. Notes toward a decolonial feminist methodology: Revisiting the race/gender matrix. *Trans-scripts*, v. 5, p. 41-56, 2015.

¹³ Cf. MIÑOSO, Y.; CORREAL, D.; MUÑOZ, K. (Orgs.) *Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala*. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014.

forma concomitante, a “zona de contato” é construída por Jameson como um espaço no qual seria possível desestabilizar noções de gênero burguesas.

Em seguida, no segundo capítulo nosso foco será o relato de Florence Dixie, “*Across Patagonia*” (1880). No cenário de fronteira, Dixie buscou refundar as relações de gênero britânicas vigentes. A viajante representou a região da Patagônia como um espaço a partir do qual podia se apresentar em condição de igualdade com seus companheiros de viagem masculinos e, para isso, assumiu em grande parte uma retórica imperialista. Em meio a um contexto de genocídio indígena, Dixie recorria ao tropo do “*vanshing indian*”, segundo o qual povos indígenas estariam “em desaparecimento” por motivos raciais.

Por fim, no terceiro capítulo analisaremos o relato de viagem de Mary Kingsley, “*Travels in West Africa*” (1897). Já no contexto do auge da corrida imperialista no continente africano, o relato de Kingsley conversa abertamente com os debates sobre o evolucionismo. Ao contrário das duas outras autoras, ela não aderiu a um discurso de “emancipação feminina”. Por não ter um acesso completo a certas posições discursivas, associadas a convenções de masculinidade, Kingsley sentia necessidade de negociar papéis de gênero narrativamente. Para tal, seu principal recurso narrativo seria o humor.

O imperialismo era visto no século XIX como uma atividade essencialmente ligada ao homem branco colonizador e a imagens de masculinidade.¹⁴ A implicação de mulheres brancas em relações coloniais de poder é um tema complexo.¹⁵ Como argumenta Anne McClintock: “*the dynamics of colonial power are fundamentally, though not solely, the dynamics of gender*”.¹⁶

Nosso interesse ao analisar esses relatos é investigar como essas três mulheres brancas e de classe média ou alta, de formas diferentes e em contextos distintos, construíram discursos sobre gênero na “zona de contato” por dentro de uma retórica imperialista. Ao se apresentarem como “representantes da civilização”, as autoras tiveram que negociar as convenções de gênero características da literatura de viagem.

¹⁴ LEVINE, Philippa. *Gender and empire*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

¹⁵ CHAUDHURI, Nupur; STROBEL, Margaret (Ed.). *Western women and imperialism: Complicity and resistance*. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

¹⁶ MCCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: Race, gender, and sexuality in the colonial contest*. New York: Routledge, 2013, p. 364.

2

“*Winter studies and summer rambles in Canada*”: discursos de gênero e progresso civilizatório

Entre 1836 e 1837, Anna Bronwell Jameson, escritora de origem irlandesa já conhecida no meio literário britânico, partiu em uma viagem para o Canadá. O objetivo dela era se encontrar com seu marido, Robert Jameson. Os dois não viviam juntos desde pelo menos 1829, quando ele recebeu um cargo como juiz em Dominica. Após receber um novo cargo como juiz em Toronto, Robert chamou a esposa para morar consigo. A intenção dele era de que a sua presença pudesse lhe oferecer certa respeitabilidade social, de modo a tentar obter uma promoção. Anna Jameson, por sua vez, embarcou nessa viagem ao Canadá para obter um acordo de separação que lhe provesse algum suporte financeiro, o qual ela efetivamente conseguiu antes de voltar ao Reino Unido.

A partir das experiências dessa viagem, Jameson escreveu “*Winter Studies and Summer Rambles*”.¹⁷ A autora já tinha inserção no mercado editorial, tendo publicado relatos de viagem anteriormente. Em 1834, escreveu o seu primeiro relato de viagem “*Visits and Sketches at Home and Abroad*” sobre suas viagens por Munique, Dresden, Frankfurt e Nuremberg. Aproveitou para escrever este outro tendo em vista também a sua publicação, com observações não restritas a Toronto, cidade na qual seu marido havia se estabelecido. Este era tão somente o ponto de partida de sua jornada.

Como observa Judith Johnston¹⁸, o próprio título já indica a organização do relato, publicado em três volumes e dividido em duas partes. A primeira, intitulada “*Winter Studies*”, é focada no período em que Jameson se viu obrigada a permanecer em Toronto em razão do rigor do inverno canadense entre dezembro de 1836 e maio de 1837. A segunda, “*Summer Rambles*”, compreende o período das viagens da autora pelo interior da colônia, entre junho e agosto de 1837, até a sua partida de volta para a Inglaterra em setembro. O relato foi publicado logo no ano seguinte, em 1838.

¹⁷ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. 3 v.

¹⁸ JOHNSTON, Judith. *Anna Jameson: Victorian, Feminist, Woman of Letters*. Aldershot: Scolar Press, 1997.

A primeira metade do relato, “*Winter Studies*”, é caracterizada pelo imobilismo. É quando Jameson constantemente reclama da sensação de isolamento e letargia produtiva durante sua reclusão em Toronto. Nessa seção, a autora faz longas digressões sobre literatura alemã, menções a seu trabalho de tradução, entre outros assuntos. A segunda parte do relato, “*Summer Rambles*”, é composta por suas viagens pela região dos Grandes Lagos, passando pelas Cataratas do Niágara, as ilhas Mackinac e Manitoulin no lago Huron, Detroit e Sault Ste. Marie. É nessa parte do relato que se encontra a maioria de suas notas sobre os encontros com colonos nas regiões de fronteira e com diversos povos indígenas ao longo do percurso.

Quando Anna Jameson chegou em Toronto em 1836, o Canadá passava por transformações políticas e sociais importantes. Após a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), a França tinha cedido o território da Nova França para a Inglaterra. A Real Proclamação de 1763 estabeleceu as diretrizes para a negociação de tratados por parte dos britânicos com povos indígenas nesse território. Em 1791, o território canadense foi dividido pela administração britânica em Alto Canadá (Ontário) e Baixo Canadá (Quebec). Anos depois, houve a Guerra de 1812, o último conflito militar do período envolvendo os Estados Unidos e o Reino Unido. Tal como na independência, foi marcado por alianças com diversos povos indígenas que também participaram da guerra em ambos os lados.

Ao sul da fronteira, a política adotada na década de 1830 pelo presidente estadunidense Andrew Jackson era a de remoção forçada das populações indígenas para o oeste a partir do *Indian Removal Act*. Ainda em 1837, outra circunstância devastou as populações indígenas das Grandes Planícies: uma epidemia de varíola.

Na década de 1830, rebeliões tanto no Quebec quanto em Ontário passaram a demandar maior autonomia política perante o governo britânico. Revoltas armadas ocorreram entre 1837 e 1838, sendo logo derrotadas. Jameson faz menção a esse contexto dizendo que ficou sabendo dos conflitos somente depois do seu retorno à Inglaterra. Os territórios de Quebec e Ontário foram reunidos em 1840 sob o nome de “Província do Canadá”, que iria se expandir posteriormente ao longo do século XIX e XX com o avanço sobre territórios indígenas, enfrentando resistências. Anna Jameson reflete também sobre esse contexto de disputas territoriais na região de fronteira na construção do seu relato.

A autora já era conhecida pelo público leitor britânico como uma escritora profissional quando publicou o relato de viagem aqui analisado. Ela circulava nos meios literários e conhecia algumas personalidades famosas do período como Elizabeth Barrett Browning, William Thackeray, Harriet Martineau, George Eliot, Elizabeth Gaskell e Otilie von Goethe. A autora deixou uma extensa troca de cartas com Otilie von Goethe, nora de Johann Wolfgang von Goethe, a quem considerava uma amiga próxima e a quem se dirige diversas vezes no relato.

Jameson se estabeleceu como escritora profissional, em parte por razões familiares. Em meio a problemas financeiros, ela se viu compelida a contribuir com o sustento de seu pai e suas irmãs. Em sua juventude também trabalhou como governanta. Acompanhando essas famílias, fez as suas primeiras viagens pelo continente europeu. Entre 1826 e 1864, foram publicadas mais de vinte obras de Anna Jameson de diversos gêneros literários (biografias, crítica literária e crítica de arte, relatos de viagem, artigos, resenhas, traduções). Na maioria de seus textos fica evidente uma preocupação abrangente com as condições sociais das mulheres de classe média na Inglaterra, tanto em obras de ficção como de não-ficção, e, posteriormente, em seu ativismo político.

Em 1826, publicou o seu primeiro sucesso de público, “*Diary of an Ennuyée*”, uma espécie de relato de viagem que gerou certo escândalo, porque se tratava de uma obra de ficção, mas foi recebido pelo público como um relato autobiográfico não-ficcional. Essa recepção gerou polêmica na imprensa porque a narradora do diário supostamente morria ao final do relato, sendo o diário interpretado como um documento encontrado por terceiros. Algumas resenhas negativas foram feitas, ressaltando que não se tratava de um relato autêntico e que a narradora era ficcional, e na realidade a autora seria Anna Jameson.

Em consequência, Jameson ficou mais atenta em suas obras posteriores sobre os riscos da ambiguidade dos elementos ficcionais inseridos nos relatos de viagem. Esses limites entre real e ficcional, no entanto, não eram exatamente bem demarcados, uma vez que os leitores de relatos de viagem entendiam que esse formato de escrita envolvia uma mistura de gêneros literários.

Ainda em 1826, Jameson começou um trabalho de biografar uma série de personagens femininas da história britânica. Sua obra mais famosa, no entanto, foi “*The Poetry of Sacred and Legendary Art*”, um extenso trabalho de crítica de arte sacra, cujo primeiro volume foi publicado em 1848. A autora faleceu de pneumonia

em Londres no ano de 1860, tendo sido publicado postumamente o último volume da sua obra de crítica de arte sacra em 1864.

Neste capítulo, faremos uma análise apenas do seu relato de viagem, “*Winter studies and summer rambles in Canada*”, publicado em 1838. Nosso principal interesse é analisar as múltiplas articulações que Anna Jameson produz sobre noções de gênero ao longo do relato. Em primeiro lugar, analisaremos as particularidades da inserção da autora enquanto mulher nessa tradição literária e como ela negociava convenções do gênero. Em segundo lugar, exploraremos o argumento de Jameson acerca das relações de gênero no “espaço de fronteira”. Se por um lado a autora utiliza o cenário colonial canadense para desconstruir imagens e estereótipos sobre feminilidade burguesa – aquilo que ela chama de “falsa posição da mulher” – por outro lado, Jameson construiu uma argumentação que equalizava civilização e progresso com emancipação feminina. Nesse sentido, suas considerações sobre as mulheres indígenas tentam enquadrá-las no esquema histórico progressivo de emancipação feminina europeu que conhecia.

Com base nas contribuições do debate sobre a colonialidade do gênero, pretendemos mostrar como as construções de Anna Jameson sobre o gênero no contexto colonial canadense do século XIX constroem uma lógica evolucionista de “emancipação feminina” e como a autora lida de forma complexa com o contato com mulheres indígenas.¹⁹ Para Jameson, a condição social da mulher britânica deveria representar o ponto mais avançado em um horizonte de igualdade de gênero, seguindo uma concepção de progresso civilizatório. O fato de que essa sua crença não correspondia com a realidade do contexto social em que vivia no Reino Unido a fazia argumentar que se tratava de uma posição “falsa”, socialmente imposta, a ser superada.

Ao mesmo tempo que a autora utiliza o contexto colonial canadense para desnaturalizar imagens de feminilidade atribuídas às mulheres britânicas de classe média, suas considerações sobre mulheres indígenas buscam reinscrevê-las em um esquema de emancipação feminina progressiva. Dessa forma, a racialização de

¹⁹ Não pretendemos homogeneizar a experiência de mulheres de diversas nações indígenas. Optamos por utilizar “mulheres indígenas”, porque Anna Jameson faz considerações sobre a “mulher indígena” enquanto uma ideia genérica, sem especificar a qual povo está fazendo referência. Porém, quando for especificado no relato a que povos indígenas ela estava se referindo, estes serão especificados no capítulo.

mulheres indígenas orienta a sua compreensão totalizante sobre o “progresso da condição feminina”.

Esse modelo partia do pressuposto que as mulheres indígenas deveriam representar o “estágio” de maior desigualdade de gênero, mas a própria Jameson por vezes se contrapõe a imagens de degradação da mulher indígena, apontando que essas construções muitas vezes partiam de pontos de vista masculinos. Essas nuances e contrapontos demonstram uma maior complexidade discursiva, porém ao final do relato Jameson reafirma a sua posição de um esquema progressivo de emancipação feminina. Se nem sempre os exemplos da narrativa reforçam esse esquema, ao final Jameson acaba por reafirmá-lo de forma abrangente, insistindo no discurso sobre a “falsa posição da mulher”.

Pretendemos mostrar como o contexto colonial é elaborado pela autora na sua argumentação sobre a artificialidade da posição social da mulher burguesa europeia. Além disso, fazemos uso do conceito de colonialidade do gênero para analisar as suas interpretações sobre o lugar da mulher indígena e sua “emancipação” através de um “processo civilizatório”, levando em consideração as articulações entre gênero, raça e classe.

2.1 “*The white or fair English chieftainess*”: de que gênero são os “olhos do Império”?

Quando Anna Jameson chegou ao Canadá, ela passou os primeiros meses da sua estadia somente em Toronto. Na primeira parte do relato, Jameson discorre sobre diversos assuntos, mas permeia a narrativa de forma geral uma frustração com a sua imobilidade, em razão do rigor do inverno que a restringiu ao espaço doméstico.

[...] and my faculties, and my fingers, and my ink, all frozen up
 “So slow the unprofitable moments roll, That lock up all the
 functions of my soul. That keep me from myself.” Slow?—yes ;
 but why unprofitable? that were surely my own fault! [...] I begin
 to be ashamed of recording idle days and useless days, and to
 have a conception of what those unfortunate wretches must
 suffer, who are habitually without an interest and without an

occupation. What a life is this! [...] To me it is something new, for I have never yet been ennuyée to death—except in fiction.²⁰

Nessa passagem, Jameson demonstra a sua impaciência com a situação e, ao mesmo tempo, a descreve como uma situação incomum, artificial, que a permite imaginar como seria a vida das mulheres de classe média obrigadas quotidianamente a se restringir ao âmbito doméstico. Ela se desloca dessa imagem, marcando a sua posição como escritora profissional e fazendo referência explícita a um de seus livros anteriores, dizendo “*To me it is something new, for I have never yet been ennuyée to death – except in fiction*”.

Para a autora, a artificialidade da posição social da mulher de classe média no Reino Unido é vista em direto contraste com trabalhadoras domésticas e operárias, que não estão sujeitas geralmente a discursos sobre fragilidade feminina. No exemplo a seguir, Jameson compara a figura da mulher indígena²¹ à posição social da mulher britânica de classe média, entendida como artificial e específica a apenas uma classe social.

Then, when we speak of the drudgery of the women, we must note the equal division of labour; there is no class of women privileged to sit still while others work. Every squaw makes the clothing, mats, moccasins, and boils the kettle for her own family. Compare her life with the refined leisure of an elegant woman in the higher classes of our society, and it is wretched and abject; but compare her life with that of a servant-maid of all work, or a factory girl,—I’d say that the condition of the squaw is gracious in comparison, dignified by domestic feelings, and by equality with all around her. If women are to be exempted from toil in reverence to the sex, and as women, I can understand this, though I think it unreasonable; but if it be merely a privilege of station, and confined to a certain set, while the great primeval penalty is doubled on the rest, then I do not see where is the great gallantry and consistency of this our Christendom, nor what right we have to look down upon the barbarism of the Indian savages who make drudges of their women.²²

A sua percepção de que a imagem de fragilidade da mulher branca de classe média se restringia a uma classe social é interessante. No entanto, o uso de imagens

²⁰ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 1, p. 37-38.

²¹ Aqui a autora faz uso de uma imagem discursiva sobre mulheres indígenas chamada de “*squaw drudge*” que iremos abordar mais adiante neste capítulo.

²² JAMESON, op. cit., v. 3, p. 305-306.

de mulheres indígenas e trabalhadoras domésticas aqui empregadas tem somente valor de exemplo para provar que a condição da mulher burguesa não seria natural. Não se trata de uma defesa ampla de “direitos das mulheres”, mas da utilização retórica dessas imagens como exemplo para desestabilizar noções de gênero associadas às mulheres de classe média.

Em outro momento da narrativa, por exemplo, podemos ver como Anna Jameson retrata o trabalho doméstico no Canadá marcando sua posição de classe. Além de se queixar sobre os valores do trabalho doméstico na colônia, Jameson mobiliza um conjunto de imagens depreciativas com relação aos irlandeses, mesmo ela própria sendo de origem irlandesa.

The want of good servants is a more serious evil. [...] Almost all the servants are of the lower class of Irish emigrants, in general honest, warm-hearted, and willing; but never having seen anything but want, dirt, and reckless misery at home, they are not the most eligible persons to trust with the cleanliness and comfort of one's household. [...] We give to our man-servant eight dollars a month, to the cook six dollars, and to the housemaid four; but these are lower wages than are usual for good and experienced servants, who might indeed command almost any wages here, where all labour is high priced.²³

Adele Perry²⁴ aponta que o contexto colonial nas regiões de fronteira no século XIX oferecia oportunidades para perturbar noções sobre as relações de gênero e de classe entre os colonos canadenses, já que como a mão de obra de mulheres brancas para o trabalho doméstico era escassa, havia maior liberdade de escolha por parte delas em relação aos postos de trabalho e um relativo aumento dos salários em relação à Inglaterra. Nesse sentido, as queixas de Jameson sobre o valor do salário do trabalho doméstico demonstram a sua marcação de classe.

De fato, os interesses políticos de Anna Jameson estavam relacionados à promoção do acesso às profissões liberais por parte das mulheres de classe média. A fase de maior ativismo político de Anna Jameson relacionado à questão da mulher foi posterior à sua viagem ao Canadá. Em 1843, publicou um artigo na revista *Athenaeum* chamado “*Condition of the Women and the Female Children*” que

²³ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 1, p. 269-270.

²⁴ PERRY, Adele. *On the edge of empire: gender, race, and the making of British Columbia, 1849-1871*. Toronto: University of Toronto Press, 2001, p. 141.

analisava as condições de trabalho das mulheres nas fábricas na Inglaterra. Jameson partia da análise das condições de trabalho das mulheres operárias, no entanto, para tematizar aquilo que já defendia, ou seja, o acesso das mulheres de classe média às profissões liberais e à independência financeira.²⁵ De acordo com Judith Johnston²⁶, é possível que ela tenha lido a obra de Mary Wollstonecraft, “Reivindicação dos Direitos da Mulher”, embora não fizesse referência direta a ela, considerando a polêmica no debate público em torno da figura de Wollstonecraft.

Em certo ponto, Jameson também se envolveu com os primeiros jornais que reivindicavam profissões para mulheres de classe média na Inglaterra, como o *English Woman's Journal*²⁷, sendo uma espécie de mentora para Barbara Bodichon e Bessie Rayner Parkes do *Langham Place Group*.²⁸ Ainda na década de 1850, Anna Jameson liderou, junto com outras mulheres de classe média, uma petição para o Parlamento a partir da organização do “*Married Women's Property Committee*”, cujo objetivo era assegurar legalmente a propriedade de mulheres casadas. Ao longo do seu relato de viagem ao Canadá, Jameson defende causas como a independência financeira, através do acesso a profissões, e a autonomia moral e legal da mulher de classe média britânica.

Anna Jameson já era conhecida do público leitor britânico, em especial como autora que abordava temáticas relacionadas ao “feminino”. O próprio relato de viagem se inicia com uma lista compilada pelo seu editor de obras da autora já publicadas e por publicar: “*Characteristics of Women: an analysis of the female characters of Shakespeare's plays*”, “*Memoirs of celebrated female sovereigns*”, “*Visits and sketches at home and abroad*”. A lista já anuncia ao leitor um conjunto de temas e formatos previamente abordados pela autora que serão constitutivos da obra em questão: relatos de viagem e uma temática relativa às mulheres. No prefácio, Jameson anuncia que seu relato é dirigido especialmente ao público feminino:

²⁵ JOHNSTON, Judith. *Anna Jameson: Victorian, Feminist, Woman of Letters*. Aldershot: Scolar Press, 1997, p. 2.

²⁶ *Ibid.*, p. 198.

²⁷ *English Woman's Journal* foi um periódico mensal publicado entre 1858 e 1864 editado por ativistas do *Langham Place Group* centrado no debate sobre a educação da mulher e seu acesso ao mercado de trabalho.

²⁸ *Langham Place Group* (1857-1866) foi uma organização integrada por mulheres de classe média na Inglaterra, cujo objetivo era promover o acesso de mulheres à educação e a profissões.

In preparing these notes for the press, much has been omitted of a personal nature, but far too much of such irrelevant matter still remains;— far too much which may expose me to misapprehension, if not even to severe criticism; but now, as heretofore, I throw myself upon "the merciful construction of good women," wishing it to be understood that this little book, such as it is, is more particularly addressed to my own sex. [...] I have been obliged to leave the flimsy thread of sentiment to sustain the facts and observations loosely strung together; feeling strongly to what it may expose me, but having deliberately chosen the alternative, prepared, of course, to endure what I may appear to have defied; though, in truth, defiance and assurance are both far from me.²⁹

Além de direcionar a leitura ao público feminino, Jameson ressalta nesse trecho o caráter de veracidade do relato de viagem enquanto intrinsecamente ligado à experiência testemunhal do viajante. Apesar de ser essencial para a sua credibilidade, podemos ver no trecho a preocupação de Jameson com relação à exposição da sua figura particular ao julgamento do público leitor, especialmente enquanto mulher, antecipando a possibilidade de críticas dos leitores. Ela termina a passagem reafirmando as suas escolhas, demonstrando que há uma negociação na escrita com as expectativas da recepção, que envolvem um julgamento sobre ela como mulher.

Uma estratégia comum aos relatos de viagem escritos por mulheres para se inserir em uma tradição literária marcada por tropos de masculinidade era a de adotar um tom autodesqualificador, que se nota especialmente nas introduções e prefácios. Stella Franco³⁰ caracteriza esse discurso como uma espécie de “desinteresse retórico” a partir do qual as escritoras antecipavam a crítica dos leitores e críticos de jornal. Nesse sentido, as viajantes frequentemente declaravam não ter intenção de publicação (sendo convencidas a isso por terceiros), apresentavam justificativas para a publicação ou então adotavam um tom autodepreciativo. Essas estratégias eram convenções literárias que buscavam “autorizar” a sua entrada nesse gênero literário. É a partir desse contexto que podemos compreender a afirmação de Jameson de que “*defiance and assurance are both far from me*”.

²⁹ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 1, p. 7-8.

³⁰ FRANCO, Stella Maris Scatena. Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina. *Cadernos Pagu*, n. 50, 2017.

Outra especificidade dos relatos de viagem escritos por mulheres era a tendência a adotar certos formatos como o diário ou a carta, distintos de outros formatos mais associados à escrita científica, que incluíam dados estatísticos, tabelas e mapas. Dúnlaith Bird argumenta que essa preferência era em parte estratégica, visando uma melhor recepção do texto:

This preference for letters and diaries among women travellers is in part strategic: the epistolary genre is strongly linked to the feminine, the domestic and the affective. The choice of this form sends a strong signal to the reading public: though the travel writer may wander into the public sphere, her moral compass is firmly pointed towards home.³¹

Jameson comenta essa diferença contrastando a sua escrita, que combinava os formatos de diário e carta, apresentada como de menores pretensões, com esse estilo mais estatístico: “*Now you would not ask me, nor do I feel inclined, to encumber my little note-book (consecrated to far different purposes, far different themes) with information to be obtained in every book of travels and statistics.*”³²

Em contraste com esse formato, Jameson no prefácio da obra descreve o seu relato enquanto um “conjunto de fragmentos de um diário endereçados a uma amiga”. Esta amiga em questão seria provavelmente Otilie von Goethe, com quem trocava cartas regularmente. Susan Birkwood³³ sugere que quando a autora utiliza o “você” no texto ela podia estar se referindo tanto a Otilie, quanto um público feminino mais amplo.

Como argumenta Sara Mills³⁴, os formatos de carta e diários eram preferidos porque eram mais bem recebidos enquanto práticas sociais correntes de escrita feminina, criando uma tensão e ambivalência entre o ato de escrita (público) e associações desses formatos com o espaço doméstico (privado). Esses formatos também dão uma maior impressão de imediatismo ao texto, que remetem a anotações diárias ou cartas fragmentárias, e dão uma impressão de uma menor

³¹ BIRD, D. “Travel Writing and Gender”. In: Thompson, Carl (Org.) *The Routledge Companion to Travel Writing*. Nova Iorque: Routledge, 2016, p. 41.

³² JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 1, p. 145.

³³ BIRKWOOD, M. S. “(D)ifferent sides of the picture”: *four women’s views of Canada (1816-1838)*. 1997. Tese (Doutorado em Literatura) – Faculty of Graduate Studies, University of Western Ontario, London, 1997, p. 248.

³⁴ MILLS, Sara. *Discourses of difference: an analysis of women’s travel writing and colonialism*. Nova Iorque: Routledge, 1991, p. 41-42.

elaboração literária. O relato de Jameson depende da construção de si enquanto elemento de coesão narrativa e fator de confiabilidade, mas a autora também revela, como visto acima, uma tensão entre intimidade e publicação.

Nesse ponto, Sara Mills³⁵ apresenta uma problemática adicional para a construção da credibilidade e autoridade discursiva das autoras de relatos de viagem. Considerando que o estatuto verídico do texto dependia principalmente da figura do escritor, a própria figura do escritor era julgada na avaliação do relato, podendo garantir credibilidade ou suscitar suspeita. No caso das autoras desses relatos, o paradoxo sobre a sua autofiguração é: se elas adotarem totalmente o discurso de feminilidade burguesa hegemônica, o seu discurso perde autoridade discursiva, uma vez que essa é associada a uma posicionalidade masculina, e se elas recusarem totalmente os estereótipos ligados ao “feminino”, há chance dos relatos serem colocados sob suspeita, já que conflitam com as percepções do público leitor sobre feminilidade. A questão era, portanto, como construir um “eu” narrativo negociando o que era aceitável para publicação em relação a padrões de feminilidade burguesa e, ao mesmo tempo, se posicionar discursivamente enquanto representante do poder colonial, posição essa que era normalmente associada a concepções de masculinidade.

Dessa forma, as negociações sobre imagens de gênero dentro dos relatos de viagem de autoria feminina devem ser compreendidas dentro dessa tensão por reivindicar autoridade discursiva. É preciso ressaltar, no entanto, que quando falamos de características comuns a relatos de viagem de autoria feminina, essa afirmação não parte de um ponto de vista essencialista sobre “autoria feminina”. A presença de certas características comuns nesses relatos pode ser atribuída a um conjunto comum de pressões discursivas ligadas à produção e recepção desses relatos que incide sobre essas autoras no meio literário.

Anna Jameson se insere na tradição do gênero do relato de viagem se associando a autores masculinos, mas também se colocando à parte. A escrita dos relatos de viagem era orientada pelas expectativas do viajante, que na maioria das vezes tinha lido relatos anteriores sobre a região visitada. O contraste entre essas expectativas e a experiência da viagem era, por vezes, utilizado pelos autores para construir cenas de decepção retórica. Para traçar o seu percurso de viagem, Jameson

³⁵ MILLS, Sara. *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*. Nova Iorque: Routledge, 1991, p. 105-107.

diz que sua principal referência havia sido o relato “*Alexander Henry’s travels and adventures in the years 1760-1776*”. Jameson descreve o autor da seguinte forma:

He is the Ulysses of these parts, and to cruise among the shores, rocks, and islands of Lake Huron without Henry’s travels, were like coasting Calabria and Sicily without the Odyssey in your head or hand,—only here you have the island of Mackinaw instead of the island of Circe; the land of the Ottawas instead of the shores of the Lotophagi; cannibal Chippewas, instead of man-eating Lsestrygons; Pontiac figures as Polypheme; and Wa,wa,tam plays the part of good king Alcinous. I can find no type for the women, as Henry does not tell us his adventures among the squaws, but no doubt he might have found both Calypsos and Nausicaas, and even a Penelope, among them.³⁶

Se apoiando em um autor que ela mesma afirma ser uma “*first-rate authority in more recent books of travels*”³⁷, Jameson busca tomar emprestado a sua credibilidade. Ao mesmo tempo, a autora valoriza o seu ponto de vista enfatizando o tema que Alexander Henry não teria tido a oportunidade de abordar de forma aprofundada em seu relato, ou seja, as mulheres indígenas. No próximo capítulo, analisaremos mais a fundo como discursos como esse de Jameson constroem um espaço de fronteira identificado com o passado.

A posição das autoras de relatos de viagem implicava na necessidade de negociar certas cenas típicas desse gênero literário e do discurso colonial britânico, de forma geral. Isso porque o discurso colonial do século XIX era construído, entre outros aspectos, a partir de imagens europeias de masculinidade associadas ao colonizador e imagens de feminilidade associadas aos povos colonizados e à própria natureza da paisagem colonial.^{38 39} Edward Said⁴⁰ argumenta que povos colonizados e a própria colônia eram descritos no discurso colonial como passivos, associados a imagens de feminilidade. Autoras como Mary Louise Pratt⁴¹ apontam, porém, que o discurso colonial não deve ser entendido como um bloco homogêneo

³⁶ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 3, p. 18-19.

³⁷ *Ibid.*, p. 17.

³⁸ MILLS, Sara. *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*. Nova Iorque: Routledge, 1991.

³⁹ MCCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: Race, gender, and sexuality in the colonial contest*. Nova Iorque: Routledge, 1995.

⁴⁰ SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁴¹ PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. Nova Iorque: Routledge, 2007.

e que as particularidades das escritoras condicionam negociações com esses tropos generificados do discurso.

Mary Pratt chama a atenção para uma cena clássica dos relatos de viagem que ela nomeia como a cena do “*monarch of all I survey*”, na qual o narrador faz uma descrição da paisagem colonial realizando uma aquisição estética para a metrópole. Analisaremos exemplos dessas cenas nos relatos das três autoras e como essas autoras negociam a sua posição enquanto mulheres na construção de um “eu imperial”. Segundo Pratt:

It is hard to think of a trope more decisively gendered than the monarch-of-all-I-survey scene. Explorer-man paints/possesses newly unveiled landscape-woman. [...] The masculine heroic discourse of discovery is not readily available to women, which may be one reason why there exists so very little European women’s exploration writing at all.⁴²

Nesse tipo de discurso, a natureza é geralmente descrita como feminina a partir de um ponto de vista do colonizador masculino. No relato de Anna Jameson, e no relato de Mary Kingsley que analisaremos no terceiro capítulo, a construção dessa cena é frustrada. Na tentativa de descrever as Cataratas do Niágara de acordo com as convenções literárias acerca do sublime particulares do século XIX, Jameson não consegue completar a cena. Jameson exprime uma decepção com a paisagem descrita, que transforma ela própria em uma série de objetos. De uma posição inicial de sujeito sensível, Jameson se “traduz” em objeto.

What has come over my soul and senses?—I am no longer Anna—I am metamorphosed—I am translated—I am an ass’s head, a clod, a wooden spoon, a fat weed growing on Lethe’s bank, a stock, a stone, a petrification,—for have I not seen Niagara, the wonder of wonders; and felt—no words can tell what disappointment!⁴³

Suas descrições posteriores sobre as Cataratas do Niágara as desqualificam enquanto paisagem a ser “descoberta”, cercada de hotéis, fumaça, turistas estadunidenses e museus. A “majestosa cena”, como ela descreve, corria risco de

⁴² PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. Nova Iorque: Routledge, 2007, p. 213.

⁴³ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 1, p. 83.

ser “dessacralizada”. A cena incompleta do “descobrimento” é projetada, dessa vez, para o passado e para uma figura masculina indefinida, quando Jameson se pergunta: “[...] *who was the first white man whose eyes beheld this wonder of the earth?*”⁴⁴

No último volume do relato, Jameson narra situações de domínio sobre a natureza, construindo a si mesma como “*white or fair English chieftainess*”. A autora reconta uma história na qual ela descreve ser adotada por uma família ojibwe. De início, Jameson afirma que ela estava sendo muito bem recebida, certificando o leitor de que fora acolhida de bom grado, não sendo vista como intrusiva, e não só isso, como fora adotada por essa família. Ela se refere a uma de suas anfitriãs como sua mãe usando a palavra “*neengai*”⁴⁵.

Ao insistir que se tratava de uma relação amistosa, Jameson busca apagar um senso de ansiedade sobre a dominação colonial britânica. Em outro ponto do texto, relatando sua visita à ilha de Mackinac, Jameson também faz menção a esse tipo de ansiedade acerca de quão efetiva seria a dominação colonial e, igualmente, busca reafirmar um senso de segurança pessoal que reafirma o controle colonial.

The women, they tell me, have taken away their husband’s knives and tomahawks, and hidden them—wisely enough. At this time there are about twelve hundred Indians here. The fort is empty—the garrison having been withdrawn as useless; and perhaps there are not a hundred white men in the island, —rather unequal odds! And then that fearful Michilimackinac in full view, with all its horrid, murderous associations! But do not for a moment imagine that I feel fear, or the slightest doubt of security; only a sort of thrill [...]

A percepção sobre a vulnerabilidade da mulher branca era um dos temas utilizados para aferir o grau de controle em determinado contexto colonial. De acordo com Vron Ware: “*One of the recurring themes in the history of colonial*

⁴⁴ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 2, p. 76.

⁴⁵ De acordo com o *Ojibwe’s People Dictionary*, existe uma palavra similar relacionada ao significado de mãe, “*ninga*”, que significa “*my mother*”. Cf. NINGA. In: *Ojibwe’s People Dictionary*. Minneapolis: University of Minnesota. Disponível em: <<https://ojibwe.lib.umn.edu/main-entry/ninga-nad>>. Acesso em: 4 ago. 2020.

⁴⁶ JAMESON, op. cit., v. 3, p. 56-57.

*repression is the way in which the threat of real or imagined violence towards white women became a symbol of the most dangerous form of insubordination.*⁴⁷

Ao descrever a cena de adoção pelos Johnston, Jameson compara os dois nomes que recebera. O primeiro nome que recebeu foi, da forma como ela escreve, “*Ogima-quay*”⁴⁸ que ela traduz como “*white or fair English chieftainess*”. Dessa forma, Jameson se apresenta, através dos olhos dos ojibwe, como uma figura feminina branca de liderança. O segundo nome que recebe, o qual ela prefere, está relacionado com a sua tentativa de navegar corredeiras, que ela descreve como um ritual de iniciação, do qual ela teria sido a primeira mulher europeia a participar.

[...] they told me I was the first European female who had ever performed it, and assuredly I shall not be the last. I recommend it as an exercise before breakfast. [...] As for my Neengai, she laughed, clapped her hands, and embraced me several times. I was declared duly initiated, and adopted into the family by the name of Wah,sàh,ge,wah,nó,quà. They had already called me among themselves, in reference to my complexion and my travelling propensities, O,daw,yaun,gee, the fair changing moon, or rather, the fair moon which changes her place: but now, in compliment to my successful achievement, Mrs. Johnston bestowed this new appellation, which I much prefer. It signifies the bright foam, or more properly, with the feminine adjunct qua, the woman of the bright foam; and by this name I am henceforth to be known among the Chippewas.⁴⁹

A sua óbvia satisfação com esse “ritual de iniciação” se reflete em como Jameson utiliza a cena para reafirmar algumas descrições de si: branca, mulher, líder, viajante, aventureira. A sua adoção pelos ojibwe parte de uma narrativa individual de autodescobrimento, que em si mesma não significa a adoção de quaisquer costumes ou crenças daquela nação indígena, para além de algum interesse sobre a sua língua. Jameson pode, momentaneamente, flertar com a alteridade e se declarar como adotada pelos ojibwe, mas isso não altera sua concepção mais geral sobre progresso e civilização, que analisaremos mais adiante.

⁴⁷ WARE, Vron. *Beyond the pale: White women, racism, and history*. Londres: Verso Books, 2015, p. 38.

⁴⁸ Segundo o *Ojibwe's People Dictionary*, a ortografia é “Ogimaakwe” e significa “*a female leader, boss, chief; a queen; a wife of a chief.*” Cf. OGIMAAKWE. In: *Ojibwe's People Dictionary*. Minneapolis: University of Minnesota. Disponível em: <<https://ojibwe.lib.umn.edu/main-entry/ogimaakwe-na>>. Acesso em: 4 ago. 2020.

⁴⁹ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 3, p. 199-200.

Se considerarmos o discurso prevalente que Jameson adota sobre o “desaparecimento dos indígenas” enquanto uma “fatalidade racial” e que constrói a imagem de populações indígenas como confinadas ao passado, podemos ver nessa performance aquilo que Rayna Green argumenta: “*In order for anyone to play Indian successfully, real Indians have to be dead.*”⁵⁰ A sua capacidade de assumir discursivamente uma identificação com os ojibwe não subverte a sua associação com a “civilização”, nem coloca em dúvida a sua identificação racial com a branquitude.⁵¹ O seu discurso continua sendo o da “civilização” dos povos indígenas, mesmo que em certos pontos ela questione a ideia de civilização.

A posição social que permite uma relação de dominação colonial no contexto do discurso britânico está relacionada principalmente com a figura do homem branco de classe média ou alta. A posição da mulher branca representa um relativo deslocamento dentro do discurso colonial que exige alguma negociação narrativa. O momento em que Jameson efetivamente consegue realizar uma cena de dominação sobre a paisagem colonial (e os povos indígenas), assumindo os “olhos do Império”, ela o faz colocando-se como representante da coroa britânica. Nesse momento, a construção discursiva de um “eu imperial” no feminino é construída por Jameson mobilizando a figura da monarca que estava assumindo o trono britânico justamente em 1837, a rainha Vitória. Nessa cena, a autora reflete sobre a notícia que acabara de receber sobre a ascensão da rainha ao trono e estende visualmente a sua soberania sobre a paisagem colonial, “*a land young like herself*”.

The idea that even here, in this new world of woods and waters, amid these remote wilds, to her so utterly unknown, her power reaches and her sovereignty is acknowledged, filled me with compassionate awe. [...] It is of the woman I think, more than of the queen; for as a part of the state machinery she will do quite as well as another—better, perhaps: so far her youth and sex are absolutely in her favour, or rather in our favour. [...] And what a fair heritage is this which has fallen to her! A land young like herself—a land of hopes—and fair, most fair! Does she know — does she care anything about it? — while hearts are beating warm for her, and voices bless her—and hands are stretched out towards her, even from these wild lake shores!⁵²

⁵⁰ GREEN, Rayna. The tribe called wannabee: Playing Indian in America and Europe. *Folklore*, v. 99, n. 1, 1988, p. 41.

⁵¹ Outras figuras são vistas como racialmente ambíguas pela autora, como os imigrantes irlandeses e a classe operária na Inglaterra, comparadas negativamente por Jameson com os povos indígenas.

⁵² JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 3, p. 261-263.

Buscamos mostrar como a posição das mulheres de classe média britânicas influenciava a sua escrita, suscitando negociações contingentes entre discursos de feminilidade burguesa e tropos do discurso colonial. As pressões sobre a escrita e recepção desses textos, como aponta Mills, resultam em algumas características comuns, como: uma preferência por determinados formatos, uma menor autoridade discursiva, descrição de situações de mútua observação, uma maior atenção à descrição de indivíduos e a tematização de espaços domésticos ou relações familiares (temas menos explorados por autores masculinos). Stella Franco afirma que essas são tendências abrangentes desse tipo de relato escrito por mulheres, mas que é possível encontrar contrapontos examinando as particularidades desses relatos.⁵³

A literatura de viagens se configurava como um corpus heterogêneo de textos, incluindo elementos de diversos gêneros literários. Sua análise, como a de outros textos, depende igualmente do lugar de enunciação do autor. Analisar as possíveis intercessões entre discursos de gênero e discursos coloniais permitem perceber uma maior multiplicidade de posições e articulações, desestabilizando uma noção de homogeneidade e coesão do discurso colonial. Apesar desse tipo de discurso ter um conjunto específico de tendências e convenções literárias, essas podem ser negociadas a partir de posições diversas, produzindo efeitos diversos. As mulheres não eram somente usadas discursivamente enquanto objetos do discurso colonial (masculino), mas também eram produtoras desse discurso, negociando a sua posição na construção de suas narrativas, podendo se inserir na abordagem imperial de diversas formas.

Mary Pratt⁵⁴ compreende as narrativas de relatos de viagem a partir do conceito de “zona de contato”, uma fronteira cultural na qual encontros coloniais são improvisados na relação entre colonizadores e colonizados, permitindo trocas culturais em meio a relações assimétricas de poder (transculturação). Para a autora, é preciso pensar as influências mútuas entre o viajante e o “viajado” no encontro

⁵³ FRANCO, Stella Maris Scatena. Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina. *Cadernos Pagu*, n. 50, 2017.

⁵⁴ PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. Nova Iorque: Routledge, 2007

colonial e não somente uma ideia de determinação cultural da metrópole sobre a colônia.

Na seção seguinte, veremos como Anna Jameson utiliza o contexto colonial canadense para desconstruir noções de gênero da metrópole relacionadas à mulher de classe média. Enquanto a maioria dos viajantes utilizava imagens de “degradação da mulher indígena” para construir, em oposição, as relações de gênero europeias enquanto exemplo de “civilização”, o objetivo de Jameson em particular era reformar as relações de gênero europeias e traçar um caminho evolucionista para a emancipação da mulher.

2.2 “*I am a woman, and to the progress of civilisation alone can we women look for release from many pains*”: entre mulheres ojbwe e mulheres brancas

Para Jameson, o contexto colonial oferece uma oportunidade de demonstrar a artificialidade das construções de gênero burguesas. Ao mesmo tempo, representa uma incógnita para a autora com relação à sua compreensão sobre as posições sociais de mulheres indígenas. Jameson se esforça ao longo do relato para articular a sua compreensão de um ideal de civilização com as suas observações sobre os povos indígenas com os quais se encontra.

Em certos momentos da narrativa, a autora demonstra alguma capacidade de questionar o intento de “civilizar” as populações indígenas. Faz contrapontos ao discurso civilizatório, demonstrando como o contato com os euroamericanos estava progressivamente desarticulando as bases de sustento dessas comunidades através das políticas de criação de reservas indígenas e sendo moralmente pernicioso, incentivando, por exemplo, o consumo de álcool. Anna Jameson desenvolve uma argumentação baseada na equiparação entre progresso e providência.

Se por vezes ela chega a se questionar sobre o sentido da “civilização” dos povos indígenas, a rejeição total dessa perspectiva seria para ela um questionamento sobre os desígnios divinos. A partir do trecho a seguir, percebemos que a questão do progresso é ainda mais complexa para ela, pois está intrinsecamente relacionada à sua compreensão sobre as possibilidades de emancipação feminina na Europa: “*God forbid that I should think to disparage the blessings of civilisation! I am a*

*woman, and to the progress of civilisation alone can we women look for release from many pains and penalties and liabilities which now lie heavily upon us.*⁵⁵

Nessa passagem, Jameson faz várias comparações entre civilização e barbárie, posicionando-se firmemente ao lado da “civilização”. Segundo Karen Morin⁵⁶, a aparente ambiguidade de certas mulheres viajantes com relação a ideia de civilização estava relacionada a uma posição reformista. Se posicionando como “guardiãs da moral”, essas mulheres podiam criticar: a “má influência” dos euroamericanos sobre as populações indígenas, condenando a conduta moral e sexual dos colonos, o consumo de álcool, a propagação de doenças através do contato com os brancos, as condições de vida nas reservas indígenas e a invasão de territórios indígenas, além do desrespeito dos tratados assinados por parte do governo ou dos colonos.

Dentro dessa retórica reformista, Jameson podia, de forma pontual, acusar moralmente os colonos das regiões de fronteira em suas relações com os povos indígenas: *“They see only their inferiority in the commonest arts of life; their subjection to our power; they condemn them, oppress them, cheat them, corrupt their women, and deprave them by the means and example of drunkenness.”*⁵⁷ Essa ambivalência discursiva com relação à “civilização” não significava, porém, uma rejeição desse paradigma, que continuava sendo defendido apesar dos contrapontos. Anna Jameson adota essa retórica reformista, insistindo particularmente nos efeitos nocivos do alcoolismo sobre homens indígenas. Para a autora, o paradigma a ser defendido era o da “assimilação” dos povos indígenas.

É a partir da conexão entre emancipação feminina, entendida como horizonte universal, e “progresso civilizatório” que Jameson constrói sua argumentação sobre a “falsa posição da mulher”. Para ela, a condição social da mulher europeia é “falsa”, porque não condiz com seu esquema de emancipação feminina progressiva. É nesse sentido que suas observações sobre a posição social das mulheres indígenas representam para ela uma incógnita que precisa ser reinscrita dentro da sua ideia de progresso, como veremos mais adiante.

⁵⁵ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 3, p. 196.

⁵⁶ MORIN, Karen M. *Frontiers of femininity: A new historical geography of the nineteenth-century American West*. Nova Iorque: Syracuse University Press, 2008, p. 151-153.

⁵⁷ JAMESON, op. cit., v. 2, p. 251.

A ideia de progresso para Jameson não se limita à associação com a providência. Seguindo um esquema similar à teoria dos quatro estágios de Adam Smith⁵⁸, o progresso para Jameson é uma linha temporal dividida em quatro etapas evolutivas demarcadas de acordo com as formas de produção: o estágio de caça e coleta; o estágio do pastoreio; o estágio da agricultura e, por fim, o estágio do comércio. A partir desse esquema Jameson classifica as populações que considera mais ou menos “selvagens”, sendo as mais propensas ao sedentarismo e a agricultura as mais próximas do seu ideal de civilização: “[...] *the Ottawas of Arbre Croche, who have a good deal of land in cultivation, and are more stationary and civilised than the other Lake Indians.*”⁵⁹

A classificação proposta por ela tem diversas implicações sobre a racialização das populações indígenas. Aqueles que encontra que demonstram aptidão para adotar as línguas, costumes, religião e modo de produção europeus são considerados apartados da lógica mais geral que previa a extinção dos povos indígenas. O lugar comum do “*vanishing indian*”⁶⁰, empregado pela autora, defendia que as populações indígenas caminhavam para um “desaparecimento natural”, sem fazer menção aos processos concretos de genocídio em curso.

Na passagem seguinte, Jameson discorre sobre a possibilidade de “civilização” dos povos indígenas.⁶¹ Em suas afirmações de cunho mais

⁵⁸ BIRKWOOD, M. S. “(D)ifferent sides of the picture”: four women’s views of Canada (1816-1838). 1997. Tese (Doutorado em Literatura) – Faculty of Graduate Studies, University of Western Ontario, London, 1997, p. 304.

⁵⁹ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 3, p. 50.

⁶⁰ MORIN, Karen M. British women travellers and constructions of racial difference across the nineteenth-century American West. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 23, n. 3, p. 311-330, 1998.

⁶¹ A ideia de “civilização” das populações indígenas no Canadá seguiu como um debate central da burocracia estatal ao longo do século XIX e XX. Em 1876, foi assinado o *Indian Act*, que tinha por objetivo implementar políticas assimilacionistas, regular as reservas e fundos indígenas, a educação e o próprio estatuto legal de indígena. O ato regulava as formas de governo das comunidades indígenas, excluindo a participação das mulheres indígenas da participação política, assim como padrões de comportamento, proibindo certas cerimônias e práticas religiosas. Enquanto legislação, o ato definia aqueles que tinham direito ao estatuto indígena, desconsiderando as formas das próprias comunidades de compreensão sobre a sua identidade. A mulher indígena perdia automaticamente o estatuto indígena, e os direitos associados a esse estatuto, quando se casava com um homem não-indígena, sendo os filhos do casal também não considerados indígenas, de forma que a sua identidade indígena somente era reconhecida através de suas relações com homens indígenas, em um modelo patrilinear. Outra política de cunho assimilacionista adotada no final do século XIX foi o sistema de “*Residential Schools*”, financiado pelo governo e administrado pelas igrejas, através do qual crianças indígenas eram separadas das suas comunidades e colocadas em internatos, que tinham por objetivo a “civilização” e conversão religiosa dos povos indígenas, suprimindo línguas, modos de saber, culturas e cosmologias indígenas. Estima-se que 150.000 crianças indígenas passaram por esses internatos entre 1883 e 1996. Seus testemunhos foram recolhidos e apresentados

generalizante ela adota o discurso de “extinção natural”, utilizando expressões como “*fated race*”. As descrições mais favoráveis de Jameson são reservadas para aqueles que ela apresenta como um exemplo de “assimilação”. Algumas de suas anfitriãs são descritas mais favoravelmente como cristãs piedosas, especialmente interessadas na conversão de seus povos ao cristianismo. Ainda assim, Jameson termina o trecho reiterando a vaga ameaça da “extinção natural”, que omite os processos concretos de genocídio indígena.

While in conversation with her, new ideas of the Indian character suggest themselves; new sources of information are opened to me, such as are granted to few, and such as I gratefully appreciate. She is proud of her Indian origin; she takes an enthusiastic and enlightened interest in the welfare of her people, and in their conversion to Christianity, being herself most unaffectedly pious. But there is a melancholy and pity in her voice, when speaking of them, as if she did indeed consider them a doomed race.⁶²

A partir daqui, veremos como Jameson discute noções de feminilidade no contexto colonial, por dentro de uma lógica racial/civilizacional. Para ela, a sociedade colonial construída na expansão das fronteiras sobre os territórios indígenas evidenciava o caráter artificial do discurso sobre a domesticidade e fragilidade da mulher de classe média britânica. Como vimos anteriormente, Jameson já criticava esse ideal a partir das próprias relações de classe dentro da Inglaterra, demonstrando que a expectativa de ócio doméstico da classe média sobre suas mulheres só era possível enquanto mulheres da classe trabalhadora estivessem nas fábricas e ocupando postos como empregadas domésticas.

No discurso colonial, um dos critérios utilizados para aferir o grau de civilização em dada sociedade era o gênero: quanto maior fosse a similaridade com relação aos padrões de gênero europeus, mais “civilizada” seria essa sociedade.⁶³ Segundo esse discurso, quanto mais a mulher fosse explorada com relação ao trabalho, menos civilizada seria aquela sociedade, tendo por parâmetro ideal de

à *Truth and Reconciliation Commission of Canada* (2008-2015), comissão da verdade destinada a recolher testemunhos das violações de direitos humanos cometidas contra pessoas indígenas dentro desse sistema educacional, incluindo diversas denúncias de violência física e sexual, para além da denúncia do seu caráter epistêmico.

⁶² JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 3, p. 69-70.

⁶³ BEDERMAN, Gail. *Manliness and civilization: A cultural history of gender and race in the United States, 1880-1917*. Chicago: University of Chicago Press, 2008, p. 25.

civilização a condição da mulher burguesa, que era vista como tendo a sua “fragilidade natural” protegida na Europa. Assim, frequentemente mulheres indígenas eram descritas como superexploradas nesse discurso, segundo o qual elas seriam “obrigadas” por seus parceiros, por meio da força física, a realizar trabalhos pesados.

É no contexto desse discurso que utilizava o gênero como uma das marcas do progresso civilizacional que devemos entender o esquema de Jameson. No entanto, a sua formulação não se encaixa perfeitamente nesse discurso. Para a autora, o gênero era também um fator de medição de progresso civilizacional, mas não para reforçar o padrão de domesticidade feminina de classe média britânica. De acordo com ela, o fator que organiza essa escala de progresso é um ideal liberal de emancipação feminina.

Contudo, para ela própria esse esquema é repleto de problemas. O primeiro problema que vamos analisar é o da condição da mulher branca de classe média. Para Jameson, a mulher burguesa estava em uma “falsa posição”, isto é, em uma posição que não condizia com seu esquema que equalizava “civilização” com emancipação feminina. Nesse sentido, seria duplamente falsa a posição da mulher burguesa: falsa porque não condizia com o esquema progressivo de emancipação e falsa no sentido de artificial, socialmente imposta.

A fronteira colonial representa para Jameson uma oportunidade de reinterpretar noções de gênero britânicas. Porém, se por um lado a sua interpretação tem um potencial relativamente transgressivo através da denúncia da artificialidade da imagem de feminilidade branca e burguesa, por outro lado reforça construções racistas que colocam as mulheres indígenas como um exemplo de um passado hipotético da condição da mulher branca de classe média.

Esse esquema parte de um dos lugares comuns do discurso colonial que constrói uma dissonância temporal entre colonizador e colonizado, através da “negação de contemporaneidade”.⁶⁴ Assim, o colonizado é visto como não compartilhando o presente do colonizador associado à “civilização”, mas sim confinado ao passado, representando um estágio temporal anterior ao qual se pode acessar nas zonas de fronteira. Formulações posteriores, na segunda metade do

⁶⁴ PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. Nova Iorque: Routledge, 2007, p. 63.

século XIX, vão reiterar esses tropos evolucionistas eurocêntricos a partir da linguagem da ciência sobre as “raças”.

Ao mesmo tempo, esse esquema de Jameson entra em choque com a sua narrativa de encontros com as populações indígenas. As condições sociais de mulheres indígenas muitas vezes não correspondem com a sua interpretação que as coloca como representantes de um passado de maior degradação da posição da mulher. Pelo contrário, diversas vezes Jameson se demonstra perplexa com exemplos que ela considera como positivos das condições das mulheres indígenas. O encontro cultural permite que a autora oscile em suas considerações sobre elas, mas seu esforço de conclusão será na direção de reafirmar seu esquema de emancipação progressiva da mulher.

Vejamos primeiro como a situação colonial tem um potencial disruptivo sobre as noções de gênero burguesas no discurso de Anna Jameson. Como visto acima, a autora compreende que a mulher burguesa estaria em uma “falsa posição”, por oposição implícita a uma “posição autêntica” da mulher na sociedade civilizada, que seria uma de igualdade com o homem branco burguês.

A fronteira colonial representa para a autora um exemplo interessante para desconstruir os padrões de gênero prescritos para a mulher burguesa. Isso porque esse contexto colonial retira as condições sociais necessárias para acomodar um padrão de comportamento que reforça ideias como a de fragilidade feminina. A ausência de mulheres brancas e a necessidade da sua imigração para a colônia, vista como potencialmente um fator de civilização, era um tópico comum do debate público canadense do século XIX especialmente nas regiões de fronteira.⁶⁵ Jameson apresenta diversas instâncias no relato em que os colonos reclamam da ausência de mulheres brancas. No trecho a seguir, Jameson reconta a história de um colono branco que morava em um assentamento afastado na região em torno do Lago Huron e a sua busca por uma esposa.

"Where," said he, "shall I find such a wife as I could, with a safe conscience, bring into these wilds, to share a settler's fate, a settler's home [...] I am becoming as rude and coarse as my own labourers, and as hard as my own axe. If I wait five years longer, no woman will be able to endure such a fellow as I shall be by that time—no woman, I mean, whom I could marry [...]"

⁶⁵ PERRY, Adele. *On the edge of empire: gender, race, and the making of British Columbia, 1849-1871*. Toronto: University of Toronto Press, 2001, p. 140.

Habituated to seek in woman those graces and refinements which I have always associated with her idea, I must have them here in the forest, or dispense with all female society whatever. With someone to sympathise with me—to talk to—to embellish the home I return to at night—such a life as I now lead, with all the cares and frivolities of a too artificial society cast behind us, security and plenty all around us, and nothing but hope before us, a life of "cheerful yesterdays and confident to-morrows"—were it not delicious? I want for myself nothing more, nothing better; but perhaps it is a weakness, an inconsistency! —I could not love a woman who was inferior to all my preconceived notions of feminine elegance and refinement—inferior to my own mother and sisters. [...] What could I do with that fair vision here?⁶⁶

O que Jameson faz com essa história é mostrar como especificamente a figura da mulher burguesa, é uma figura incongruente na fronteira colonial, descrita como um ambiente duro e isolado. A idealização do colono de uma mulher de classe média é muito provavelmente uma atribuição dela própria para corroborar o seu argumento. Essa mulher, que Jameson diz que ele desejava, é uma mulher burguesa “*of that grade in station and education, and personal attraction, which would content him*”⁶⁷, mas que ao mesmo tempo deveria ser dotada de “*sufficient energy of character to meet trials and endure privations*”.⁶⁸ A autora utiliza a figura do colono para mostrar como a mulher de classe média, enquanto figura associada ao ócio doméstico, não tinha espaço na fronteira colonial: “[...] *for a woman who cannot perform for herself and others all household offices, has no business here.*”⁶⁹

O cenário da fronteira colonial aparece nessa narrativa como incompatível com as características atribuídas à mulher de classe média, características essas que são apresentadas como artificiais. A autora usa o contexto canadense de fronteira para demonstrar que ideais de domesticidade e fragilidade da mulher de classe média não são intrínsecos a ela, mas resultado das condições sociais da Inglaterra e suas relações de classe. As mulheres que imigravam para o Canadá aparecem em seu relato como figuras descontentes e deslocadas, as quais ela descreve como “*many exiled princesses*”.

The case of this poor fellow with his discontented wife is of no unfrequent occurrence in Canada; and among the better class of

⁶⁶ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 2, p. 149-150.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 153.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 153.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 153-154.

settlers the matter is worse still, the suffering more acute, and of graver consequences. I have not often in my life met with contented and cheerful-minded women, but I never met with so many repining and discontented women as in Canada. [...] I have observed that really accomplished women, accustomed to what is called the best society [...] lamenting over themselves, as if they had been so many exiled princesses. Can you imagine the position of a fretful, frivolous woman, strong neither in mind nor frame, abandoned to her own resources in the wilds of Upper Canada?⁷⁰

Assim, o contexto colonial expõe em seu discurso que a condição da mulher burguesa e o papel de gênero associado a ela na Inglaterra são condições artificiais, socialmente construídas. Confrontada com as condições da fronteira colonial, essa figura associada à fragilidade é apresentada como deslocada. Jameson se pergunta, de forma abrangente, sobre os efeitos da definição de mulher segundo esses atributos: “[...] *to cultivate these, to make them, by artificial means, the staple of the womanly character, is it not to cultivate a taste for sunshine and roses, in those we send to pass their lives in the arctic zone?*”⁷¹

Para Jameson, essa “falsa posição” só poderia ser remediada com o acesso da mulher de classe média às profissões liberais. No primeiro volume do relato, Jameson defende atrizes de acusações de imoralidade relacionadas à sua profissão, afirmando que a casa de uma delas “*was a model of good order and propriety*”⁷². Com essa afirmação, Jameson buscava conciliar a defesa do acesso de mulheres de classe média ao mercado de trabalho com noções de respeitabilidade doméstica burguesa. Para ela, a posição de dependência financeira da mulher na relação matrimonial é que representa uma imoralidade:

How many wretched women marry for a maintenance! How many wretched women sell themselves to dishonour for bread!— and there is small difference, if any, in the infamy and the misery! How many unmarried women live in heart-wearing dependence;— if poor, in solitary penury, loveless, joyless, unendeared;—if rich, in aimless, pitiful trifling! [...] But the more paths opened to us, the less fear that we should go astray. [...] we know that hundreds, that thousands of women are not happy wives and mothers—are never either wives or mothers at all. The cultivation of the moral strength and the active energies of a woman’s mind, together with the intellectual faculties and

⁷⁰ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 2, p. 133-135.

⁷¹ *Ibid.*, v. 1, p. 203.

⁷² *Ibid.*, p. 52.

tastes, will not make a woman a less good, less happy wife and mother, and will enable her to find content and independence when denied love and happiness.⁷³

Segundo a sua argumentação, a posição social da mulher estaria intrinsecamente ligada à percepção da sociedade sobre a sua utilidade na esfera produtiva e, portanto, o maior acesso ao mercado de trabalho diminuiria a condição de dependência da mulher de classe média. A articulação do contexto colonial canadense feita por Jameson busca desnaturalizar a imagem da mulher burguesa, tirando-a do contexto social da Inglaterra e suas relações de classe. Dessa forma, Jameson conclui sobre a relação entre a mulher burguesa e o contexto colonial:

A weak, frivolous, half-educated, or ill-educated woman may be as miserable in the heart of London as in the heart of the forest. But there her deficiencies are not so injurious, and are supplied to herself and others by the circumstances and advantages around her.⁷⁴

Para além das mulheres brancas da sociedade colonial, Jameson também se dedica a pensar as condições das mulheres indígenas. Essa análise é importante, porque compõe a outra metade do seu discurso sobre a “falsa posição” da mulher burguesa europeia. Se a mulher de classe média britânica estava em uma posição artificial, considerando que essa posição não seria condizente com o “estágio civilizacional” no qual se encontrava, a posição social da “mulher indígena” era igualmente uma incógnita para o seu esquema de emancipação feminina associada ao progresso.

Em primeiro lugar, Jameson se pergunta se a mulher indígena corresponderia aos atributos de feminilidade europeus. Na passagem seguinte, a autora reconta a história de uma mulher indígena que teria perdido o seu filho. Na história, a mulher é dotada de “instinto materno” enquanto um atributo animal, concluindo com “*Here is the animal woman*”.

The maternal instinct, like all the other natural instincts, is strong in these people to a degree we can no more conceive than we can their quick senses. As a cat deprived of its kittens will suckle an

⁷³ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 2, p. 206-207.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 154-155.

animal of a different species, so an Indian woman who has lost her child must have another. “Bring me my son, or see me die!” exclaimed a bereaved mother to her husband, and she lay down on her mat, covered her head with her blanket, and refused to eat. The man went and kidnapped one of the enemy’s children, and brought it to her. She laid it in her bosom, and was consoled. Here is the animal woman.⁷⁵

Aqui vemos claramente aquilo que Lugones discute sobre a colonialidade do gênero, ou seja, a mulher racializada no contexto colonial é descrita como fêmea, mas não com atributos de feminilidade, estatuto geralmente exclusivo discursivamente às mulheres brancas. De acordo com Lugones:

Também é parte dessa história o fato de que só as mulheres burguesas brancas são contadas como mulheres no Ocidente. As fêmeas excluídas por e nessa descrição não eram apenas subordinadas, elas também eram vistas e tratadas como animais, em um sentido mais profundo que o da identificação das mulheres brancas com a natureza, as crianças e os animais pequenos. As fêmeas não brancas eram consideradas animais no sentido de seres “sem gênero”, marcadas sexualmente como fêmeas, mas sem as características da feminilidade.⁷⁶

As mulheres indígenas que não são descritas dessa forma são aquelas que Jameson percebe como sendo “mais próximas à civilização”. De origem ojibwe e irlandesa, uma de suas anfitriãs é descrita como uma figura excepcional, contrastada com as mulheres indígenas que ela já conhecera. As mulheres que se aproximam da sua concepção de “conversão” podem ser descritas como “*sister woman*”⁷⁷, dotadas de “*ladylike simplicity*”⁷⁸.

I must confess that the specimens of Indian squaws and half-cast women I had met with, had in no way prepared me for what I found in Mrs. MacMurray. [...] Her features are distinctly Indian, but softened and refined, and their expression at once bright and kindly. [...] She speaks English well, with a slightly foreign intonation, not the less pleasing to my ear that it reminded me of the voice and accent of some of my German friends.⁷⁹

⁷⁵ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 3, p. 240.

⁷⁶ LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar dos Tempos, 2020, p. 73-74.

⁷⁷ JAMESON, op. cit., p. 37.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 36.

⁷⁹ *Ibid.*, v. 2, p. 33-34.

O esquema progressivo/civilizacional de Jameson nem sempre é incontestado. Para a autora, diversos exemplos de mulheres indígenas aparecem como uma incógnita que momentaneamente coloca em questão a sua compreensão de que as mulheres indígenas representariam um estágio de maior “degradação feminina”. Em certos pontos, Jameson parece cogitar a possibilidade de que as mulheres indígenas tivessem maior autonomia e uma posição social relativa mais elevada que a das mulheres brancas burguesas da metrópole.

Essa possibilidade, porém, nunca é totalmente aceita por Jameson. Os exemplos levantados por ela são geralmente explicados como casos excepcionais que podem ser desconsiderados, já que ao final do relato a autora volta a afirmar esse mesmo esquema que associa emancipação feminina com progresso. Quando, ocasionalmente, Jameson atribui domesticidade e feminilidade às mulheres indígenas, a cena também é descrita com caráter de excepcionalidade. No trecho seguinte, Jameson descreve uma mulher indígena com a qual se hospedara. Para ela, a mulher tinha “virtudes domésticas” apesar de não ter contato com a “civilização”. A autora constrói uma cena na qual ela recebe cuidado dessa mulher quando estava doente, estabelecendo narrativamente uma relação de mãe e filha que se conclui com a reafirmação de uma hierarquia racial.

A woman of pure Indian blood, of a race celebrated in these regions as warriors and chiefs from generation to generation, who had never resided within the pale of what we call civilised life, whose habits and manners were those of a genuine Indian squaw, and whose talents and domestic virtues commanded the highest respect, was, as you may suppose, an object of the deepest interest to me. [...] I was not well and much fevered, and I remember she took me in her arms, laid me down on a couch, and began to rub my feet, soothing and caressing me. She called me Nindannis, daughter, and I called her Neengai, mother, (though how different from my own fair mother, I thought, as I looked up gratefully in her dark Indian face!)⁸⁰

À primeira vista, Jameson parece se impressionar com as anedotas que relata sobre as condições das mulheres de diversas nações indígenas, vislumbrando cenários de autonomia feminina. No trecho seguinte, Jameson contempla o exemplo

⁸⁰ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 3, p. 183-185.

de uma mulher indígena guerreira, o que ela enfatiza como extraordinário, além de exemplos de nações indígenas nas quais mulheres tinham participação política.

Heroic women are not rare among the Indians, women who can bravely suffer—bravely die; but Amazonian women, female amateur warriors, are very extraordinary; I never heard but of this one instance. [...] Female chiefs, however, are not unknown in Indian history. There was a famous Squaw Sachem, or chief, in the time of the early settlers. The present head chief of the Ottawas, a very fine old man, succeeded a female, who, it is further said, abdicated in his favour. Even the standing rule or custom that women are never admitted to councils has been evaded.⁸¹

Não se trata de homogeneizar ou essencializar as culturas das diversas nações indígenas americanas no que diz respeito às mulheres indígenas. Como defende Kim Anderson: *“Not idealize perfect gender equality, but certainly a context of more gender autonomy pre-contact which was eroded via colonization.”*⁸²

Essas possibilidades de autonomia das mulheres indígenas parecem frustrar a classificação evolutiva de emancipação vinculada à “civilização” defendida por Jameson. Segundo essa classificação, as sociedades menos “civilizadas” deveriam apresentar uma organização mais opressiva em termos de gênero. A confrontação com suas observações sobre as mulheres indígenas representa uma incógnita a ser explicada e reinscrita dentro desse esquema evolutivo, pois aceitar um maior grau de autonomia feminina entre aquelas sociedades que ela considerava não civilizadas e racialmente inferiores ameaçaria a sua crença no progresso. Essa perspectiva é especialmente preocupante para Jameson, pois é através desse esquema evolutivo que ela vislumbra melhores condições futuras para as mulheres de classe média na Inglaterra, classe na qual ela se situa.

As mulheres ojibwe, com as quais Jameson teve contato, podiam se separar de seus parceiros, eram responsáveis pela distribuição dos frutos da caça e pela construção das habitações para o inverno, produziam vestimentas e processavam os alimentos, que podiam comercializar. Segundo Priscilla Buffalohead:

⁸¹ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 3, p. 78-79.

⁸² ANDERSON, K. *A recognition of being, exploring native female identity*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade de Toronto, Toronto, 1997, p. 81.

Scattered references in the historical record on the role of women in the Ojibway subsistence economy noted with some frequency that women did a great deal of the hard and heavy work. Some observers began to fashion an image of the women as burden bearers, drudges, and virtual slaves to men, doing much of the work but being barred from participation in the seemingly more important and flamboyant world of male hunters, chiefs, and warriors.⁸³

O que Buffalohead menciona é um dos lugares comuns discursivos sobre as mulheres indígenas no século XIX. A mulher indígena era retratada na literatura anglo-saxã no século XIX segundo duas principais imagens: a “princesa indígena” e a “*squaw drudge*”.⁸⁴

A primeira imagem, cujo exemplo mais famoso é o de Pocahontas, era a de uma mulher indígena nobre que em dado momento salvava um homem branco e servia como mediadora cultural. Essa imagem é a de uma figura conciliatória, capaz de servir aos interesses coloniais, ser convertida, “civilizada”, ou então de fazer um sacrifício final pelo seu amante branco.⁸⁵ A segunda imagem, a “*squaw drudge*”, é a mais negativa desse par complementar e geralmente era representada em ilustrações com um tom de pele mais escuro. Essa mulher podia ser descrita alternativamente como superexplorada, selvagem, suja, promíscua, sem instinto materno ou alcoólatra. Diversas autoras criticam esse tipo de representação de mulheres indígenas na literatura canadense, como Janice Acoose.⁸⁶

A imagem da “*squaw drudge*” se inseria em um discurso específico que ligava gênero e civilização. De acordo com David Smits⁸⁷, esse discurso apresentava o homem indígena como “preguiçoso”, uma vez que não satisfazia as demandas do modo de produção capitalista. Nesse discurso, esse homem utilizaria da sua força física para submeter as mulheres indígenas a um sistema que explorava

⁸³ BUFFALOHEAD, Priscilla K. Farmers warriors traders: a fresh look at Ojibway women. *Minnesota History*, v. 48, n. 6, p. 236-244, 1983, p. 237.

⁸⁴ GREEN, Rayna. The Pocahontas perplex: The image of Indian women in American culture. *The Massachusetts Review*, v. 16, n. 4, p. 698-714, 1975.

⁸⁵ A ideia do amor entre o colonizador e a mulher colonizada é explorada por Mary Pratt. De acordo com a autora, a idealização erótica da zona de contato colonial permite transformar dentro da literatura as relações violentas de exploração sexual das mulheres colonizadas em um relato de amor romântico. Por oposição à violência, a submissão se constrói nesses relatos através de uma relação afetiva e voluntária. No entanto, o desfecho dessas histórias era quase sempre o fim da relação, sendo o europeu reincorporado à civilização e a mulher colonizada ou morre ou é abandonada.

⁸⁶ ACOOSE, Janice. *Iskwewak kah'ki yaw ni wahkomakanak: Neither Indian princesses nor easy squaws*. Toronto: Canadian Scholars' Press, 2016.

⁸⁷ SMITS, David D. The "squaw drudge": A prime index of savagism. *Ethnohistory*, p. 281-306, 1982.

o seu trabalho, sendo elas muitas vezes descritas como “burros de carga”, por realizarem trabalhos pesados, ou então como escravas de seus maridos.

Esse discurso, evidentemente, foi construído a partir de um total desconhecimento das relações sociais dos diversos povos indígenas e suas próprias concepções sobre trabalho. Esse discurso oferecia uma contra-imagem do ideal burguês de homem provedor e mulher restrita ao espaço doméstico. Segundo Karen Morin: “*Travelers frequently complained that Native women suffered from (Native) patriarchal oppression. With few exceptions, Native men appear in these texts as barbaric and lazy slave masters.*”⁸⁸

A mulher burguesa era compreendida como o ápice da condição da mulher, refletindo o ápice da civilização, uma vez que na “civilização” a mulher não seria coagida pela força física dos homens ao trabalho, tendo a sua “fragilidade natural” protegida. Inversamente, a “*squaw drudge*” era vista como um exemplo de degradação da mulher, forçada ao trabalho.

Anna Jameson faz comentários extensivos sobre essa figura. Para ela, a discussão sobre o estatuto social das mulheres indígenas é complicada. Por um lado, seguindo seu esquema progressivo de emancipação da mulher, Jameson poderia concordar com essa imagem de degradação feminina. Por outro lado, aceitar esse discurso por completo dependeria da adoção de uma argumentação que considerava como ideal a domesticidade da mulher burguesa, condição que já vimos que Jameson rejeita.

A argumentação de Jameson é a de que as mulheres indígenas efetivamente seriam exploradas, mas que “[...] *however hard the lot of woman, she is in no false position. The two sexes are in their natural and true position relatively to the state of society, and the means of subsistence.*”⁸⁹ Ou seja, a mulher indígena estaria numa posição degradante, mas em uma posição que seria condizente com seu “estágio de civilização” e, portanto, não estaria em uma “falsa posição”. Há alguns momentos, no entanto, em que a autora recua dessa interpretação.

I should doubt, from all I see and hear, that the Indian squaw is that absolute slave, drudge, and non-entity in the community, which she has been described. She is despotic in her lodge, and

⁸⁸ MORIN, Karen M. *Frontiers of femininity: A new historical geography of the nineteenth-century American West*. Nova Iorque: Syracuse University Press, 2008, p. 155.

⁸⁹ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 3, p. 303-304.

everything it contains is hers; even of the game her husband kills, she has the uncontrolled disposal. If her husband does not please her, she scolds and even cuffs him; and it is in the highest degree unmanly to answer or strike her.⁹⁰

É interessante notar que para Jameson esse discurso prevalente sobre a degradação das mulheres indígenas parte especificamente de um ponto de vista masculino, mesmo ela não sendo totalmente contra a argumentação. Na passagem seguinte, Jameson demarca como sua posicionalidade enquanto mulher influencia as suas considerações.

There is one subject on which all travellers in these regions—all who have treated of the manners and modes of life of the north-west tribes, are accustomed to expatiate with great eloquence and indignation, which they think it incumbent on the gallantry and chivalry of Christendom to denounce as constituting the true badge and distinction of barbarism and heathenism, opposed to civilisation and Christianity: — I mean the treatment and condition of their women. The women, they say, are “drudges,” “slaves,” “beasts of burden,” victims, martyrs, degraded, abject, oppressed; that not only the cares of the household and maternity, but the cares and labours proper to the men, fall upon them; and they seem to consider no expression of disapprobation, and even abhorrence, too strong for the occasion [...] Let but my woman’s wit bestead me here as much as my womanhood, and I will, as the Indians say, “tell you a piece of my mind,” and place the matter before you in another point of view.⁹¹

Para a autora, se por um lado a conclusão sobre as mulheres indígenas estaria correta, por outro lado ela partiria de uma incompreensão da divisão de trabalho entre os povos indígenas. O discurso que identificava o homem indígena como “preguiçoso” enquanto a mulher realizava trabalhos pesados não se verificava. Segundo Jameson, isso seria devido ao fato de que os homens europeus percebiam a caça como uma atividade de lazer ou esporte e não como trabalho, do qual dependia a sobrevivência da comunidade. A realização de trabalhos pesados por parte das mulheres indígenas aparece então como parte da divisão produtiva da comunidade, em uma relação de complementaridade.

As to the necessity of carrying burdens, when moving the camp from place to place, and felling and carrying wood, this is the

⁹⁰ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 3, p. 75.

⁹¹ *Ibid.*, p. 298-300.

most dreadful part of her lot; and however accustomed from youth to the axe, the paddle, and the carrying belt, it brings on internal injuries and severe suffering—and yet it must be done. For a man to carry burdens would absolutely incapacitate him for a hunter, and consequently from procuring sufficient meat for his family. Hence, perhaps, the contempt with which they regard it. And an Indian woman is unhappy, and her pride is hurt, if her husband should be seen with a load on his back; this was strongly expressed by one among them who said it was “unmanly;” and that “she could not bear to see it!”⁹²

Anna Jameson muito provavelmente se baseou em parte nas considerações de uma de suas anfitriãs, que a recebeu quando ela se hospedou em Sault Ste. Marie, a quem a viajante se refere como Mrs. Schoolcraft. Ela era uma mulher de origem ojibwe e irlandesa, casada com Henry Rowe Schoolcraft, agente do governo americano apontado para lidar com povos indígenas na região de Michigan e conhecido etnógrafo do período. Segundo David Smits:

Early historical records scarcely ever afford an Indian woman’s view of her condition by comparison to that of White women. An exception is a judgment ascribed to Mrs. Henry Rowe Schoolcraft, a half-breed Ojibwa familiar with sex roles and statuses in both her own and White society. The Indian woman’s position, she said, “compared with that of the man, is higher and freer than that of the white woman”.⁹³

Evidentemente, Jameson não chega a mesma conclusão comparando as posições das mulheres brancas e indígenas. Apesar de Jameson se contrapor pontualmente a imagens negativas de mulheres indígenas e reconhecer exemplos de autonomia dessas mulheres, de modo algum isso altera o seu esquema de progressiva emancipação da mulher de acordo com o “grau de civilização”. Esses exemplos de autonomia de mulheres indígenas são percebidos ou como excepcionalidades ou são simplesmente descartados, de modo a não perturbar a sua “ordenação emancipatória”, segundo a qual: “*The first step from the hunting to the agricultural state is the first step in the emancipation of the female.*”⁹⁴

Buscamos demonstrar nesse capítulo as interações entres as construções de gênero, raça e classe articuladas por Anna Jameson em seu relato de viagem.

⁹² JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 3, p. 303.

⁹³ SMITS, David D. The "squaw drudge": A prime index of savagism. *Ethnohistory*, p. 281-306, 1982, p. 297.

⁹⁴ JAMESON, op. cit., p. 304.

Jameson faz ao final do relato a sua conclusão sobre as posições sociais da mulher dentro do seu esquema progressivo de emancipação feminina. Como visto anteriormente, a concepção de que o gênero poderia ser usado discursivamente para atribuir diferentes “estágios de civilização”⁹⁵ está implícita no modelo de Anna Jameson, concepção relativamente comum na retórica do século XIX.

De forma similar, para Jameson a resposta para a “emancipação” das mulheres indígenas estava na incorporação à “civilização”, ainda que essa “civilização” não correspondesse naquele momento ao seu ideal de igualdade de gênero. No trecho a seguir, Jameson articula sua concepção de que o estatuto social da mulher estaria vinculado à sua força de trabalho e constrói duas imagens de contraste sobre dependência feminina: a “*squaw drudge*”, figura que ela mesma já tinha criticado ao longo do relato, e a “*turkish sultana*”. É interessante notar que ela admite variações entre as condições sociais de mulheres francesas, inglesas, germânicas e americanas e possibilidade de mudança histórica para as condições dessas mulheres, enquanto as figuras da “*squaw drudge*” e “*turkish sultana*” são imagens estáticas.

I must stop here: but do you not think, from the hints I have rather illogically and incoherently thrown together, that we may assume as a general principle, that the true importance and real dignity of woman is everywhere, in savage and civilised communities, regulated by her capacity of being useful; or, in other words, that her condition is decided by the share she takes in providing for her own subsistence and the well-being of society as a productive labourer? Where she is idle and useless by privilege of sex, a divinity and an idol, a victim or a toy, is not her position quite as lamentable, as false, as injurious to herself and all social progress, as where she is the drudge, slave, and possession of the man? The two extremes in this way are the Indian squaw and the Turkish sultana; and I would rather be born the first than the last:—and to carry out the idea, I would rather, on the same principle, be an Englishwoman or a Frenchwoman than an American or a German woman, — supposing that the state of feeling as regards women were to remain stationary in the two last countries—which I trust it will NOT.⁹⁶

⁹⁵ BEDERMAN, Gail. *Manliness and civilization: A cultural history of gender and race in the United States, 1880-1917*. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

⁹⁶ JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838. v. 3, p. 311-312.

Críticas às relações discursivas estabelecidas a partir do ponto de vista de mulheres brancas acerca das condições de opressão de mulheres racializadas não estão restritas, certamente, ao contexto do século XIX. Como afirma Buffalohead: “[...] *too many feminist scholars wear the same ethnocentric blinders as their male counterparts, viewing the study of the history of tribal women as valuable only insofar as it illuminates the origins of sexism in human society.*”⁹⁷

Diversos exemplos poderiam ser citados para ilustrar as relações entre um discurso feminista de finais do século XIX e as dinâmicas do imperialismo. Reformistas britânicas construíram imagens de mulheres indianas colonizadas como especialmente vitimizadas, as quais deveriam ser supostamente “ajudadas” por mulheres brancas, algo que só poderiam cogitar por dentro de relações de dominação colonial.⁹⁸⁹⁹

Antoinette Burton¹⁰⁰ chama esse paradigma de “*white women’s burden*”, explicitando o paralelo com um ideal de missão civilizatória por meio do qual mulheres brancas “ajudariam na emancipação” de mulheres colonizadas, entendidas como oprimidas em sociedades “tradicionais” ou “primitivas”. A pergunta evidente que se apresenta perante esse paradigma é: qual o significado de “emancipação feminina” por dentro de relações de dominação colonial? Ainda assim, Ware ressalta que esse discurso não era exatamente comum, sendo rara a percepção de uma “irmandade” por parte de mulheres brancas com relação a mulheres colonizadas.

No relato de Jameson, “emancipação” depende de uma incorporação à “civilização”. A “assimilação” é vista como possível segundo sua posição reformista, mas é frequentemente contraposta com imagens de “extinção natural” de populações indígenas. Ao longo desse capítulo, analisamos as construções discursivas de Anna Jameson em seu relato de viagem acerca da “condição feminina” a partir do *locus* da fronteira colonial. Nesse contexto, a fronteira pode ser construída pela autora tanto como um espaço de desestabilização de noções de feminilidade burguesa pautadas por concepções como a de fragilidade dos seus

⁹⁷ BUFFALOHEAD, Priscilla K. Farmers warriors traders: a fresh look at Ojibway women. *Minnesota History*, v. 48, n. 6, 1983, p. 236.

⁹⁸ CHAUDHURI, Nupur; STROBEL, Margaret (Ed.). *Western women and imperialism: Complicity and resistance*. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

⁹⁹ WARE, Vron. *Beyond the pale: White women, racism, and history*. Londres: Verso Books, 2015.

¹⁰⁰ BURTON, Antoinette M. The white woman's burden: British feminists and the Indian woman, 1865–1915. In: *Women's Studies International Forum*. Pergamon, 1990. p. 295-308.

corpos, denunciada por ela como artificial. Esse também é um espaço de construção de classificações hierárquicas sobre a “condição feminina” organizadas a partir de critérios raciais e noções de progresso e civilização.

Em primeiro lugar, analisamos como o discurso colonial era intensamente generificado e como autoras como Anna Jameson negociavam a sua posicionalidade no processo de escrita, influenciando desde aspectos formais à construção de cenas convencionais de relatos de viagem. Ao considerar o gênero como eixo de análise, é possível quebrar a ideia de um discurso colonial unívoco e homogêneo, que independe da posição específica do enunciador.¹⁰¹¹⁰² Se Jameson se insere dentro desse discurso, se alinhando a pressupostos de superioridade racial e civilizacional, ela o faz de forma distinta da maioria dos autores masculinos, com o propósito de repensar a condição da mulher burguesa na Europa. Como sustenta Gail Bederman, o discurso da civilização poderia ser mobilizado por pessoas com interesses diversos:

Yet as effective as “civilization” was in its various ways of constructing male dominance, it was never totalizing. People opposed to white male dominance invoked civilization to legitimize quite different points of views. Feminists pointed to civilization to demonstrate the importance of woman’s advancement.¹⁰³

Em segundo lugar, buscamos demonstrar como a construção do gênero no espaço de fronteira é estritamente racializada. A possibilidade de transgressão de noções de gênero burguesas no mundo colonial não pode ser desassociada da racialização das mulheres colonizadas. A construção de um discurso de “emancipação da mulher”, partindo do ponto de vista de uma mulher branca de classe média britânica que almeja igualdade com a condição do homem burguês, é atravessada por relações coloniais e depende da manutenção de um sistema classificatório racial.

As considerações de Anna Jameson acerca do gênero demonstram que o espaço da fronteira colonial poderia ser utilizado discursivamente de modo a

¹⁰¹ THOMAS, Nicholas. *Colonialism's culture: anthropology, travel, and government*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1994.

¹⁰² MILLS, Sara. *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*. Nova Iorque: Routledge, 1991.

¹⁰³ BEDERMAN, Gail. *Manliness and civilization: A cultural history of gender and race in the United States, 1880-1917*. Chicago: University of Chicago Press, 2008, p. 23.

reelaborar concepções da metrópole, sem negar o seu estatuto imperial enquanto “auge da civilização”. Nesse movimento, a autora pode observar a metrópole a partir da colônia e a colônia a partir da metrópole, sem minar a relação colonial. Como argumenta Bederman, mulheres racializadas podiam ser utilizadas no século XIX como uma representação simbólica da condição opressiva de um passado distante da mulher branca.¹⁰⁴ Assim, como veremos mais a fundo no próximo capítulo, a fronteira colonial pode representar uma espécie de passado da Europa ao qual se pode acessar momentaneamente, negando-se a contemporaneidade das duas partes.

A autorrepresentação de Jameson enquanto mulher só pode ser entendida de forma relacional com a construção de mulheres indígenas como “outras”. Nesse sentido, a suposta degradação da “mulher indígena” é interpretada pela autora como natural, enquanto a condição da mulher branca de classe média é entendida como “falsa”. Ao analisar as particularidades de relatos de viagem escritos por mulheres enquanto “olhos do Império” que precisam negociar tropos generificados do discurso colonial, é preciso se atentar não só para o seu lugar de enunciação, como também para a forma específica pela qual essas mulheres construíram discursivamente imagens de mulheres racializadas. Pensar tentativas de desestabilização ou reforço de compreensões de gênero europeias na fronteira colonial no século XIX significa pensar por dentro da lógica da colonialidade do gênero.

¹⁰⁴ BEDERMAN, Gail. *Manliness and civilization: A cultural history of gender and race in the United States, 1880-1917*. Chicago: University of Chicago Press, 2008, p. 38.

3

“Across Patagonia”: entre o “desaparecimento” indígena e o sufrágio feminino

Em 1879, Florence Caroline Douglas Dixie (1857-1905), uma aristocrata de origem escocesa, embarcou em uma viagem para a região da Patagônia, acompanhada de seu marido, seu irmão mais velho e seu irmão gêmeo, seu amigo Julius Beerbohm, que era autor de um outro relato sobre a Patagônia¹⁰⁵, além de empregados e guias locais. Ao retornar ao Reino Unido em 1880, a autora publicou um relato de viagem intitulado “*Across Patagonia*”¹⁰⁶. O objetivo da viagem, como explica a autora, era passar uma temporada caçando em uma região remota, que oferecia uma possibilidade de “escapar da artificialidade da vida moderna”. Desde o início, a viagem é apresentada como uma ideia sua: “*Precisely because it was an outlandish place and so far away, I chose it.*”¹⁰⁷ A autora descreve a sua decisão da seguinte forma:

Palled for the moment with civilisation and its surroundings, I wanted to escape somewhere, where I might be as far removed from them as possible. [...] when one wearies of the shallow artificiality of modern existence; when what was once excitement has become so no longer, and a longing grows up within one to taste a more vigorous emotion than that afforded by the monotonous round of society's so-called "pleasures."¹⁰⁸

A autora passou alguns meses caçando guanacos, avestruzes e outros animais com seus companheiros de viagem. Partiram de Liverpool em dezembro de 1878, passando por Pernambuco, Rio de Janeiro e Montevidéu, e atracaram finalmente em Punta Arenas. A partir dali, contrataram guias e saíram em uma expedição pelo interior, seguindo até as Torres del Paine e, por fim, retornaram até Punta Arenas pelo mesmo trajeto.

Florence Dixie foi uma escritora de origem aristocrática, filha do marquês de Queensberry, famosa por seu ativismo político em diversas causas, com as quais se

¹⁰⁵ BEERBOHM, Julius. *Wanderings in Patagonia; or, Life among the Ostrich Hunters*. Londres: Chatto and Windus, 1879.

¹⁰⁶ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 2

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 2

envolveu mais intensamente após a viagem descrita no relato aqui analisado. Nascida em 1855, foi criada em parte na Inglaterra e em parte na França e se casou em 1875 com Alexander Beaumont Churchill Dixie. Ao longo de sua vida, ela publicou poesia, relatos de viagem, artigos de jornal, romances utópicos e livros infantis. Se envolveu com a luta pelo sufrágio feminino na Inglaterra, aderindo à *National Union of Women's Suffrage Societies* (NUWSS).¹⁰⁹ A autora defendia não só o sufrágio, como também a igualdade de direitos no casamento e divórcio, a educação feminina, reformas no vestuário feminino, e uma alteração nas regras de sucessão monárquica britânica, de modo que o filho mais velho fosse o herdeiro do trono independente do gênero.

Além do seu envolvimento com a NUWSS, Dixie escreveu um romance utópico sobre o sufrágio feminino intitulado “*Gloriana; or, The Revolution of 1900*”.¹¹⁰ No livro, a protagonista consegue um lugar no parlamento britânico fingindo ser um homem e auxilia na vitória da causa do sufrágio feminino, terminando por se tornar primeiro ministro.

A autora defendeu diversas causas para além do sufrágio feminino, como a participação das mulheres no esporte¹¹¹, a defesa dos animais¹¹² e da autonomia política da Irlanda dentro do Império Britânico. Em 1881, partiu em viagem como correspondente do jornal “*Morning Post*” para cobrir a Primeira Guerra dos Bôeres (1880-1881) e os efeitos da Guerra Anglo-Zulu de 1879, que terminara com a vitória britânica sobre os zulus. Com base nessas experiências, publicou em 1882 seu outro relato de viagem, “*In the Land of Misfortune*”¹¹³, além de textos defendendo a restituição do líder zulu Cetshwayo kaMpande, exilado pelos britânicos após a guerra.¹¹⁴

¹⁰⁹ *National Union of Women's Suffrage Societies* (1897–1918) foi uma das maiores organizações dedicadas à questão do sufrágio feminino na Inglaterra na virada do século. Liderada por Millicent Fawcett e composta em sua maioria por mulheres de classe média, a NUWSS buscava atingir o sufrágio pressionando membros do parlamento britânico, fazendo lobby, promovendo petições e distribuindo panfletos. A NUWSS era vista como adotando uma posição moderada, em comparação com as estratégias de desobediência civil e ação direta da *Women's Social and Political Union* (1903-1917), fundada por Emmeline Pankhurst.

¹¹⁰ DIXIE, Florence. *Gloriana; or, The Revolution of 1900*. Londres: Henry & Co., 1890.

¹¹¹ A autora foi eleita presidente do *British Ladies Football Team* em 1895, time feminino de futebol.

¹¹² Ao longo do relato, veremos que Dixie se apresenta como uma esportista e excelente caçadora, frequentemente se colocando como melhor que seus companheiros masculinos. Ela foi conhecida como caçadora por um bom período, mas a partir de certo ponto mudou de opinião sobre a caça e passou a condenar a prática, publicando artigos em defesa dos animais, como o artigo “*The Horrors of Sport*”, publicado em 1891.

¹¹³ DIXIE, Florence. *In the Land of Misfortune*. Londres: Richard Bentley and Son, 1882.

¹¹⁴ DIXIE, Florence. *A Defense of Zululand and Its King*. Londres: Chatto and Windus, 1882.

O seu relato sobre a viagem à Patagônia se insere em uma tradição de relatos britânicos sobre a região que incluía autores como Charles Darwin (com quem a autora trocava cartas), Robert FitzRoy, Thomas Falkner, George Musters, William Henry Hudson e Julius Beerbohm (com quem ela viajou).

A antropóloga Mariela Rodríguez¹¹⁵ inclui o relato de Dixie nessa série de textos de viajantes britânicos sobre a Patagônia, aos quais acrescenta a tradição argentina de descrição sobre a região. Esse corpus literário, ela argumenta, construiu ao longo do século XIX discursos sobre o “desaparecimento” dos povos indígenas da região austral e teve grande importância na construção de classificações raciais, que informariam as ações do Estado argentino.

Alguns textos argentinos fundamentais dessa tradição foram “*La conquista de 15.000 leguas*” de Estanislao Zeballos (1878), obra encomendada para funcionar como justificativa e propaganda para a Campanha do Deserto que iria militarmente incorporar a região austral ao Estado argentino, e a obra de Ramón Lista, “*Los indios tehuelches: una raza que desaparece*” (1894), que cristalizou a tese do “desaparecimento” dos tehuelches¹¹⁶, perspectiva já presente em textos a partir da década de 1870.

Esses textos, dentre eles os relatos de viagem de autores britânicos, construíam “saberes” sobre a região austral implicados nas relações de negociação e disputa territorial sobre a fronteira. A circulação dos relatos de viagem britânicos, portanto, se dava também entre as elites criollas argentinas:

A lo largo del siglo XIX, algunos autores argentinos recurrieron a los relatos de los viajeros europeos para crear su propia versión de cómo era y cómo debía ser Argentina. La mirada británica,

¹¹⁵ RODRÍGUEZ, M. E. *De la "extinción" a la autoafirmación: procesos de visibilización de la comunidad tehuelche Camusu Aike (provincia de Santa Cruz, Argentina)*. Tese (Doutorado em Literatura e Estudos Culturais) – Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences, Georgetown University, Washington DC, 2010.

¹¹⁶ Sobre o termo “tehuelche”, a antropóloga Mariela Rodríguez explica: “*La crónica escrita por Antonio de Pigafetta en 1520 describe a los indígenas de la Bahía de San Julián como “gigantes” e informa que el líder de la expedición, Fernando de Magallanes, los bautizó con el nombre de “Patagones”. La idea de que había seres gigantes se mantuvo en el siglo XVIII, cuando el jesuita Thomas Falkner los llamó “tehuelhet” (en 1774). A fines del siglo XIX, fueron llamados “tsóneka”, “tsónik” o “chonik” por los exploradores (Lista, Musters, Schmidt y Claraz, entre otros), término que significa “nosotros los seres humanos” o “la gente”. En el siglo XX, Lehmann-Nitsche reutilizó el término tehuelhet de Falkner. Actualmente se autodenominan tehuelches, ya que es el nombre que se ha popularizado, aunque también se preguntan si deberían continuar utilizando este término, y algunas personas comienzan a identificarse como aonek’enk.*” Cf. RODRÍGUEZ, Mariela; HORLENT, Laura. *Tehuelches y selk’nam (Santa Cruz y Tierra del Fuego): no desaparecimos*. Buenos Aires: Ministerio de Educación y Deportes, 2016, p. 17.

reescrita en español por escritores criollos, funcionó como un espejo poco confiable de la realidad argentina que, no obstante, los criollos utilizaron con objeto de crear un proyecto nacional destinado a la elite letrada.¹¹⁷

Ao contrário da maioria dos autores que escreveram sobre a Patagônia nesse período, Dixie não tinha propósitos científicos, nem poderia ser descrita como membro daquilo que Mary Pratt chama de “vanguarda capitalista”.¹¹⁸ Essa era a posição de diversos autores de relatos de viagem sobre a América do Sul, que funcionavam como “batedores” do capital britânico, indicando possibilidades de exploração de recursos naturais, oportunidades de investimento e de imigração. O objetivo expresso de Dixie era caçar em uma região remota e escapar da rigidez social vitoriana.

Como veremos mais adiante, Dixie não tenta negociar a sua posição enquanto mulher na escrita do relato, simplesmente adotando as convenções literárias identificadas à masculinidade da retórica imperialista britânica. Diferente de Anna Jameson, a autodesqualificação no início do texto aparece apenas em um trecho irônico, não sendo apresentada como um recurso a ser levado a sério: “*The stern sex will possibly reprehend this exhibition of female fickleness of purpose. May I urge in its palliation that my weakness scarcely lasted longer than it has taken me to write this?*”¹¹⁹

Apesar de não se tratar de uma colônia *per se*, isso não impede que Dixie utilize uma retórica imperialista para descrever a Patagônia. A retórica de presença britânica na região, em conjunto com os interesses do capital britânico, permite a articulação de um discurso sobre uma área de influência, cuja descrição inclui convenções do discurso colonial. Para além desse interesse econômico, autores como Edward Said e Gayatri Spivak argumentam que o imperialismo figurava como elemento central na construção da subjetividade britânica na literatura do século XIX. Para Said, a literatura canônica britânica está repleta de alusões à geografia imperial, mesmo quando a narrativa não centralizava a temática colonial.¹²⁰ O autor argumenta que o imperialismo configurava uma “estrutura de

¹¹⁷ SZURMUK, Mónica. *Miradas cruzadas: narrativas de viaje de mujeres en Argentina, 1850-1930*. Cidade do México: Instituto Mora, 2007, p. 83.

¹¹⁸ PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. Nova Iorque: Routledge, 2007, p. 141-171.

¹¹⁹ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 5-6.

¹²⁰ SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

atitudes e referências” ligada ao desenvolvimento de uma identidade cultural britânica, podendo ser percebida em obras literárias ficcionais e não-ficcionais. Esse tipo de identidade se construía de forma contrapontual, dependendo da construção de alteridades.

Assim, uma “visão de mundo imperial”, enquanto sistema representativo, pode atuar, como atua em Dixie, em espaços que não são colônias formais, uma vez que os autores britânicos narram a si mesmos enquanto representantes da “civilização”, autorizados a descrever e apresentar regiões de fronteira para o público europeu. A episteme eurocêntrica que fundamenta esse olhar, apesar de particular, se constrói como universal.

Embora não se tratasse de um contexto colonial, a narrativa de Dixie está inserida em um contexto de produção cultural no qual paira uma “atmosfera cultural do império”. Segundo Spivak: “[...] *imperialism, understood as England’s social mission, was a crucial part of the cultural representation of England to the English.*”¹²¹ Ademais, ao trabalhar com o conceito de colonialidade, partimos do princípio de que se trata de um padrão de poder, que não se restringe ao colonialismo em si. Como explica Heloísa Buarque de Hollanda:

Enquanto o colonialismo denota uma relação política e econômica de dominação colonial de um povo ou nação sobre outro, a colonialidade se refere a um *padrão de poder* que não se limita às relações formais de dominação colonial, mas envolve também as formas pelas quais as relações intersubjetivas se articulam a partir de posições de domínio e subalternidade de viés racial.¹²²

Quando a autora faz a viagem, a região sul do continente passava por um contexto de genocídio indígena, sobre o qual Dixie não faz qualquer menção.¹²³ Estavam em curso processos de extermínio das populações indígenas da região austral do continente durante a “Conquista do Deserto” (1878-1885). Liderada pelo general Julio Argentino Roca e composta por cerca de seis mil soldados, essa campanha militar realizada entre 1878 e 1879 fez parte de um projeto de expansão

¹²¹ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Three women's texts and a critique of imperialism. *Critical inquiry*, v. 12, n. 1, p. 243-261, 1985, p. 243.

¹²² HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar dos Tempos, 2020, p. 16.

¹²³ SZURMUK, Mónica. *Miradas cruzadas: narrativas de viaje de mujeres en Argentina, 1850-1930*. Cidade do México: Instituto Mora, 2007, p. 97.

e conquista territorial pelo Estado argentino, demarcando a fronteira às margens dos rios Negro e Neuquén. Entre 1881 e 1885, Roca realizou novas expansões ao sul do Rio Negro. As diversas comunidades indígenas da região austral sofreram com extermínio, prisões, desmembramento de famílias, deslocamentos forçados, confinamento em “colônias”, supressão de costumes, saberes e práticas indígenas.

Miles de indígenas fueron prisioneros en el Tigre o en la isla Martin García, aún peor los grupos de indígenas tuvieron que luchar por el derecho a formar comunidad y por mantener la unidad de sus familias, la ‘destrribalización’ fue una acción concertada para facilitar la asimilación con la civilización, los grupos sometidos sobrevivientes fueron desmembrados distribuyendo mujeres y niños en trabajos domésticos y los varones adultos al servicio del ejército, la construcción y como mano de obra en las provincias azucareras o en Cuyo; otros terminaron en zoológicos humanos o en las vidrieras de museos [...] ¹²⁴

A viagem de Dixie, no ano de 1879, se deu durante a fase das ofensivas militares lideradas por Julio Roca, embora ela não mencione esse contexto no relato, fazendo uso de convenções mais genéricas sobre o “desaparecimento” dos tehuelches. Nesse capítulo, faremos uma análise do relato de viagem de Dixie, explorando principalmente as relações entre raça, classe e gênero na representação que a autora faz de si e na descrição que faz dos encontros com os tehuelches.

Buscamos demonstrar como a autora representa esse espaço de fronteira como, simultaneamente, um espaço de barbárie, no qual o horizonte das populações indígenas é o “desaparecimento”, e como uma “utopia de gênero”, construída a partir da posição de raça e de classe da autora. Nesse sentido, veremos como a construção de Dixie da fronteira como um espaço em que ela pode reivindicar igualdade de gênero está implicada em uma posição específica: a de uma mulher branca aristocrata, capaz de assumir aspectos da retórica imperialista britânica do século XIX. É por dentro dessa retórica e a partir do espaço da fronteira que a autora elabora discursos sobre emancipação feminina inseparáveis da lógica da colonialidade.

¹²⁴ MALDONADO, J. R. et al. Patagonia, territorio de los otros: consideraciones geográfico-políticas en la construcción de la nación Argentina. *Revista Geográfica Venezolana*, v. 56, n. 2, p. 269-290, 2015, p. 285.

3.1 “*Haunts of human beings*”: civilização, tempo e alteridade

Florence Dixie, certamente, não foi a primeira a descrever a fronteira, os pampas e a Patagônia como espaços opostos à “civilização”, identificada com o meio urbano, e para ela com a Inglaterra. Na literatura argentina, o grande marco para esse tipo de comparação pode ser encontrado na obra fundante de Domingo Faustino Sarmiento, “Facundo: civilização e barbárie” (1845). Embora construam argumentos diferentes, é importante mencionar que o deserto enquanto imagem discursiva já era um elemento comum na literatura argentina.

Nesse tipo de discurso, a região austral aparece como espaço de barbárie, identificado com a imagem do deserto. A produção do deserto enquanto imagem discursiva consiste em: “[...] *vaciar el desierto primero discursivamente, representándolo como un territorio disponible, y después desocuparlo materialmente.*”¹²⁵

A autora, porém, reservava a imagem do deserto principalmente para descrever a paisagem patagônica. A narrativa de viagem de Dixie mobiliza essas imagens de deserto, fazendo contrastes entre a fronteira, na qual ela busca “penetrar”, e Punta Arenas, local de partida de sua expedição, que se conecta por via marítima com a Inglaterra, o espaço “civilizado” por excelência, do qual ela pretendia se afastar momentaneamente. O que torna o relato de Dixie distinto é a forma como a autora vai reelaborar essa fronteira como um espaço onde pode reformar as relações de gênero da sua sociedade.

A linguagem empregada por Dixie faz uso de diversas descrições que ressaltam o caráter vazio e silencioso do deserto e geram “*a sense of utter loneliness and desolation*”.¹²⁶ Para ela, a Patagônia é vista como desoladora, melancólica e solene, caracterizada por sua monotonia em termos de paisagem, e por uma “*deathlike stillness*”.¹²⁷ A autora descreve: “*Desolate and dreary enough it looked, a succession of bare plateaus, not a tree nor a shrub visible anywhere; a grey, shadowy country, which seemed hardly of this world; such a landscape, in fact, as*

¹²⁵ NAVARRO, Pedro. El desierto y la cuestión del territorio en el discurso político argentino sobre la frontera Sur. *Revista Complutense de Historia de América*. 28: 139-168. CONICET y Universidad del Comahue, Argentina, 2002, p. 140.

¹²⁶ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 178.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 177.

one might expect to find on reaching some other planet.”¹²⁸ Ao finalizar a narrativa, ela se recorda da viagem:

As I write, these days come vividly to my mind again, and in fancy I once more behold that distant desert land,—the land of the lonely plains, where the guanaco and the ostrich and the Red Indians roam far from the ken of mankind, and where I spent a careless, happy time, which I can never forget. [...] I remember those grand mountain-scenes, where we traced the wild horse to his home, through beechwood glens, by lonely lakes, by mountain torrents, where no mortal foot had ever trod before me.¹²⁹

A alteridade construída pela autora produz distâncias extremas em termos raciais quando ela utiliza esse tipo de imagem. Ela descreve estar como em um outro mundo desolador, onde animais e “*Red Indians*”, duas figuras que parecem estar no mesmo plano, vagam longe do conhecimento da humanidade (da Europa). Discursivamente, Dixie mobiliza a imagem do “descobridor”, dizendo “*where no mortal foot had ever trod before me*”. Mas, como veremos mais adiante, ela também tem momentos em que constrói uma perspectiva um pouco mais dialógica na descrição de seus encontros com os tehuelches. Ainda no início da narrativa, a autora narra como seus amigos receberam a notícia de que ela estava indo para a Patagônia:

‘Why, you will be eaten up by cannibals!’ ‘What on earth makes you choose such an outlandish part of the world to go to?’ ‘What can be the attraction?’ ‘Why, it is thousands of miles away, and no one has ever been there before, except Captain Musters, and one or two other adventurous madmen’. [...] What was the attraction in going to an outlandish place so many miles away? The answer to the question was contained in its own words.¹³⁰

Dixie reconhece a tradição britânica de descrição da região em relatos de viagem, citando aqui George Musters, mas o faz somente para se inserir na categoria seleta de “loucos aventureiros”, se colocando em pé de igualdade com eles. Ao longo do relato, são feitas muito poucas referências a esses autores, de

¹²⁸ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 29.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 250.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 1-2.

modo que Dixie praticamente apaga essa intertextualidade, apresentando a si mesma como “descobridora”.

A sua descrição da chegada à Patagônia opera uma espécie de suspensão temporal. Entrar no espaço de fronteira, assumindo a figura do “descobridor”, requer uma compreensão de um tempo suspenso, no qual a cena do “descobrimento” pode se repetir. O tempo “progressivo” vinculado à “civilização” só volta a funcionar quando a viajante narra a sua volta para Punta Arenas. Nesse tempo místico e suspenso, é possível descrever cenas de primeiro contato, reencenando o encontro de Fernão de Magalhães.

The Tierra del Fuego itself was distinctly visible opposite, and at different points we could see tall columns of smoke rising up into the still air, denoting the presence of native encampments, just as Magellan had seen them four hundred years before, giving to the island, on that account, the name it still bears.¹³¹

Quando o navio que trouxera o grupo se afasta no horizonte, Dixie narra a cena como uma quebra na corrente da “civilização”, entrando em um estado próximo ao do sonho:

And now that the last link, as it were, of the chain which bound me to old England was gone, for the first time I began to fully realise the fact that we were ten thousand miles away from our home and our friends, alone amidst strange faces and wild scenes; and it required almost an effort to banish the impression that the whole thing was a dream, from which I was presently to awaken and find myself back in England again.¹³²

Sabemos pelo relato que o grupo saiu de Liverpool em 11 de dezembro de 1878 e chegou em Pernambuco em 28 de dezembro. Se até a chegada em Pernambuco, Dixie ainda oferece indicação das datas, quando o grupo parte para o interior a partir de Punta Arenas a descrição da passagem dos dias é suspensa. Durante a caçada a sucessão de eventos não é datada e, em alguns pontos, Dixie revela certa dificuldade em julgar a passagem do tempo.

O tempo retorna ao esquema progressivo somente ao final do relato, quando os protagonistas voltam para Punta Arenas e entram em contato com jornais e

¹³¹ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 42.

¹³² *Ibid.*, p. 34-35.

cartas: “*These letters seemed to bring us back to the world again, [...] which but the day before had seemed as remote to us as if we had quitted the earth altogether, and were living in some other planet.*”¹³³ Dixie descreve o retorno ao ponto de partida como se eles tivessem saído do planeta e só agora estivessem retornando.

Com a perspectiva da volta, o grupo entra em um processo de “recivilização”, se acostumando a usar garfo e faca novamente, a dormir sob um teto e em uma cama. A sua aparência precisa ser também “recivilizada”, sentindo necessidade antes de embarcar no navio de “*make ourselves look a little civilised*”.¹³⁴ Os rituais de higiene vitorianos são utilizados para refazer o caminho da “civilização”, com as implicações racistas que esse discurso carregava.¹³⁵

Our looks and garments were not out of keeping with our late life in the pampas, but, surrounded by cleanliness and civilisation, they were decidedly out of place. [...] Our clothes did not bear close inspection, the blood of many a guanaco, the grease of many an ostrich-dinner, the thorn of many a califate bush, had left their marks; and, altogether, a more ruffianly, disreputable lot than we looked it would be hard to imagine. But hot water, soap, and razors, and a change of raiment, did wonders; and when, after several hours' hard work, we met again we were scarcely able to recognise one another.¹³⁶

A suspensão do tempo na fronteira construída por Dixie tem ainda outro efeito: o confinamento discursivo dos povos indígenas ao passado, fazendo uso da imagem do “*vanishing indian*”. Nesse paradigma, figuras indígenas aparecem como fadadas ao “desaparecimento” em razão de sua “inferioridade racial”, geralmente de forma naturalizada e se apoiando na retórica do evolucionismo. Segundo Karen Morin:

The trope of the Vanishing American recalled a static, antihistorical romantic past, in which noble, picturesque people lived in simple harmony and peace, but were now, because of some immutable racial characteristics, destined for extinction. In

¹³³ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 239-240.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 239.

¹³⁵ Anne McClintock argumenta que produtos de higiene vitorianos, sendo o sabão um objeto principal desse discurso, eram apresentados em propagandas como símbolos de avanço racial e civilizacional. As marcas explicitamente utilizavam imagens colonialistas e racistas para investir o produto da “missão civilizadora”. Assim, a conquista colonial era também reencenada no âmbito do consumo doméstico. Cf. MCCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: Race, gender, and sexuality in the colonial contest*. New York: Routledge, 2013, p. 207-214.

¹³⁶ DIXIE, *op. cit.*, p. 242-244.

this trope, real living people have no place in the present and can only be imagined in relation to a split-off, archaeological past.¹³⁷

Esse procedimento de distanciamento temporal na construção da alteridade é chamado pelo antropólogo Johannes Fabian de “negação de contemporaneidade”.¹³⁸ Para Anne McClintock, esse tropo combina um avanço territorial (espacial) com uma espécie de volta no tempo, construindo uma zona pré-histórica racial. De acordo com a autora: “*Since indigenous peoples are not supposed to be spatially there – for the lands are “empty” – they are symbolically displaced onto what I call anachronistic space [...]*”¹³⁹ Em sua análise sobre temporalidade e colonialismo, Mark Rifkin similarmente aponta:

The representation of Native peoples as either having disappeared or being remnants on the verge of vanishing constitutes one of the principal means of effacing Indigenous sovereignties. Such a portrayal of Indigenous temporal stasis or absence erases extant forms of occupancy, governance, and opposition to settler encroachments. Moreover, it generates a prism through which any evidence of such survival will be interpreted as either vestigial (and thus on the way to imminent extinction) or hopelessly contaminated (as having lost—or quickly losing—the qualities understood as defining something, someone, or some space as properly “Indian” in the first place). [...] The temporal trick whereby Indians are edited out of the current moment—or cast as inherently anachronistic—emerges out of the refusal to accept the (geo)political implications of persistent Indigenous becoming, the ways that the presentness of Native peoples challenges settler claims to possession now and for the future.¹⁴⁰

As representações de Dixie, nesse sentido, devem ser entendidas em um contexto de construção dos povos indígenas como pertencentes ao passado, ou em vias de extinção: “*The Tehuelche is a race that is fast approaching extinction and even at present it scarcely numbers eight hundred souls.*”¹⁴¹ Considerando que a narrativa da autora tem como tema principal a caça, a própria linguagem utilizada

¹³⁷ MORIN, Karen M. *Frontiers of femininity: A new historical geography of the nineteenth-century American West*. Nova Iorque: Syracuse University Press, 2008, p. 149.

¹³⁸ JOHANNES, Fabian. *Time and the Other: How Anthropology Makes its Object*. New York: Columbia University Press, 1983.

¹³⁹ MCCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: Race, gender, and sexuality in the colonial contest*. Nova Iorque: Routledge, 1995, p. 30.

¹⁴⁰ RIFKIN, Mark. *Beyond Settler Time: Temporal Sovereignty and Indigenous Self-Determination*. Durham: Duke University Press, 2017, p. 5.

¹⁴¹ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 67-68.

constrói paralelos entre a busca por animais e a busca por indígenas tehuelches: “*In these solitary wanderings we came across no sign or vestige of the haunts of human beings, and few and far between were the animals that crossed our path.*”¹⁴² Em contraste com a realidade do genocídio, a autora apresenta uma linguagem romântica que fixa, metaforicamente, figuras indígenas no passado.

Nesse ponto, chamamos a atenção para a expressão “*haunts of human beings*”. A sua utilização invoca a figura do fantasma para simbolizar esse ser que está “prestes a desaparecer”. A linguagem da caça se combina o discurso de “desaparecimento indígena”, criando presenças elusivas. Para além do momento em que Dixie efetivamente visita os tehuelches, em diversos momentos ela utiliza uma linguagem que descreve os indígenas à distância, pouco além do horizonte, cuja presença pode ser vista somente pelas colunas de fumaça.¹⁴³ Assim, os tehuelche deixam traços, vestígios, como uma presença ausente.

Como aponta Renée Bergland, era comum na literatura anglo-saxã do século XIX a evocação de indígenas como fantasmas, “*representations of Indians as vanishing Americans and even as actual ghosts*”.¹⁴⁴ A autora descreve esse processo como um “discurso de espectralização”, a partir do qual uma remoção discursiva prefigura a remoção física dos povos originários. De acordo com Bergland, esse discurso está intrinsecamente ligado à desapropriação colonial dos territórios indígenas: “*the land is haunted because it is stolen.*”¹⁴⁵

A antropóloga Mariela Rodríguez compreende o relato de Dixie enquanto parte de um discurso mais amplo de “extinção” dos tehuelches, composto pelos relatos de viagem britânicos e argentinos sobre a região, segundo o qual os tehuelche eram “[...] *imaginados como espectros del pasado: “extintos” o en vías de extinción. Los indígenas que reciben a los viajeros-naturalistas en sus moradas son leídos como fósiles vivientes, vestigios futuros a ser albergados en museos.*”¹⁴⁶

¹⁴² DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 174.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 117

¹⁴⁴ BERGLAND, Renée L. *The national uncanny: Indian ghosts and American subjects*. Hanover: University Press of New England, 2000, p. 1.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 9.

¹⁴⁶ RODRÍGUEZ, M. E. *De la "extinción" a la autoafirmación: procesos de visibilización de la comunidad tehuelche Camusu Aike (provincia de Santa Cruz, Argentina)*. Tese (Doutorado em Literatura e Estudos Culturais) – Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences, Georgetown University, Washington DC, 2010, p. 119.

A “extinção” tehuelche foi sobretudo discursiva¹⁴⁷ e esse discurso não se limitou ao século XIX.¹⁴⁸ De acordo com a autora:

El “vaciamiento” de la Patagonia, producido discursivamente mediante dispositivos de invisibilización que sustentaron la supuesta “extinción” de los tehuelche y la chilenuzación de los mapuche, se sedimentó en los años previos a la “conquista” justificando las políticas territoriales de la triple ocupación — militar, con colonos europeos y con inversiones económicas— y la conversión de los indígenas en mano de obra asalariada incorporada a la economía capitalista.¹⁴⁹

No relato de Dixie, a perspectiva do “desaparecimento” dos tehuelches predomina. Porém, como argumenta Mónica Szurmuk¹⁵⁰, a autora alterna a perspectiva do “*vanishing indian*” e descrições essencialistas sobre “o tehuelche” com cenas de maior mutualidade observacional, nas quais a construção de alteridade com relação aos tehuelches oferecem oportunidades de repensar as relações sociais britânicas, como veremos mais adiante. Contudo, as cenas de mútua contemplação presentes no relato não fogem, em absoluto, de discursos de inferioridade racial.

We had not gone far when we saw a rider coming slowly towards us, and in a few minutes we found ourselves in the presence of a real Patagonian Indian. We reined in our horses when he got close to us, to have a good look at him, and he doing the same, for a few minutes we stared at him to our hearts content, receiving in return as minute and careful a scrutiny from him. Whatever he may have thought of us, we thought him a

¹⁴⁷ RODRÍGUEZ, M. E. *De la “extinción” a la autoafirmación: procesos de visibilización de la comunidad tehuelche Camusu Aike (provincia de Santa Cruz, Argentina)*. Tese (Doutorado em Literatura e Estudos Culturais) – Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences, Georgetown University, Washington DC, 2010, p. 65.

¹⁴⁸ Isso não significa negar os processos de extermínio indígena ocorridos no século XIX, mas reconhecer que desde então se construiu um discurso baseado na ideia de extinção e que a partir do século XX passou-se a interpretar pessoas indígenas como “descendentes”, não como “indígenas autênticos” por não corresponder a um conjunto de pressupostos essencialistas em termos de identidade. Perdura a ideia de que em Santa Cruz não existem indígenas, que são lidos como “descendentes”. É feita uma oposição entre os “*tehuelches extintos*”, lidos como “autênticos” e “*indios argentinos*”, e os mapuches, vistos como “estrangeiros”, violentos, “*indios chilenos*”. Organizações tehuelches contemporâneas reivindicam seus direitos, reafirmando “*no desaparecimos*”¹⁴⁸. Assim, o “desaparecimento” dos tehuelches pode ser explicado por três vias: uma extinção física, uma cultural (não corresponderiam mais às práticas culturais e linguísticas entendidas como “autênticas”) e uma biológica/racial (discursos de “degeneração racial”).

¹⁴⁹ RODRÍGUEZ, *op. cit.*, p. 107.

¹⁵⁰ SZURMUK, Mónica. *Women in Argentina: early travel narratives*. Gainesville: University Press of Florida, 2000.

singularly unprepossessing object, and, for the sake of his race, we hoped an unfavourable specimen of it.¹⁵¹

Szurmuk¹⁵² faz uma interessante análise sobre as representações dos tehuelches por Julius Beerbohm, ilustrador do livro e companheiro de viagem de Dixie. Em seu livro, Beerbohm apresenta o acampamento sem explicitar o seu ponto de vista. Já no relato de Dixie, ele introduz o ponto de vista da observadora para dentro da figura, ao invés de pretender apresentá-la de forma universal. Nessa ilustração, os tehuelches a observam ao mesmo tempo que ela os observa, apesar de Dixie estar em um plano mais elevado sobre o cavalo. Ainda mais interessante é a mulher tehuelche no canto direito da ilustração que está olhando, por trás do ombro, diretamente para o espectador da imagem.

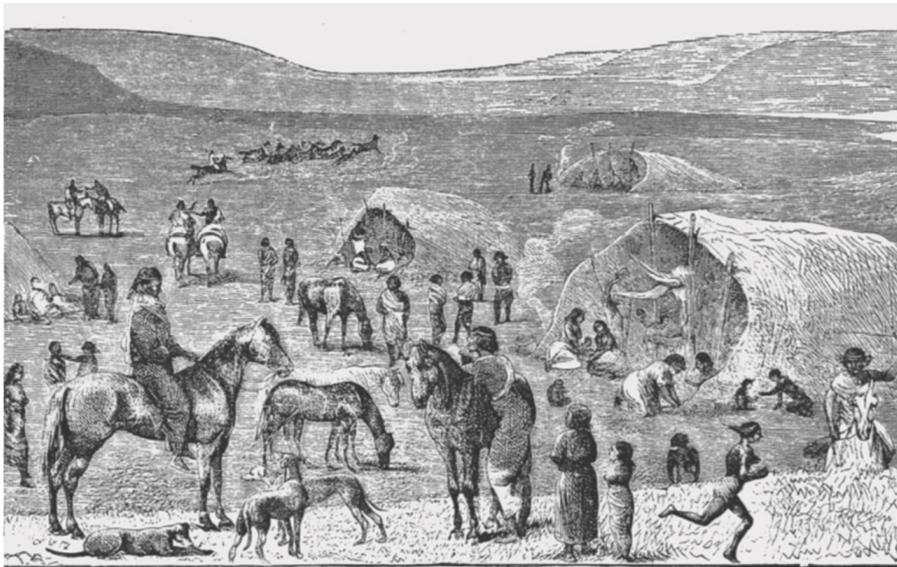


Figura 1 - “An Indian Camp.” Fonte: BEERBOHM, Julius. *Wanderings in Patagonia; or, Life among the Ostrich Hunters*. Londres: Chatto and Windus, 1879.

¹⁵¹ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p 63.

¹⁵² SZURMUK, Mónica. *Women in Argentina: early travel narratives*. Gainesville: University Press of Florida, 2000.

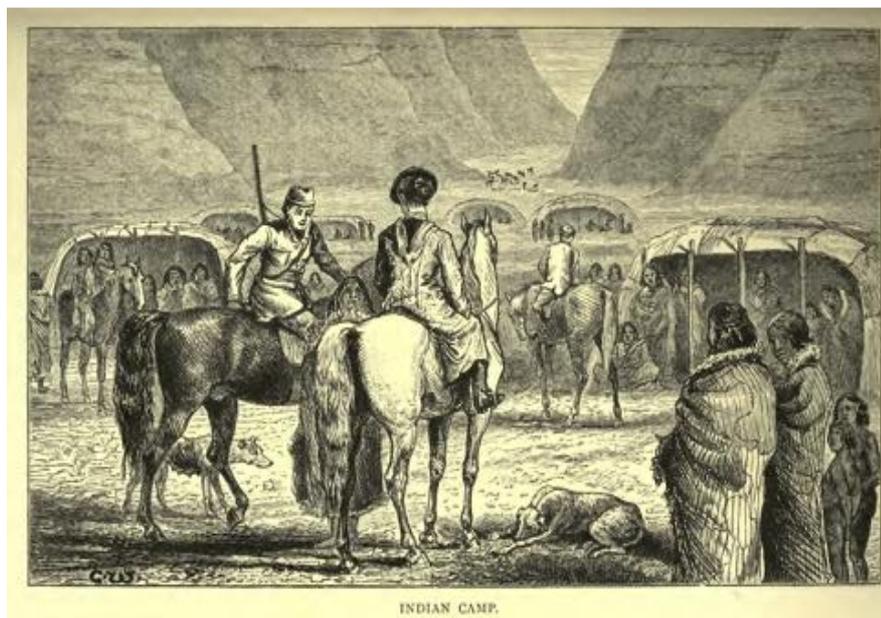


Figura 2 - "Indian Camp." Fonte: DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880

No entanto, se ao visitar o acampamento indígena Dixie descreve uma situação de mutualidade em termos de observação, quando tehuelches aparecem no acampamento do seu grupo eles são descritos majoritariamente como um incômodo do qual era preciso se livrar, antes que eles roubassem os seus suprimentos: “*We immediately jumped up and hurried out to inspect the new arrivals, not a little annoyed at the prospect of our privacy being intruded upon by these unwelcome guests.*”¹⁵³ Fica evidente, portanto, que não se trata de uma relação igualitária de observação. A contemplação mútua no relato de Dixie funciona como uma “mística de reciprocidade”. Mary Pratt utiliza esse termo para se referir a relatos de interação e curiosidade mútua entre observador e observado que idealizam reciprocidades, mas que, em última instância, não questionam ideias de superioridade europeia.¹⁵⁴

Talvez seja ainda mais interessante pensar na imagem que Dixie afirma ter sido destruída. A autora relata que Julius Beerbohm havia tentado pintar um retrato de um homem tehuelche, que ela descreve como um “nobre selvagem”. Entretanto, o homem se irrita ao ver a ilustração feita por Beerbohm e a destrói, desafiando a autoridade do grupo de representá-lo.

¹⁵³ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 184.

¹⁵⁴ PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. Nova Iorque: Routledge, 2007, p. 81-85.

Struck by his graceful bearing and well-bred looking face, I begged Mr. B., who had brought a sketch-book with him, to make a sketch of this handsome son of the pampa. During the process the young Indian never moved, and preserved a perfectly indifferent demeanour; but when the picture was finished, and given to him for inspection, his forehead contracted with anger, an expression of fear came in his eyes; he gave vent to some angry sounding gutturals, and finally, much to our annoyance, tore the portrait to pieces. He was under the impression that the object of making the sketch was to throw some evil spell over him, and that a misfortune would happen if it were not destroyed. Being relieved of this danger, his feelings regained their natural calm, and he grinned contentedly at our evident wrath at his high-handed proceeding.¹⁵⁵

Independente da interpretação dada por Dixie para as motivações do homem tehuelche para destruir o retrato, é notável o efeito que isso produz na narrativa. O seu poder de representar o outro é desautorizado e a imagem produzida é destruída. Dixie se sente afrontada pela reação do seu modelo, percebendo-a como fruto de superstição e “primitivismo”. Porém, fica implícito o desconforto com a possibilidade de questionamento sobre quem tem o poder de representar o outro, quebrando a suposta transparência do sujeito ocidental na descrição da alteridade.

Através dessas interações podemos recuperar a agência do “subalterno”: através da recusa da representação por parte daquele que “não pode falar e deve ser representado”.¹⁵⁶ É interessante notar a contraposição entre o ato da pintura, que é entendido como inofensivo pela autora, e a reação do homem tehuelche, que é vista como violenta e autoritária, quando a própria representação do homem indígena está envolvida nos sistemas classificatórios raciais europeus, desqualificando sistemas de saber em um ato de violência epistêmica.

Em síntese, a construção de alteridade feita por Dixie com relação aos tehuelches tem momentos em que ensaia uma maior igualdade de condições entre observador e observado, mas de forma geral representa a fronteira como um espaço de “desaparecimento” dos povos indígenas. Esse espaço é temporalmente suspenso, permitindo a Dixie adotar a posição de “descobridora” e, então, retornar à “civilização”. A animalização dos tehuelches é a contraparte dos momentos em que Dixie constrói cenas de reciprocidade observacional. Enquanto nas ilustrações (e na ilustração destruída), podemos ver os tehuelches enquanto capazes de olhar de

¹⁵⁵ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 71-72.

¹⁵⁶ SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

volta e negar representações, em diversos pontos do texto Dixie também faz uso de descrições racistas que animalizam os povos indígenas: “*Looking up the valley, we saw a dark mass moving slowly towards us. [...] 'That's not the Indians, but a herd of wild horses; we had better look out for our own!'*”¹⁵⁷

A fronteira, simultaneamente, é construída pela autora como um espaço para reelaborar a sua identidade enquanto mulher e reformar as relações de gênero britânicas. A Patagônia também é construída como um local onde ela pode questionar as hierarquias de gênero europeias. Veremos, a seguir, como a autora constrói esse espaço como uma “utopia de gênero”, principalmente em sua narrativa de caça, e como posteriormente a autora reelabora, de forma problemática, esse espaço na literatura infantil, buscando ensinar aos leitores igualdade de gênero a partir do *locus* da fronteira.

3.2 “*Perhaps it is from Patagonia that we are to have, in its final form, the gospel of the equality of the sexes*”: imaginando uma utopia de gênero branca na fronteira

Para Florence Dixie, o espaço de fronteira representa um deslocamento a partir do qual ela pode imaginar cenários de emancipação feminina no Reino Unido. A escrita do seu relato de viagem e de suas obras infantis é estruturada em torno de questionamentos sobre a posição social das mulheres britânicas. O relato de viagem insinuava e sugeria mensagens de igualdade de gênero, enquanto os livros infantis, publicados depois, tinham mensagens bem mais diretas e didáticas.

A inserção textual da autora nas convenções literárias dos relatos de viagem é bem menos conflituosa do que a de Anna Jameson, que vimos no capítulo anterior, e a de Mary Kingsley, que veremos no capítulo seguinte. A autora adota certos aspectos generificados da linguagem de exploração sem fazer qualquer mediação textual. Segundo Karen Morin¹⁵⁸, algumas viajantes aristocráticas não se viam obrigadas a adotar um tom autodesqualificador ou negociar sua presença na tradição literária de forma tão insistente como a maioria das autoras de relatos de viagem, que eram de classe média e estariam mais sujeitas a um discurso de

¹⁵⁷ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 184.

¹⁵⁸ MORIN, Karen M. *Frontiers of femininity: A new historical geography of the nineteenth-century American West*. Nova Iorque: Syracuse University Press, 2008, p. 86.

domesticidade burguesa. Seja por ser de uma posição de classe mais elevada ou por intencionalmente adotar um tom mais abertamente contestador em termos de gênero, Florence Dixie constrói a sua persona narrativa como igual, e mesmo superior em certos casos, aos seus companheiros de viagem, sendo ela a protagonista indiscutível dessa história de aventura.

Em certos pontos, a adoção dessa linguagem hegemônica da retórica imperialista gera efeitos complexos. Assumir o lugar do protagonista de uma narrativa de aventura e exploração implica adotar um conjunto de expressões que presumem um ponto de vista masculino.¹⁵⁹ Como observa Anne McClintock, a paisagem colonial era geralmente descrita como uma mulher, segundo um paradigma que ela chama de “*erotics of ravishment*”.¹⁶⁰ Segundo a autora:

Women are the earth that is to be discovered, entered, named, inseminated and, above all, owned. Symbolically reduced, in male eyes, to the space on which male contests are waged, women experience particular difficulties laying claim to alternative genealogies and alternative narratives of origin and naming.¹⁶¹

Nesse modelo descritivo, paisagens conquistadas eram apresentadas com uma linguagem erótica, criando o “descobrimento” enquanto uma fantasia sexual masculina, repleta de imagens de penetração e violação da natureza e de hipersexualização, ou disponibilidade sexual, de mulheres indígenas e mulheres negras. Como aponta Mónica Szurmuk: “*Los relatos de viajes sobre la Patagonia escritos por hombres siempre describían la región como si fuera una mujer, haciendo hincapié en lo vacío y lo estéril y enfatizando las posibilidades de penetración y fertilización.*”¹⁶² Dixie emprega esse estilo de descrição, descrevendo a natureza da região patagônica com termos como “*penetrate*”, utilizado frequentemente. Ao considerar a possibilidade de se tornar uma “descobridora”, Dixie comenta:

¹⁵⁹ MILLS, Sara. *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*. Nova Iorque: Routledge, 1991, p. 61.

¹⁶⁰ MCCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: Race, gender, and sexuality in the colonial contest*. Nova Iorque: Routledge, 1995, p. 22.

¹⁶¹ *Ibid.*, p. 31.

¹⁶² SZURMUK, Mónica. *Miradas cruzadas: narrativas de viaje de mujeres en Argentina, 1850-1930*. Cidade do México: Instituto Mora, 2007, p. 86.

To these attractions was added the thought, always alluring to an active mind, that there too I should be able to penetrate into vast wilds, virgin as yet to the foot of man. Scenes of infinite beauty and grandeur might be lying hidden in the silent solitude of the mountains which bound the barren plains of the Pampas, into whose mysterious recesses no one as yet had ever ventured. And I was to be the first to behold them!—an egotistical pleasure, it is true; but the idea had a great charm for me, as it has had for many others.¹⁶³

A possibilidade do “descobrimento” enquanto mulher aparece para Dixie como uma das formas de reivindicar igualdade de gênero com relação aos homens britânicos. Se muitos outros homens já teriam narrados a si mesmos como “descobridores”, Dixie sugere que não há razão pela qual ela também não possa querer assumir o papel. A autora frequentemente faz uso de termos como “*untrodden*” e “*unexplored*”, pretendendo construir a si mesma enquanto “descobridora”. A construção de si nesse papel implica, porém, em um apagamento não só da tradição de exploração masculina, mas também do apagamento dos povos originários enquanto sujeitos, ao dizer que a cordilheira jamais fora vista: “*no human eye had ever beheld them*”.¹⁶⁴

É preciso atentar, portanto, para o caráter racializado (branco) e de classe (aristocrático) da autora em suas reivindicações de igualdade de gênero, situando o discurso de Dixie no contexto da retórica imperialista. Como vimos no capítulo anterior, certas ativistas vitorianas mobilizavam discursos sobre emancipação feminina por dentro de relações imperiais, vinculadas a noções de superioridade racial.¹⁶⁵

Ao adotar o lugar do narrador de aventura imperial, a autora não tem grandes dificuldades em completar a cena do “*monarch of all I survey*”. Para descrever o território, e especialmente a Cordilheira dos Andes, a autora se apresenta enquanto protagonista desse olhar, principal observadora, e como argumenta Fernanda Peñaloza¹⁶⁶, assume o papel de apreciador estético capaz de representar o sublime, papel usualmente reservado exclusivamente ao homem. De acordo com Peñaloza, a narrativa de Dixie é construída como uma busca estética, na qual o olhar

¹⁶³ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 3.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 163.

¹⁶⁵ CHAUDHURI, Nupur; STROBEL, Margaret (Ed.). *Western women and imperialism: Complicity and resistance*. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

¹⁶⁶ PEÑALOZA, Fernanda. A Sublime Journey to the Barren Plains: Lady Florence Dixie’s across Patagonia (1880). *Limina*, v. 10, p. 81-97, 2004.

impulsiona a viagem, e, portanto, o texto, adiante. Esse ver não é uma ação passiva ou inocente, mas tem uma propriedade reivindicativa/aquisitiva, uma vez que a descrição da paisagem posteriormente se articula com os sistemas de produção de saber e poder europeus.

A conquista estética da paisagem sul-americana remonta ao exemplo fundamental do naturalista Alexander von Humboldt, cujas descrições fundem a retórica naturalista com um senso de deslumbramento, sendo a natureza associada ao sublime. A natureza “primitiva”, de certo modo atemporal, permite reencenar o “descobrimento”. Para Morin: *“This acquisitive quality to botanizing and landscape painting seems akin to hunting: nature is not just admired, but as some sort of trophy a sketch, a watercolor, a pressed specimen, a written description is obtained and brought back home.”*¹⁶⁷

Na Patagônia, as descrições da autora fazem um contraste entre imagens de deserto e a grandiosidade da cordilheira. Essa última pode ser vista por Dixie como se ela efetivamente fosse a primeira a observá-la, em um movimento que desconecta os povos indígenas da natureza observada. Apartada das lógicas culturais locais, a cordilheira é reinscrita em uma lógica europeia associada ao que era entendido como “alta cultura”:

For a long time after complete darkness had fallen over everything, I stood alone, giving myself up to the emotions the scene described awoke in me, and endeavouring, though vainly, to analyse the feeling which the majestic loneliness of Patagonian scenery always produced in my mind – a feeling which I can only compare – for it would be impossible for me to seize on any definite feature of the many vague sensations which compose it – to those called up by one of Beethoven’s grand, severe, yet mysteriously soft sonatas.¹⁶⁸

A persona narrativa que Dixie constrói no relato não apenas é capaz de “descobrir”, avaliar e descrever a paisagem da Patagônia, como também é protagonista de uma narrativa de aventura, gênero literário estritamente associado a imagens de masculinidade no século XIX.

¹⁶⁷ MORIN, Karen M. *Frontiers of femininity: A new historical geography of the nineteenth-century American West*. Nova Iorque: Syracuse University Press, 2008, p. 105.

¹⁶⁸ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 143.

A autora se apresenta enquanto um herói de narrativa de aventura. O senso geral que transmite é que ela compete em pé de igualdade com os outros homens do grupo, muitas vezes até tomando a liderança e desejando ser a primeira a matar: “*I had the selfishness, though I am sure sportsmen will excuse it, to wish to kill the first guanaco myself, and I was therefore by no means displeased to find that my companions had not as yet perceived us.*”¹⁶⁹ Em uma situação em ela não consegue tomar a liderança, ela se frustra: “*I was condemned to take the part of a spectator only, having lost the opportunity to become the “heroine of the day”.*”¹⁷⁰ Ainda assim, nunca o gênero é apresentado como fator impeditivo para o seu protagonismo narrativo e os homens têm muito pouca agência no relato. Segundo Karen Morin:

The Victorian adventure tale was a deeply gendered myth about a male hero who was courageous, strong, and persistent, in search of gold, land, or other “imperial dreams,” and who, directly or indirectly, promoted British overseas investment or immigration. Given the particular educational, religious, and administrative context of masculinities in Victorian Britain, colonial work itself was often constructed as an adventure for male colonial administrators, travelers, capitalist developers, or imperial military officers. Although the identity politics of colonialism often involved adventure for men, it was not as available to colonial women, who were often placed within the domestic sphere and whose jobs were to articulate with and maintain proper British households in the colonies.¹⁷¹

A retórica imperialista estava profundamente associada a representações de masculinidade e feminilidade, sendo alguns papéis narrativos de difícil acesso para as autoras de relatos de viagem. No que diz respeito à caça, a maioria das escritoras buscavam justificar a sua narrativa como acompanhantes dos seus maridos, descrevendo a si mesmas como personagens secundárias. Dixie, pelo contrário, busca utilizar esse espaço de fronteira para desconstruir imagens de fragilidade feminina. A imagem que constrói de si mesma apropria representações geralmente relacionadas a masculinidade – esportes, caçadas, proeza física – subvertendo

¹⁶⁹ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 91.

¹⁷⁰ *Ibid.*, p. 92.

¹⁷¹ MORIN, Karen M. *Frontiers of femininity: A new historical geography of the nineteenth-century American West*. Nova Iorque: Syracuse University Press, 2008, p. 67-68.

imagens de fragilidade feminina.¹⁷² Além disso, nas ilustrações do relato, Dixie aparece montando o cavalo de frente e não de lado, como era considerado socialmente adequado para mulheres na Inglaterra vitoriana.

Ela toma para si todas as atividades que, dentro da retórica imperial, eram reservadas ao masculino (descoberta, exploração, apreciação estética) sem sentir a necessidade de oferecer justificativas ao leitor, com o qual conversa em pé de igualdade. Quando Dixie fala no coletivo, buscando se aproximar do leitor, ela presume uma identidade comum de “*sportsmen*”. Diversas vezes a viajante apresenta a si mesma desfrutando do prazer do exercício físico da caça:

But when his blood is up, and the excitement of the chase at its highest pitch, what keen sportsman cares to crane or wonder what danger lies on the other side of the obstacle that confronts him? His only thought is to get forward and keep a front rank in the merry chase that goes gaily sweeping along.¹⁷³

Dixie vislumbra nesse cenário aquilo que Peñaloza chama de “*gender dreams of autonomy*”.¹⁷⁴ Mas como esse espaço de fronteira se torna uma “utopia de gênero”? A viajante explica que essa condição não está somente ligada a um escapar genérico do espaço de pressões sociais e costumes vitorianos, mas com sua percepção de uma alteração nas relações de classe naquele espaço. Em uma descrição que compara cenas de caça no Reino Unido e na Patagônia, Dixie enfatiza que o fato de não ter empregados domésticos à disposição na fronteira obriga todos a participar do trabalho igualmente, independente de gênero.

In England, on your return every day from hunting, you come home tired and weary, no doubt, but it is to a cosy hunting-box, where a warm room, a blazing fire, an easy arm-chair await you, with servants in plenty to attend to your wants, a refreshing hot bath, and the luxury of a clean change of clothes. But all this is not forthcoming on the pampa, and before you can rest, the whole business I have mentioned has to be gone through, everybody, no matter who it is, taking his or her share of work, while the thought of fatigue must be banished, and every one must put his shoulder to the wheel, and undertake and accomplish his separate task

¹⁷² STEARNS, Precious McKenzie. "The Right Sort of Woman": British Women Travel Writers and Sports. *Journeys*, v. 9, n. 1, p. 21-35, 2008.

¹⁷³ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 167.

¹⁷⁴ PEÑALOZA, Fernanda. A Sublime Journey to the Barren Plains: Lady Florence Dixie's across Patagonia (1880). *Limina*, v. 10, 2004, p. 94.

cheerfully and willingly. Only by so doing can things be kept going in the brisk orderly manner they should.¹⁷⁵

Dessa forma, não é somente uma perspectiva de superioridade racial ligada à retórica imperialista que contribui para a autorrepresentação de Dixie enquanto igual aos seus companheiros britânicos masculinos. Existe uma articulação de classe mobilizada em conjunto pela autora. Ela constrói o cenário de caça na Patagônia como um passatempo de sociabilidade aristocrática, deixando diversos signos disso ao longo do texto. O relato é dedicado ao príncipe Albert Edward de Gales, por exemplo.

Dixie identifica esse espaço como uma realidade de aventura e sobrevivência, onde não só ela pode realizar a caça como membro relevante do grupo, como também eles todos são obrigados a realizar “tarefas domésticas”, com as quais nem Dixie estava acostumada. Quando descreve cenas do acampamento, a culinária é sempre uma responsabilidade dos homens, cuja descrição é repleta de termos que buscam elevar a tarefa. Dois dos homens do seu grupo resolvem preparar um prato especial. Na descrição da sua tentativa fracassada, Dixie usa termos como: “*superiority in the culinary department*”¹⁷⁶ e “*high office of cook*”¹⁷⁷.

Na sua narrativa, outro ponto de comparação com a condição da mulher vitoriana pode ser encontrado na sua descrição sobre as mulheres tehuelches com quem se encontra. A descrição das relações familiares, hábitos quotidianos, cuidado com as crianças entre outros temas não eram comuns nos relatos de viajantes masculinos sobre a região, de modo que a abordagem de Dixie revela uma maior atenção a temas vistos como “femininos”. Mónica Szurmuk¹⁷⁸ nota que as descrições de Dixie sobre as mulheres tehuelches funcionam como um contraponto implícito para as relações sociais na Inglaterra em termos de gênero, levantando temas como infidelidade masculina, educação infantil e relações conjugais.

As descrições da autora também conversam com a imagem da “*squaw drudge*”, a imagem da mulher indígena superexplorada que abordamos no capítulo anterior. Para Dixie, as mulheres tehuelches realmente estariam encarregadas da maior parte do trabalho na comunidade, sendo os homens tehuelches caracterizados

¹⁷⁵ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 170-171.

¹⁷⁶ *Ibid.*, p. 124.

¹⁷⁷ *Ibid.*, p. 125.

¹⁷⁸ SZURMUK, Mónica. *Women in Argentina: early travel narratives*. Gainesville: University Press of Florida, 2000.

pela “preguiça”. Contudo, essa caracterização é vista pela autora, ao menos aqui no relato de viagem, como uma situação injusta, mas não absolutamente opressiva. A sua visão de uma desigualdade na divisão produtiva é balanceada com uma descrição idealizada de harmonia conjugal, descrição que não corresponde ao modelo descritivo da “mulher indígena” como submetida à força pelo parceiro.

As relações familiares são apresentadas por Dixie como ideais: o casamento é respeitado e os pais demonstram afetividade para com as crianças, paradigmas implicitamente contrastados favoravelmente com o que ela percebe na Inglaterra. Szurmuk observa que a própria utilização de termos como “esposos” e “matrimônio” era incomum nos relatos que descreviam os tehuelches: “*La mayoría de los escritores de relatos de viajes se refieren a este tipo de relación entre los indios como “macho y hembra” o “compañeros salvajes”.*”¹⁷⁹ A utilização de termos como “macho e fêmea” para descrever os tehuelches remete à lógica da colonialidade do gênero, segundo a qual processos de racialização e animalização atribuem diferenciação sexual aos povos indígenas, mas não os incluem nas concepções de “feminilidade” e “masculinidade” europeias.

As mulheres tehuelches são vistas positivamente por Dixie como laboriosas, condição que será completamente reinterpretada nos próximos livros da autora, como veremos mais adiante. Dixie descreve a divisão do trabalho no acampamento que visita:

But it is only the men who are cursed or blessed with this indolent spirit. The women are indefatigably industrious. All the work of Tehuelche existence is done by them except hunting. When not employed in ordinary household work they busy themselves in making guanaco capas, weaving gay-coloured garters and fillets for the hair, working silver ornaments, and so forth. Not one of their least arduous tasks is that of collecting firewood, which, always a scarce article, becomes doubly hard to find, except by going great distances, when they camp long in one place. But though treated thus unfairly as regards the division of labour, the women can by no means complain of want of devotion to them on the part of the men. Marriages are matters of great solemnity with them, and the tie is strictly kept. Husband and wife show great affection for one another, and both agree in extravagant love of their offspring, which they pet and spoil to their hearts' content.¹⁸⁰

¹⁷⁹ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. Londres: Richard Bentley and Son, 1880, p. 94.

¹⁸⁰ *Ibid.*, p. 68-69.

Segundo o paradigma da “*squaw drudge*”, sociedades indígenas eram descritas como contra-imagens negativas da família burguesa, vista como símbolo de “civilização”. Na descrição de Dixie, no entanto, a contra-imagem que ela produz ressalta os aspectos positivos das relações familiares dos tehuelches, não aderindo completamente ao discurso da “mulher indígena” enquanto vítima. Será somente em seus livros infantis que a mulher tehuelche será descrita como vivendo em uma situação opressiva, da qual teria que se libertar.

A sua construção do espaço de fronteira como utopia de gênero, portanto, não está relacionada somente a sua liberdade de agir como os homens do seu grupo na caça sem questionamentos, mas também às possibilidades imaginadas por Dixie no encontro com mulheres tehuelches.

As representações de Dixie sobre as mulheres tehuelches no relato de viagem foram reelaboradas nos livros infantis que ela publicou posteriormente. A autora continuou ainda em mais dois livros transformando esse território de fronteira em um local para reelaborar suas compreensões de gênero. Se os tehuelches no relato de viagem foram representados como “em vias de extinção”, nos seus livros ficcionais seguintes Dixie constrói uma narrativa na qual eles são reconfigurados para servir como paralelo para as suas narrativas de emancipação feminina. Tendo construído a fronteira patagônica como uma utopia de gênero em seu relato de viagem, em seus livros infantis posteriores Dixie utiliza a Patagônia como um espaço pedagógico, no qual ela pretende ensinar igualdade de gênero para crianças britânicas.

Dez anos depois da sua viagem, a autora publicou uma duologia de livros infantis de aventura que se passam na Patagônia: “*The Young Castaways; or, The Child Hunters of Patagonia*”¹⁸¹ e “*Aniwee; or, The Warrior Queen*”.¹⁸² No primeiro livro, dois irmãos gêmeos, Topsy e Harry, que estavam a caminho de encontrar seu pai no Chile, se veem perdidos na Patagônia após um naufrágio. Foram presos pelos tehuelches, que suspeitavam que eles fossem argentinos, o que eles negam veementemente. Então, os irmãos conhecem uma menina tehuelche chamada Aniwee. Ao longo da história, Topsy se mostra tão capaz, na verdade mais capaz, do que seu irmão Harry.

¹⁸¹ DIXIE, Florence. *The Young Castaways; or The Child Hunters of Patagonia*. Londres: John F. Shaw and Company, 1889.

¹⁸² DIXIE, Florence. *Aniwee; or The Warrior Queen*. Londres: Henry and Company, 1890.

Aniwee, por sua vez, luta contra o “sexismo” que sofre entre os tehuelches e termina a história se tornando uma “rainha guerreira” dos “araucanos”¹⁸³, depois que seu marido fora supostamente morto em uma emboscada tramada pelos brancos argentinos que o convidaram para um “*parlamento*”. A perspectiva de ter uma “rainha” é descrita como um “trunfo”:

Surely this was a triumph for Aniwee. Barely over the age of sixteen, and yet indeed a Warrior Queen— Queen of a mighty tribe, famed far and wide for its valour and its deeds of daring and renown. Yet was Aniwee equal to the occasion. Her power was absolute, her word law, her army efficient and devoted. Little had Aniwee dreamt, only three years previously, when she chafed and fretted at her seemingly useless life in the Patagonian *toldos* of her father Gilwinikush, that in so short a time would she wield power over so magnificent a people as the Araucanians.¹⁸⁴

Na continuação, os irmãos retornam à Patagônia e se reencontram com Aniwee. Apesar de ter sua posição consolidada, um inimigo masculino, Inacayal, conspira secretamente com o intuito de sequestrar a filha dela e assumir ele mesmo o posto. Após múltiplos sequestros, terremotos, avalanches, lutas com seres gigantes e lendários, descobrirem que o marido de Aniwee não estava realmente morto, e quase serem soterrados em uma mina de ouro, a história termina com uma guerra entre os “araucanos” e a população branca que avançava sobre a fronteira.

Nesses livros, aquilo que no relato ainda aparecia como sugestão de igualdade de gênero se torna bem mais explícito, em tom pedagógico. A narradora comenta sobre como Aniwee ensinara o marido sobre os direitos da mulher indígena: “*Then I thought of thee, Aniwee, and all that thou hadst striven to teach thy Piñone, as to the rights of the Indian women to share alike in all things with the men, and I saw how wisely thou hadst spoken.*”¹⁸⁵

Antes de analisar o seu discurso, vale mencionar que narrativas de aventura protagonizadas por meninas não eram comuns na literatura infantil britânica do século XIX. De forma geral, os livros eram escritos com um público bem demarcado em termos de gênero, sendo as narrativas de aventura normalmente protagonizadas por meninos e direcionadas ao público masculino, e os livros para

¹⁸³ A autora utiliza o termo “araucano” para se referir aos mapuches.

¹⁸⁴ DIXIE, Florence. *Aniwee; or The Warrior Queen*. Londres: Henry and Company, 1890, p. 203.

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 164.

meninas tinham um tom mais sentimental reforçando as concepções sociais de feminilidade e masculinidade. Revistas do período, como a “*The Boy’s Own Paper*”, demarcavam bem essa divisão nos próprios títulos que orientavam conteúdos para meninos e para meninas.¹⁸⁶

Além disso, as narrativas de aventura de finais do século XIX estavam implicadas na geografia imperial e muitas se passavam nas colônias, sendo grandes exemplos as obras de H. Rider Haggard, Rudyard Kipling e Edgar Rice Burroughs. De acordo com Seth Lerer: “*Recent critics of this kind of literature have made much of the imperial imagination, of the sports ideal, and of the material and social culture that gave rise to easily affordable newspapers, books, and magazines to feed the fantasies of British boys.*”¹⁸⁷

Gail Bederman¹⁸⁸ observa que a partir da década de 1890, essas narrativas de aventura fizeram parte de uma reestruturação de concepções de masculinidade, passando de um ideal de autocontenção do homem vitoriano, o burguês sério e responsável capaz de administrar sua família, para uma concepção de masculinidade orientada pela força física. A nova imagem de masculinidade de classe média passava a ser identificada com uma maior agressividade, corpo musculoso e uma sexualidade predatória, associada a uma ideia de “primitivismo”. Para tal, essas narrativas constantemente buscavam “revitalizar” o homem, na literatura infantil o menino, que estaria sofrendo um processo de decadência (feminilização) por um excesso de civilização. Nos espaços coloniais, na selva, no contato com a natureza, o menino branco seria capaz de se reconectar com uma “masculinidade primitiva”.

Florence Dixie vai contra esses pressupostos de masculinidade das narrativas de aventura e declara no prefácio que seus livros foram escritos para serem lidos por meninos e meninas. Suas histórias buscam, pelo contrário, refundar nesse espaço de fronteira a sociedade britânica segundo uma lógica de igualdade de gênero. Enquanto a maioria dos autores de aventura tentavam refundar a masculinidade em cenários de fronteira, Dixie utiliza esse espaço para ensinar

¹⁸⁶ PEÑALOZA, Fernanda; WILSON, Jason; CANAPARO, Claudio (Orgs.) *Patagonia: Myth and Realities*. Berna: Peter Lang, 2010, p. 90-92.

¹⁸⁷ LERER, Seth. *Children’s literature: A reader’s history, from Aesop to Harry Potter*. Chicago: University of Chicago Press, 2009, p. 160.

¹⁸⁸ BEDERMAN, Gail. *Manliness and civilization: A cultural history of gender and race in the United States, 1880-1917*. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

igualdade de gênero aos leitores. Fiona Mackintosh, porém, nota que: “[...] *it is deeply ironic that in the endpages of this self-same book, where the publisher advertises other titles, The Young Castaways appears top of the list under “Capital Stories for our Boys”*.”¹⁸⁹

Nesse contexto, Dixie narra as aventuras das duas protagonistas, Topsy e Aniwee, inserindo mensagens de igualdade de gênero. Aniwee, por exemplo, declara no primeiro livro: “*a girl can be as brave, aye, braver, than a boy; a woman as great, aye, greater, than a man*”¹⁹⁰ e “*a woman can be both a warrior, a hunter, or cacique, and yet be a woman still.*”¹⁹¹ Não somente as mensagens de Dixie ficam mais explícitas, como sua descrição dos tehuelches também muda de acordo com seus propósitos.

Enquanto no relato de viagem as mulheres tehuelches são vistas como trabalhadoras, mas sem recair totalmente no estereótipo da “*squaw drudge*”, nos livros infantis a situação já é bem diferente. Como o objetivo de Dixie nesses livros é contar histórias paralelas de emancipação feminina, tanto os tehuelches quanto os “araucanos” são descritos como sociedades estritamente patriarcais, servindo de espelho para a Inglaterra. Quando Topsy apresenta sua prima para Aniwee, dizendo que ela gostaria de ser marinheira, caso as leis da Inglaterra assim o permitissem, a rainha pergunta:

“Then women, too, are slaves in the great white land, the same as my father's people are?” inquired the Indian girl, with a bitter smile.

“Oh no, Aniwee!” answered Topsy quickly; “not slaves. For you see, Aniwee, unlike the Patagonian women, they don't do the whole work of the nation. The men have to work, too, and not simply feast, hunt, and make war as your father's men do. All the same, women in our country can't be warriors, or be sailors on ships, or attend Parliament. That is what my brother means.”

“And don't they want to be warriors, and sea Caciques, and attend Parliamentos?” again inquired the young Queen.

“Some do, Aniwee,” replied Topsy. “I, for instance, and my cousin Mary, would like to be sea Caciques. But we must alter the laws before we can become so. Great changes often come quickly, however. If, four years ago, the Araucanians had been told that a woman would reign over them, they would have

¹⁸⁹ MACKINTOSH, F. Travellers' tropes: Lady Florence Dixie and the Penetration of Patagonia. In: PEÑALOZA, Fernanda; WILSON, Jason; CANAPARO, Claudio (Orgs.) *Patagonia: Myth and Realities*. Berna: Peter Lang, 2010, p. 92.

¹⁹⁰ DIXIE, Florence. *The Young Castaways; or The Child Hunters of Patagonia*. Londres: John F. Shaw and Company, 1889, p. 136.

¹⁹¹ *Ibid.*, p. 217-218.

laughed to scorn the very idea. Yet, behold your little girl is head Cacique of the great Warrior tribe, and you are the Queen-Regent. Would this great people have acted thus if they had not recognised in you a fearless ruler and an undaunted warrior?"¹⁹²

Agora, portanto, os tehuelches aparecem como uma sociedade patriarcal, na qual as mulheres indígenas seriam praticamente escravas e não teriam quaisquer direitos.¹⁹³ Existe, apesar do paralelo, um distanciamento bem evidente entre as condições sociais da mulher britânica e da mulher tehuelche nessa comparação. Quando Aniwee interpreta as duas situações como parecidas, prontamente Topsyie retruca afirmando que não: embora as mulheres britânicas não pudessem assumir certas posições (condição a ser mudada através da reforma de leis, segundo um ponto de vista liberal), as mulheres indígenas seriam muito mais exploradas, uma vez que elas estariam realizando todo o trabalho na sua sociedade.

Outra cena interessante é quando as personagens se veem presas em uma mina de ouro. O grupo tinha entrado na mina em busca do metal precioso por insistência dos britânicos que a haviam encontrado, demonstrando grande interesse na perspectiva da sua extração: “*Won't we have fun exploring it and carrying away the gold!*”¹⁹⁴ Ao adentrar na caverna, inesperadamente rochas começam a cair e as personagens ficam presas, passando a pensar que morreriam soterradas.

Se apresenta, então, Topsyie para resolver a situação: ela escala grandes alturas até chegar ao topo da caverna, achando uma saída, e a partir dali joga uma corda para baixo, por meio da qual todos os outros são tirados do perigo, sendo obrigados a deixar a mina para trás. A “proeza” de Topsyie é explicitamente relacionada à defesa da igualdade de educação e oportunidades para mulheres.

[...] there are many who still presume to train the boy up to believe himself the girl's superior in daring, skill, strength, and physical activity. It is a false and unnatural idea, one to which the beautiful, athletic girl gave the lie direct, as she stood there prepared to face a violent death, in a great effort to save the lives of her companions in misfortune. Yet why was Topsyie plucky and strong, the equal, nay, the superior, of her brother? Because she had been given fair play. Equal opportunities had been meted

¹⁹² DIXIE, Florence. *Aniwee; or The Warrior Queen*. Londres: Henry and Company, 1890, p. 15-16.

¹⁹³ Analogias entre o sexismo e a escravidão eram um elemento recorrente em discursos feministas do final do século XIX, com implicações raciais problemáticas. Cf. ALLEN, Robert L.; ALLEN, Pamela P. *Reluctant reformers: Racism and social reform movements in the United States*. Nova Iorque: Doubleday Books, 1975.

¹⁹⁴ DIXIE, op. cit., p. 229.

out to her in all things possible, where not denied by law. There stood the result, justifying the plea in favour of giving perfect equality to the boy and girl in their bringing up, and their mental and physical education.¹⁹⁵

A princípio, diversos personagens tentam assumir a tarefa de Topsy para salvar o grupo, mas é somente ela a conseguir realizar a cena da conquista da montanha. Em paralelo, Aniwee também demonstra a sua bravura decidindo ser a última a ser alçada para fora da caverna. Quando seu marido pediu que ela fosse antes, ela respondeu que não: "*Aniwee will leave the cave the last. Did not the white girl Cacique risk her life for us, and shall Aniwee show fear because she is an Indian girl? Not so. Will Piñone and the white Cacique go now? Aniwee will follow.*"¹⁹⁶

A impressão que Dixie tenta criar é de que as duas estão competindo para decidir quem é a mais corajosa, em certa igualdade de condições. Contudo, apesar das duas meninas disputarem a liderança feminina da história, os papéis estão determinados por relações implícitas de racismo e imperialismo. Não poderia ser Aniwee a conquistar o topo da montanha nessa história, porque certos papéis e narrativas são reservados por Dixie às meninas brancas.

Nessa aventura, na qual vimos que há uma tentativa de mostrar as duas meninas como relativamente iguais enquanto heroínas, vimos também que Topsy não percebe as suas condições como exatamente iguais, estando a mulher tehuelche em uma posição inferior. Em ainda outro aspecto elas não são iguais: as meninas brancas são encorajadas a assumir a figura do “descobridor”, algo que seria impossível para Aniwee.

Após ser atacada por uma serpente gigante em um rio, a prima de Topsy recebe um epíteto enquanto se discute o que fazer com o monstro: "*Run, Mary, and do you dear boys go and get changed, while the Indians bring this dreadful-looking monster to the raft. It must be skinned, and kept as a trophy by Mary the discoverer.*"¹⁹⁷ Assim como no relato de viagem, também nos livros infantis Dixie mobiliza a figura do “descobridor” no feminino como uma imagem de reivindicação de igualdade perante o homem britânico e continua empregando a linguagem erótica da conquista:

¹⁹⁵ DIXIE, Florence. *Aniwee; or The Warrior Queen*. Londres: Henry and Company, 1890, p.237.

¹⁹⁶ *Ibid.*, p. 247.

¹⁹⁷ *Ibid.*, p. 191.

There is something inexpressibly delightful in penetrating unexplored regions, regions virgin hitherto to the foot of civilized man. [...] there is no language which adequately conveys the mixed feelings with which one surveys a beautiful and hitherto unveiled scene, and realises that one is the first that yet has burst upon its lonely loveliness.¹⁹⁸

No final da trama, Aniwee retorna às *tolderías* após resgatar sua filha e seu marido, que tinham sido sequestrados, e recebe a notícia de que os “*cristianos*”, brancos argentinos assentados na fronteira, estavam atacando o seu território “*in the hope of stealing the red man's land*”.¹⁹⁹ Na figura abaixo, vemos a ilustração que abre o segundo livro, mostrando a rainha guerreira Aniwee liderando as forças de defesa contra os invasores brancos da fronteira.

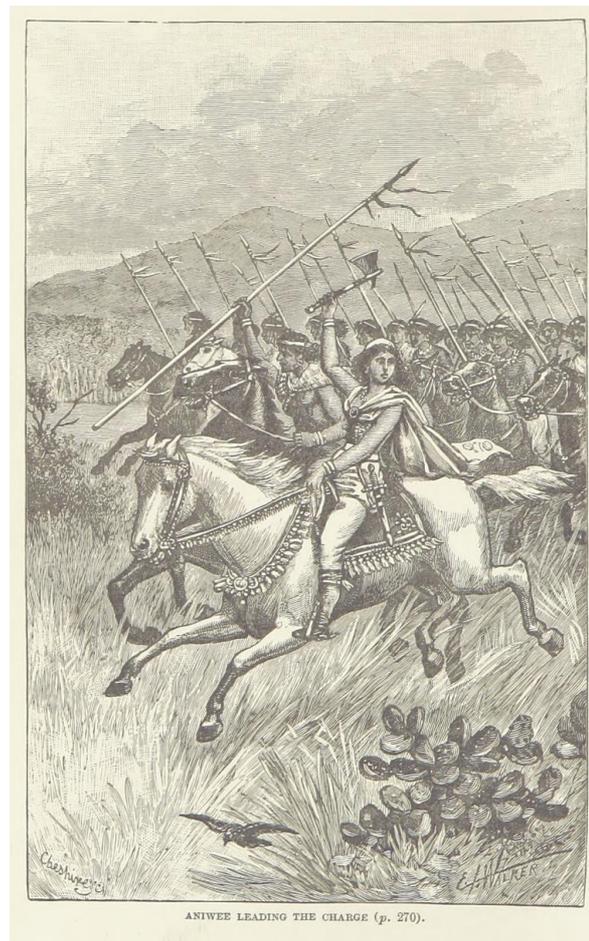


Figura 3 - “Aniwee leading the charge.” Fonte: DIXIE, Florence. *Aniwee; or The Warrior Queen*. Londres: Henry and Company, 1890.

¹⁹⁸ DIXIE, Florence. *Aniwee; or The Warrior Queen*. Londres: Henry and Company, 1890, p. 199.

¹⁹⁹ *Ibid.*, p. 267.

A vestimenta de Aniwee nessa ilustração em nada se assemelha com as descrições do relato de viagem de Dixie e nem com as ilustrações de Julius Beerbohm. Se nota que Aniwee está usando calças. A razão para isto pode ser encontrada em uma outra descrição na qual as personagens se preparam para sair em uma caçada:

Every man and woman mounted their own especial horse, the women riding astride like the men, a sensible custom which white women would do well to imitate—as indeed did Lady Vane, Topsy, and Mary, who were all dressed in neat, comfortable knickerbockers, and well-fitting Norfolk jackets and stalking caps, with strong plain brown leather top riding boots, roomy and water-proof.²⁰⁰

Aniwee está usando calças na ilustração, porque a autora a utiliza como modelo para defender reformas de vestuário para mulheres britânicas. A autora era uma defensora da causa do “*Rational Dress Movement*”, que denunciava os tipos de vestimenta vitoriana para mulheres que restringiam os movimentos ou ofereciam prejuízos à saúde feminina.

Terminada a guerra entre os “*crístianos*” e os “*arauicanos*”, vencida pelos povos indígenas, os britânicos, que não se envolveram e ficaram só observando, assumem o papel de mediadores de um acordo de paz.

Faithful to his promise, Sir Francis had acted the true part of mediator between the Indians and the Argentines, and in company of Lady Vane and a mixed escort of Cristianos and Araucanians, had visited the Argentine Republic, and there concluded a most satisfactory peace for both sides, the Government agreeing—on condition the prisoners were released—to grant an annual subsidy to both the Tehuelches and Araucanians, of horses, blankets, guns, and ammunition, and these latter undertook, in consideration of such subsidy, to desist from raiding the frontier of the white men, and to live at peace with them, and punish all depredators thereon.²⁰¹

Os britânicos atuam como mediadores do conflito, criando um cenário no qual seria possível uma convivência pacífica na “fronteira do homem branco” sob termos que a narradora descreve como “satisfatórios”. No final, eles se congratulam

²⁰⁰ DIXIE, Florence. *Aniwee; or The Warrior Queen*. Londres: Henry and Company, 1890, p. 36.

²⁰¹ *Ibid.*, p. 281.

por ter alcançado a paz após muitos esforços, dizendo: “*It would seem as if Providence had brought us here to help in its establishment.*”²⁰² A presença britânica é apresentada como se não tivesse qualquer interesse econômico na região, tendo eles somente ajudado as partes em conflito a chegarem a um meio termo.

Na revista semanal “*The Spectator*”, foi publicada uma curta resenha de “*The Young Castaways*”, que destacava a liderança das protagonistas femininas na trama. Apesar de considerar que os povos indígenas teriam sido um pouco idealizados na narrativa, o resenhista comenta: “*Perhaps it is from Patagonia that we are to have, in its final form, the gospel of the equality of the sexes.*”²⁰³ A “forma final” do discurso de igualdade de gênero proposta por Dixie é construída segundo os interesses de mulheres de classe média e alta britânicas. Ao construir certo paralelismo entre mulheres indígenas e britânicas em busca por emancipação feminina, Dixie precisa reescrever os tehuelches como uma sociedade patriarcal. Nessa reelaboração, ela não consegue se desvencilhar dos limites raciais/imperiais de um discurso de igualdade de gênero construído a partir da fronteira.²⁰⁴

O espaço de fronteira da Patagônia é utilizado pela autora para reformar as relações de gênero britânicas, seja por meio da narrativa de caça, na qual diferentes relações de classe e raça permitem a autora construir um cenário de igualdade de gênero, seja por meio da literatura infantil, onde ela articula de forma mais explícita as suas mensagens de emancipação feminina. Como visto anteriormente, no relato de viagem os tehuelches são descritos ora segundo um ponto de vista que permite certa dialogicidade e mutualidade de olhares, ora segundo uma perspectiva que prevê a sua “extinção natural” vinculada a um discurso racista, construindo imagens de desertos e fantasmas, barbárie e civilização.

As possibilidades de mutualidade entre observador e observado, apesar de incomuns em relatos desse gênero, parecem ser, portanto, uma “mística de reciprocidade”. Buscamos demonstrar não só como a autora constrói a si mesma enquanto mulher branca aristocrata por dentro da retórica imperialista, mas também

²⁰² DIXIE, Florence. *Aniwee; or The Warrior Queen*. Londres: Henry and Company, 1890, p. 284.

²⁰³ *The Spectator*, Londres, n. 3204, p. 727, 23 de nov. de 1889.

²⁰⁴ Anne McClintock analisa a obra de outra autora, Olive Schreiner, que constrói discursos feministas em um contexto colonial, apontando seus limites teóricos em termos de raça. Cf. MCCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: Race, gender, and sexuality in the colonial contest*. Nova Iorque: Routledge, 1995, p. 258-295.

como ela constrói representações de mulheres tehuelches tanto no relato de viagem, como na reelaboração ficcional da literatura infantil.

Os tehuelches passam de um lugar no qual sua sobrevivência é impossível discursivamente para as páginas da ficção, onde aparecem enquanto um povo romantizado²⁰⁵, de estrutura patriarcal, cuja história pode ensinar as/os jovens leitores sobre igualdade de gênero na Inglaterra. Sua função é a de oferecer um paralelo para a emancipação das mulheres britânicas, criando uma reciprocidade idealizada entre as duas sociedades. O segundo livro termina da seguinte forma:

About a week after the great peace had been signed our white friends took leave of the Indians, and retraced their steps towards the Rio Negro. The pain of parting was softened by a promise, which both Aniwee and Piñone made to the children, and that was, that they would join them at Patagones some nine months later, and accompany them on a visit to the great free land of Great Britain, where a woman Cacique reigns.²⁰⁶

De forma vaga, os esforços de Aniwee e Topsis para se verem livres do patriarcado em suas sociedades (enquanto uma forma pressuposta como mais ou menos universal) parecem ser indistintos. Aniwee, a rainha guerreira, então deve se encontrar com a rainha Vitória, “*a woman Cacique*”, como se ambas tivessem superado um mesmo tipo de opressão sexista e como se as duas estivessem em pé de igualdade em termos de poder, abstraindo a realidade das relações coloniais do século XIX na qual a rainha britânica estava implicada. Essa conexão é notada por Fiona Mackintosh²⁰⁷, que observa que a ascensão de Aniwee está ligada à trajetória de Topsis e, de forma ainda mais problemática, à da Rainha Vitória.

No primeiro livro, por exemplo, a linguagem também aponta essa conexão. O “reino” de Aniwee é descrito com uma frase clássica do imperialismo britânico:

²⁰⁵ É interessante notar que, apesar de Dixie afirmar que a comunicação é feita em espanhol, que teria sido aprendido pelos ingleses, a forma como ela escreve os diálogos em inglês dos personagens varia. Enquanto os personagens britânicos utilizam uma linguagem coloquial e contemporânea ao período, Aniwee e os outros personagens indígenas empregam um inglês arcaico, utilizando termos como “*thou*” e “*thee*”. Aniwee, além disso, refere-se a si mesma na terceira pessoa e as descrições dela também adotam essa linguagem formal e arcaica. Assim, a linguagem também é usada como uma forma de distanciar temporalmente os personagens; uns falam como no presente, outros como no passado.

²⁰⁶ DIXIE, Florence. *Aniwee; or The Warrior Queen*. Londres: Henry and Company, 1890, p. 285.

²⁰⁷ MACKINTOSH, F. Travellers’ tropes: Lady Florence Dixie and the Penetration of Patagonia. In: PEÑALOZA, Fernanda; WILSON, Jason; CANAPARO, Claudio (Orgs.) *Patagonia: Myth and Realities*. Berna: Peter Lang, 2010.

“upon her vast possessions the sun never sets”.²⁰⁸ A “mística de reciprocidade” que Dixie opera tenta suspender as hierarquias raciais/imperiais na construção do paralelo entre as protagonistas. Em dado momento, a autora constrói esse paralelo abertamente, colocando as duas lado a lado, “white sister” e “coloured sister”.

She felt the bondage of her sex, and, like many of her white sisters, desired to change it into freedom. It was a striking scene as she and Topsy rode side by side. There was the white girl in the boy disguise, giving the lie direct to the statement that the woman is the inferior of the man; and there beside her rode her coloured sister, eager and willing to bring the same false statement to book.²⁰⁹

A construção de uma suposta luta paralela entre as duas não leva em consideração que existe um componente racial fundamental que as hierarquiza socialmente. Como explica bell hooks sobre as diferenças entre mulheres brancas e mulheres negras no âmbito da sociedade estadunidense: “o imperialismo racial branco conferia a todas as brancas, por mais vitimizadas que fossem pela opressão sexista, o direito de adotarem o papel de opressor na relação com negras e negros”.²¹⁰ Dentro da lógica da colonialidade do gênero, a atribuição de gênero e, como vimos, discursos de emancipação feminina são inextricáveis de processos de racialização. A igualdade que Dixie busca construir em termos de gênero está baseada nos interesses particulares da posição de mulheres brancas de classe média ou alta britânicas.

Nessa história, Aniwee pode se tornar um exemplo para ensinar igualdade de gênero e, ao mesmo tempo, Dixie pode continuar incentivando as crianças brancas leitoras a explorar as terras patagônicas “virgens e desconhecidas” e se tornarem “descobridoras”, utilizando a retórica imperial. O que significa construir um cenário de igualdade de gênero dentro do contexto, nem sequer mencionado pela autora, de genocídio indígena da Campanha do Deserto? A lógica funciona, porque a intenção é tão somente ensinar meninas brancas igualdade com relação a meninos brancos no Reino Unido, não tendo qualquer relação com a realidade efetiva das mulheres tehuelches daquele período, mulheres que hoje se organizam comunitariamente,

²⁰⁸ DIXIE, Florence. *The Young Castaways; or The Child Hunters of Patagonia*. Londres: John F. Shaw and Company, 1889, p. 164.

²⁰⁹ *Ibid.*, p. 128.

²¹⁰ HOOKS, bell. *Não serei eu mulher?* Lisboa: Orfeu Negro, p. 198.

reafirmando “*no desaparecimos*”.²¹¹ Enquanto Dixie escrevia “Aniwee”, reelaborando imagens de mulheres tehuelches na ficção para servir de exemplo de emancipação feminina, mulheres indígenas sofriam com a incorporação pelo Estado argentino:

Mulheres e crianças tornaram-se pessoal doméstico em Buenos Aires; adultos foram direcionados às Forças Armadas ou transformados em mão de obra nos engenhos açucareiros em Tucumã e nas *obrajes* madeireiras de Chaco e Formosa; os caciques amigos receberam pequenas porções de terra, onde, sob a tutela de clérigos e militares, foram sedentarizados, evangelizados e convertidos em pequenos produtores agrários.²¹²

A construção de uma utopia de gênero por parte de Florence Dixie a partir da fronteira depende de um não-lugar, no qual mulheres tehuelches estão simultaneamente fadadas racialmente ao “desaparecimento” e podem ser utilizadas como exemplo para reelaborar as relações de gênero britânicas, tendo como horizonte a igualdade com o homem branco de classe média ou alta vitoriano. Como argumenta Szurmuk: “*Sus descripciones románticas sobre la vida indígena no hacen otra cosa que garantizarle un lugar donde pueda escribir sobre sí misma.*”²¹³ Assim, é necessário considerar como mulheres brancas concebiam e articulavam representações de mulheres negras e indígenas na sua elaboração de discursos emancipatórios, teorizados a partir de seus interesses particulares.

Como argumenta Mary Pratt²¹⁴, a “zona de contato” propicia encontros e trocas culturais, em relações assimétricas de poder, entre o viajante e aqueles que são descritos. Esses encontros se dão em contextos complexos, contendo certo grau de improvisação, e têm efeitos múltiplos. No caso de Dixie, a “zona de contato” se torna um espaço para reelaborar suas concepções sobre emancipação feminina branca.

²¹¹ RODRÍGUEZ, Mariela; HORLENT, Laura. *Tehuelches y selk'nam (Santa Cruz y Tierra del Fuego): no desaparecimos*. Buenos Aires: Ministerio de Educación y Deportes, 2016, p. 17.

²¹² SEIXLACK, A. *Entre a Araucania maldita e o Deserto indômito: Debates oitocentistas sobre a Pacificação da Araucania no Chile e a Conquista do Deserto na Argentina*. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, p. 269.

²¹³ SZURMUK, Mónica. *Miradas cruzadas: narrativas de viaje de mujeres en Argentina, 1850-1930*. Cidade do México: Instituto Mora, 2007, p. 97.

²¹⁴ PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. Nova Iorque: Routledge, 2007.

O discurso de Florence Dixie pleiteia uma igualdade com o homem branco aristocrata na Inglaterra. Conceber uma igualdade de condições com esse homem também lhe permite assumir uma retórica imperialista de superioridade racial e de classe. A autora constrói a si mesma como heroína de aventura no feminino, mas também como membro de uma classe, nacionalidade e raça específicas. Buscamos mostrar como a suposição de um patriarcado universal na ficção de Dixie corresponde aos interesses específicos de um discurso de igualdade de gênero teorizado a partir da Europa, implicado na reprodução da lógica da colonialidade.

A transgressividade de Dixie no que diz respeito às relações de gênero britânicas não pode ser separada de suas construções racistas sobre os tehuelche enquanto seres animalizados e associados à imagem do “*vanishing indian*”, fadados ao “desaparecimento”. Apesar de suas narrativas conterem certos momentos de paralelismo, reciprocidade de olhares e até mesmo de desautorização do olhar da autora, não se pode ignorar a profunda qualidade racista do relato, nos levando a pensar sobre as inserções complexas de discursos feministas de fins do século XIX no contexto mais amplo do imperialismo britânico.

4

“*Travels in West Africa*”: gênero, colonialidade e trabalho

Mary Henrietta Kingsley (1862-1900) foi uma das mais conhecidas escritoras britânicas de relatos de viagem do século XIX. Fez duas viagens percorrendo a costa ocidental do continente africano e produziu duas obras sobre elas: “*Travels in West Africa*”²¹⁵ (1897) e “*West African Studies*”²¹⁶ (1899). O relato de viagem que analisaremos nesse capítulo, “*Travels in West Africa*”, narra as suas experiências no continente entre 1894 e 1895. Após a publicação desses livros, Kingsley retornou ao continente africano em 1900. Desta vez, não como etnógrafa ou naturalista, mas como enfermeira, servindo como voluntária na Segunda Guerra dos Bôeres. Alguns meses depois, a autora contraiu febre tifoide e acabou falecendo em 3 de junho de 1900.

O trajeto de Kingsley se concentra na subida do Rio Ogooué, onde a autora buscava encontrar e coletar espécimes de peixes. A sua narrativa se estrutura segundo o seguinte percurso: a subida do Rio Ogooué a partir de Libreville, o encontro com comunidades fang do interior, a subida do Monte Camarões, e por fim o retorno ao Reino Unido. Para além desse trajeto principal, ela também visitou Serra Leoa e a ilha de Fernando Pó (atualmente denominada Bioko). Seus dois principais objetivos com a viagem, explica na introdução, eram: coletar espécimes de peixes, que seriam cedidos depois a um contato seu, taxonomista do Museu Britânico, e observar os “fetiches”²¹⁷ dos fang, considerados canibais à época pelos europeus.

Diferentemente de Anna Jameson e Florence Dixie, Mary Kingsley não defendia qualquer pauta que pudesse vir a ser interpretada como “feminista” no futuro. Pelo contrário, Kingsley declarava-se abertamente contra a luta pelo sufrágio feminino. Viajantes britânicas no século XIX podiam assumir diversas imagens na elaboração de seus relatos, partindo de posições tão divergentes quanto:

²¹⁵ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa*. Congo Français, Corisco and Cameroons. Londres: Macmillan, 1897.

²¹⁶ KINGSLEY, Mary H. *West African Studies*. Londres: Macmillan, 1899.

²¹⁷ Em 1760, Charles de Brosses, magistrado francês, cunhou em “*Du Culte des Dieux fetiches*” o termo “fetichismo” para designar “religiões primitivas”. O termo vinha da palavra portuguesa “feitiço”. Segundo Brosses, fetichismo era a crença em poderes mágicos presentes em objetos materiais (“fetiches”).

“the vulnerable lady upholding hegemonic versions of femininity associated with gentility and class privilege; and the suffragist advocating nineteenth-century liberal feminist social reforms”.²¹⁸ A autora se encaixava firmemente na primeira categoria, opondo-se à imagem da *“new woman”* de finais do século XIX. Como veremos, no próprio relato Kingsley insistentemente representa a si mesma como uma *“lady”* vitoriana, declarando que preferiria morrer a ser vista usando calças em público.

A autora pertencia a uma família de renome no meio literário britânico por parte de pai. George Kingsley era médico e viajava por extensos períodos, tendo acompanhado, por exemplo, expedições entre os Dakota entre 1870-1875 nos Estados Unidos. Com suas experiências de viagem, juntou uma larga coleção de relatos, os quais a filha lia constantemente, considerando que não teve acesso a uma educação formal. Mary Kingsley, porém, considerava sua posição de classe com certa ambiguidade. George se casou com sua mãe, Mary Bailey, que trabalhava como cozinheira da família, após ela ter engravidado. Em 1886, a autora se estabeleceu junto com a mãe em Cambridge. Nesse período, ela se dedicou principalmente a cuidar da mãe, que se encontrava doente. Com a morte de seus pais em 1892, Mary Kingsley partiu em viagem.

O contexto das suas viagens na década de 1890 era o de acirramento das rivalidades imperiais em disputa na costa ocidental africana especialmente entre franceses, ingleses, alemães e portugueses. Quando Kingsley embarcou em suas viagens na década de 1890, o continente africano vivia o auge da corrida imperialista. Com a Conferência de Berlim (1884-1885), haviam sido estabelecidos parâmetros europeus para a *“ocupação colonial legítima”* do continente e as potências europeias logo invadiram e consolidaram suas ocupações territoriais.

Nesse contexto, os relatos de exploração do interior do continente africano tiveram grande relevância social e política para as estratégias imperialistas europeias. Viajantes saíam em busca das nascentes de rios, faziam o mapeamento geográfico de regiões inteiras, realizavam tratados em nome das potências coloniais. Mary Kingsley estava ciente desse corpus literário de viajantes na região. Ela leu diversos relatos antes de partir em viagem e frequentemente cita figuras famosas como Henry Morton Stanley, David Livingstone, Richard Burton, Paul Du

²¹⁸ MORIN, Karen M. *Frontiers of femininity: A new historical geography of the nineteenth-century American West*. Nova Iorque: Syracuse University Press, 2008, p. 51.

Chaillu e Pierre Sarvognan de Brazza. A esse último Kingsley faz constante menção no relato, especialmente considerando a sua relevância política na ampliação do controle francês da bacia do rio Ogooué. De fato, Kingsley se coloca explicitamente como um membro dessa tradição de viajantes, cuja autoridade se funda no testemunho:

More can be said of no one of the school of travellers of which Du Chaillu, Dr. Barth, Joseph Thomson, and Livingstone are past masters, and of which I am an humble member. [...] we can say to our critics “Have you been there? No! Then go there or to whatever place you may happen to believe in and 'till then shut up.”²¹⁹

A maior parte da jornada de Kingsley se deu não em colônias britânicas, mas francesas, alemãs e espanholas. Para além disso, ela não compreendia os diversos contextos coloniais, nem mesmo as diversas partes do Império Britânico, como um bloco homogêneo. A costa oeste africana e as margens do rio Ogooué não eram, na sua perspectiva, comparáveis ao Raj Britânico: “*It is not an India filled with the accumulated riches of ages, waiting for the adventurer to enter and shake the pagoda tree.*”²²⁰

Kingsley tinha uma posição bem definida com relação ao imperialismo britânico. Se tornou uma figura conhecida nos debates públicos sobre o imperialismo após as suas viagens, tendo falado publicamente sobre o tema na Câmara de Comércio de Liverpool, por exemplo. A autora era contra a implementação de colônias formais de controle direto, defendendo um discurso de livre comércio e tomando o lado de comerciantes ingleses, em detrimento de grandes companhias. O imperialismo que defendia era subordinado a interesses mercantis, denunciando o missionarismo em seus esforços de conversão religiosa. Suas críticas à administração colonial britânica da costa oeste africana, porém, não refletiam uma posição anti-imperialista. Mary Pratt argumenta que essa posição de Kingsley buscava recuperar um senso de inocência europeia, defendendo uma expansão econômica sem domínio colonial direto.²²¹

²¹⁹ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. Londres: Macmillan, 1897, p. 368-369.

²²⁰ *Ibid.*, p. 631.

²²¹ PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. Nova Iorque: Routledge, 2007, p. 215.

No capítulo anterior, discutimos o aspecto sexualizado da linguagem da conquista. Tanto a paisagem colonial como o encontro colonial eram frequentemente descritos segundo fantasias sexuais do homem branco acerca de mulheres colonizadas. Diferentemente de Dixie, que assumia esse vocabulário, Kingsley buscou representar essencialmente dois papéis em seu relato: o de “*lady vitoriana*”, enfatizando a sua “feminilidade”, e o de representante do poder colonial (variando entre aventureiro, comerciante, naturalista, etnógrafo), posições marcadamente associadas a imagens de masculinidade.

Essa ambiguidade torna o discurso de Kingsley complexo, criando momentos de comicidade, nos quais esses papéis distintos podiam se misturar e gerar situações inesperadas. Ela estava ciente de que a sua viagem, especialmente por ter ido sozinha, seria alvo de escrutínio público e, portanto, buscou construir publicamente uma persona de feminilidade, cuja “pureza sexual” não poderia ser posta em dúvida. Em contraste, o pai de Kingsley não esteve sujeito a esse tipo de julgamento. Ele partiu em viagem: “[...] *around the South Seas intending, recorded his travelling companion, ‘to have a look at the hot lakes, and make love to Maori girls.’*”²²²

A figura do pai funcionava para Kingsley como uma das justificativas para a viagem. Seu envolvimento com as ciências era, segundo ela, subordinado a pesquisas iniciadas ou conduzidas por outros homens. Seu interesse etnográfico era apresentado como uma continuação do trabalho do pai sobre “crenças religiosas primitivas”. Ela também não se apresentava como cientista, descrevendo sua atividade somente como de observação e coleta, a partir da qual os cientistas do Museu Britânico fariam o trabalho de pesquisa e catalogação taxonômica. Apesar disso, nos apêndices algumas das espécies coletadas levam o seu nome (*Ctenopoma kingslayae*).

²²² KEARNS, Gerry. The imperial subject: geography and travel in the work of Mary Kingsley and Halford Mackinder. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 22, n. 4, p. 450-472, 1997, p. 463.

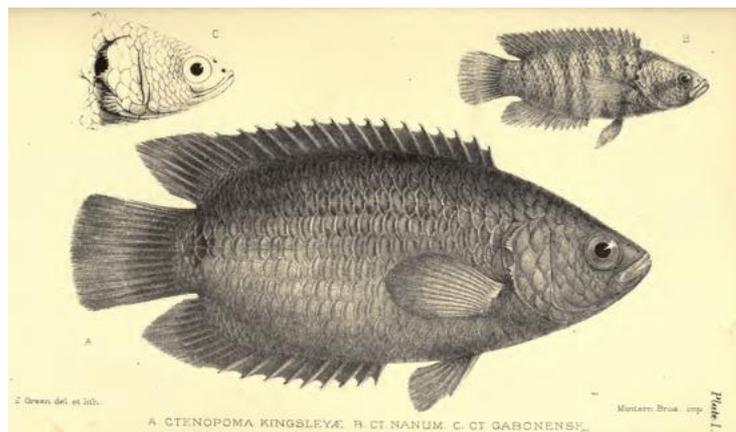


Figura 4 – “A. CTENOPOMA KINGSLEYAE. B. CT. NANUM. C. CT. GABONENSE”. Fonte: KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. Londres: Macmillan, 1897, p. 692.

Na virada do século, um número considerável de mulheres já tinha publicado relatos de viagem. Já existiam guias de viagem orientados especificamente para mulheres, como “*Hints to lady travelers at home and abroad*” (1889) de Lillias Campbell, que dava conselhos sobre conduta feminina para mulheres viajantes, cobrindo tópicos como a questão da vestimenta.

As pressões sociais sobre essas autoras impactavam desde o planejamento da viagem ao processo de escrita e de edição do material. Como vimos anteriormente, a construção de narradoras femininas desse tipo de relato dependia de uma credibilidade do público leitor. A autora tinha que balancear a construção de um sujeito dotado de autoridade discursiva, cujo testemunho seria crível, e a elaboração de uma persona narrativa sujeita a discursos de “feminilidade”. Kingsley, por exemplo, foi pressionada pelo seu editor a retirar certos trechos da obra antes de publicar, considerados por ele como inverossímeis por ir contra as noções de feminilidade vitorianas.

Mary Kingsley was accused by her publishers of fabricating, in her account *Travels in West Africa* because she stated that she had piloted a boat drawing 18 feet of water up Forcades creek. She became very angry at this accusation, since she stated that she had piloted the boat up this river not once, but *three* times. Kingsley cut many elements from her text because of fear of not being believed.²²³

²²³ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. Londres: Macmillan, 1897, p. 115-116.

Assim como Anna Jameson, Kingsley prefacia o relato com um conjunto de desculpas pela publicação: “*To THE READER. What this book wants is not a simple Preface but an apology, and a very brilliant and convincing one at that.*”²²⁴ No caso de Kingsley, as desculpas se relacionavam principalmente a dois pontos: a presença de elementos pessoais no texto e o formato adotado para o relato (trechos em formato de diário). A questão da presença de elementos pessoais era apresentada como desinteressante: [...] *to the general reader it would be hopelessly wearisome, and as for myself, I am not bent on discoursing on my psychological state, but on the state of things in general in West Africa.*”²²⁵ Apesar de ser essencial para a narrativa testemunhal, a presença desses elementos também podia tornar a interpretação do relato em uma narrativa puramente pessoal, sem acesso à discussão sobre o “estado de coisas em geral”, ou seja, a discussões científicas e políticas.

A partida em viagem se deu logo após a morte de seus pais. Kingsley descreve partir para o continente africano “*feeling like a boy*”:

It was in 1893 that, for the first in my life, I found myself in possession of five or six months which were not heavily forestalled, and feeling like a boy with a new half-crown, I lay about in my mind, as Mr. Bunyan would say, as to what to do with them. “Go and learn your tropics,” said Science.²²⁶

Pesquisar nos trópicos como naturalista era visto como uma tarefa essencialmente masculina. Para além disso, era visto também como uma atividade perigosa, especialmente na costa ocidental do continente africano, descrita frequentemente no discurso colonial como “*white man’s grave*”, principalmente por conta da contração de doenças como a malária. Como comenta *Oyèrónké Oyèwùmí*, a colonização era vista como uma questão de masculinidade, como “*the ultimate test of manhood — especially because the European death-rate in West Africa at this time was particularly high. Only the brave-hearted could survive the “white man’s grave,” as West Africa was known at the time.*”²²⁷ A chegada ao seu destino no Congo Francês aparece para Kingsley como um contraste severo para alguém

²²⁴ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. Londres: Macmillan, 1897, p. 7.

²²⁵ *Ibid.*, p. 101.

²²⁶ *Ibid.*, p. 1.

²²⁷ OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. *The invention of women: Making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 124-125.

que: “[...] *had never previously been even in a tame bit of tropics, and whose life for many years had been an entirely domestic one in a University town.*”²²⁸

4.1 “*I was only a beetle and fetish hunter*”: antropologia, história natural e racismo científico

Mary Kingsley partiu nessa viagem com dois objetivos expressos: coletar espécimes de peixes e entrar em contato com os fang. Podemos ver o impulso classificador do qual falar Mary Pratt²²⁹, que pretende construir o resto do mundo para a Europa a partir de projetos totalizantes, formando uma “consciência planetária”. A etnografia e a história natural são vistas por Pratt como processos paralelos de classificação biológica e antropológica, produzindo saberes inscritos nas lógicas europeias de controle colonial e acumulação capitalista. A produção desses tipos de conhecimento classificatório fornecia informações que transformavam a natureza em um conjunto potencial de recursos naturais disponíveis para exploração e as populações colonizadas, divididas e caracterizadas segundo os parâmetros europeus, em potencial força de trabalho.

Esse paralelo entre impulsos classificatórios pode ser visto explicitamente no relato de viagem de Kingsley. Em dado momento da narrativa, ela é atraída por luzes descritas como insetos desconhecidos. Ao perguntar aos seus guias sobre as luzes, recebeu a seguinte resposta:

“Akóm,” said the Fan, and pointing to the shore of the lake where I had been during the night they said, “they came there, it was an ‘Aku’” – or devil bush. More than ever did I regret not having secured one of two phenomena. What a joy a real devil, appropriately put up in raw alcohol, would have been to my scientific friends!²³⁰

Entendendo o sentido desses projetos de classificação planetária, Pratt nomeia o discurso dos naturalistas dos séculos XVIII e XIX como uma “anticonquista”. Nesse paradigma, o naturalista aparece como uma figura inocente,

²²⁸ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. Londres: Macmillan, 1897, p. 6.

²²⁹ PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. Nova Iorque: Routledge, 2007.

²³⁰ KINGSLEY, op. cit., p. 254.

interessada apenas em recolher espécimes de plantas e animais, sem mencionar as implicações coloniais que permitem a sua presença. Esse discurso se distancia da imagem da conquista, associada a um tempo passado e à violência aberta. Por oposição, a figura do naturalista é apresentada como alguém neutro e inocente, e o conhecimento por ele produzido é tido como universal e abstrato, como se não estivesse implicado na dinâmica colonial.

De fato, a etnografia estava em diálogo com as discussões da história natural compartilhando pretensões classificatórias. No próprio relato, Mary Kingsley faz comparações entre etnografia e história natural através de metáforas:

As it is with the forest, so it is with the minds of the natives. Unless you live alone among the natives, you never get to know them; if you do this you gradually get a light into the true state of their mind-forest. At first you see nothing but a confused stupidity and crime; but when you get to see well! as in the other forest, you see things worth seeing.²³¹

A figura do naturalista inocente, no caso de Kingsley, é reforçada por uma percepção de inocência feminina. Ela contrasta a perspectiva de um interesse científico, inocente, com a perspectiva de um interesse predatório: “*When at last they understood that my interest in the ferns was scientific, not piratical, they called the men off and explained that the ferns had been found among the bush, when it was being cleared for the plantation.*”²³²

O impulso de coleta e classificação está presente na narrativa, mas se encontra principalmente em um extenso apêndice ao final do livro, no qual Kingsley descreve as espécimes coletadas, “*things one wants the pen of a Rabelais to catalogue*”.²³³ Ela declara: “*Upon my word, the quantities of things there are left loose in Africa, that ought to be kept in menageries and greenhouses and not let go wild about the country, are enough to try a saint.*”²³⁴

A posição de cientista, no entanto, não estava completamente disponível a Kingsley. Por perceber uma inadequação de sua parte a essa posição discursiva, a autora mediava suas afirmações com elementos autodesqualificadores. Ao observar um grupo de gorilas que o seu grupo encontrou de forma inesperada, Kingsley

²³¹ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. Londres: Macmillan, 1897, p. 103.

²³² *Ibid.*, p. 148.

²³³ *Ibid.*, p. 21.

²³⁴ *Ibid.*, p. 601.

descreve um deles: “*it struck me at the time this was a matter of ten feet at least, but for scientific purposes allowance must be made for a lady’s emotions [...]*”.²³⁵

As suas descrições naturalistas se baseiam em uma subjetividade associada a ideias de “feminilidade” de classe média vitorianas. Um elemento importante de comparação usado por ela são os vestidos – os próprios insetos se assemelham a vestidos vitorianos: “*I have only got two moths to-night – one pretty one with white wings with little red spots on, like an old-fashioned petticoat such as an early Victorian-age lady would have worn, the other a sweet thing in silver.*”²³⁶ Para a autora era importante, porém, demonstrar que sua coleta de espécimes diversas não era simplesmente um interesse passageiro, mas cientificamente motivado. Quando uma companhia de bordo lhe apontou alguns espécimes no mar no início de sua viagem, Kingsley aproveita a oportunidade para se colocar como naturalista experiente:

[...] I fear that very sweet and gracious lady suffered a great deal of apprehension at the prospect of spending a month on board ship with a person so devoted to science as to go down the West Coast in its pursuit. During the earlier days of our voyage she would attract my attention to all sorts of marine objects overboard, so as to amuse me. I used to look at them, and think it would be the death of me if I had to work like this, explaining meanwhile aloud that “they were very interesting, but Haeckel had done them, and I was out after fresh-water fishes from a river north of the Congo this time,” fearing all the while that she felt me unenthusiastic for not flying over into the ocean to secure the specimens.²³⁷

No que se refere à antropologia, a tradição literária dos relatos de viagem incluía práticas de descrição da alteridade desde a antiguidade.²³⁸ Ao longo do século XIX, esse fazer etnográfico ganhou outros contornos com o processo de formação da antropologia enquanto ciência e campo do saber autônomo e com o advento do “racismo científico”.

Como aponta Valentin Mudimbe, a invenção europeia da África remonta ao imaginário da antiguidade clássica, mas o contexto do século XIX adquire lógicas

²³⁵ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. Londres: Macmillan, 1897, p. 268.

²³⁶ *Ibid.*, p. 591.

²³⁷ *Ibid.*, p. 12.

²³⁸ RUBIÉS, Joan-Pau. “Travel Writing and Ethnography”. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (Orgs.) *Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

próprias, relacionadas a perspectivas evolucionistas. Nesse contexto, um conjunto de imagens são produzidas no discurso colonial sobre a África obedecendo lógicas evolutivas tendo como referência parâmetros epistemológicos europeus (magia, religião e ciência; selvageria, barbarismo e civilização; promiscuidade sexual, matrilinearidade e patrilinearidade).²³⁹ Enquanto povos colonizados são descritos em função de imagens de nudez, canibalismo e paganismo, as imagens dos colonizadores se concentram em alguns papéis fundamentais no discurso colonial: soldado, explorador e missionário. Ao missionarismo, porém, Kingsley reservava duras críticas. Para ela, as tentativas de “civilização” por parte dos governos coloniais representavam, pelo contrário, um potencial de degradação. A única forma de interação legítima, a qual ela defendia, era a do comércio:

Speaking at large, the introduction of European culture, governmental, religious, or mercantile has a destructive action on all the lower races; [...] but trade has never stamped a race out when disassociated from the other two, and it certainly has had no bad effect in tropical Africa.²⁴⁰

Descrições dos fang por parte dos europeus tem seu primeiro registro em um relatório de 1819 escrito pelo viajante britânico Edward Bowditch, sob o título de “*Mission from Cape Coast Castle to Ashantee*”. É a partir desse relatório que se inicia a tradição de descrição de povos da região como canibais, especialmente os fang. A reputação de canibalismo atraiu o interesse de missionários estadunidenses, representantes da *American Board of Foreign Missions*²⁴¹, que procuraram adentrar o interior do continente seguindo o curso dos rios.

A presença francesa se firmou na década de 1840 com o estabelecimento de Libreville e maiores contatos franceses com os fang se estabeleceram a partir das expedições dos tenentes Charles Pigéard e Mequet ao interior para reconhecimento do território. No relatório de Mequet²⁴², ele pergunta diretamente a um homem fang

²³⁹ MUDIMBE, V. Y. *A Invenção da África. Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento*. Lisboa: Pedagogo; Luanda: Edições Mulemba, 2013, p. 94.

²⁴⁰ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. Londres: Macmillan, 1897, p. 675.

²⁴¹ *American Board of Commissioners for Foreign Missions* foi uma agência protestante estadunidense organizada em 1810 com o objetivo de enviar missionários ao redor do mundo.

²⁴² MEQUET, A. "Nouvelle excursion dans le haut de la Riviere du Gabon, effectuée en Novembre et Decembre 1846," *Revue Coloniale*, XIII (1847), 71.

a respeito da reputação de canibalismo, recebendo uma negação em resposta. Ainda assim, a maioria dos relatos posteriores continua fazendo uso dessa imagem.

Relatos de exploradores da região incluem os escritos de Paul du Chaillu, Richard Burton e Sarvognan de Brazza. Paul Du Chaillu, em suas viagens ao Gabão na década de 1850 e 1860, publicou relatos amplamente lidos tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, consolidando a imagem de “nobres canibais” dos fang, que seria disputada ou reforçada por viajantes posteriores. A expedição francesa de Sarvognan de Brazza se concentrou na subida do rio Ogooué entre 1876-1878, se encontrando com os fang, estabelecendo tratados e relações comerciais. O controle francês da região, porém, enfrentou resistência. Em 1884, por exemplo, um líder fang enviou uma carta, escrita em inglês, para as autoridades francesas: “*Do not come or send anyone here to talk about giving our land to your government as long as the world stands our land is from Bote Point to Malandi . . . one of our number is not a heathen to give away his land, etc. for rum.*”²⁴³

O conjunto de imagens do discurso colonial sobre os fang são essenciais para entender o relato de Mary Kingsley. Apesar de criticar abertamente o missionarismo, Kingsley se hospedou com missionários, leu obras de missionários para se preparar para a viagem, utilizou fotografias da *Mission Évangélique de Paris*²⁴⁴ para ilustrar o relato. Sua crítica ao missionarismo estava relacionada ao seu propósito antropológico: a perspectiva da conversão religiosa ao cristianismo dificultava a sua pesquisa sobre “formas de religião primitiva”. Em busca de um ideal de “cultura pura”, não adulterada pelo contato cultural, a literatura missionária aparece para Kingsley como inadequada. Os missionários escreviam:

[...] not to tell you how the country they resided in was, but how it was getting on towards being what it ought to be, and how necessary it was that their readers should subscribe more freely, and not get any foolishness into their heads about obtaining an inadequate supply of souls for their money.²⁴⁵

²⁴³ FERNANDEZ, James W. *Bwiti: an ethnography of the religious imagination in Africa*. Princeton: Princeton University Press, 1982, p. 43.

²⁴⁴ *La Société des Missions évangéliques* foi uma associação missionária francesa protestante fundada em 1822, estabelecendo missões em diversos locais, incluindo o Gabão.

²⁴⁵ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. Londres: Macmillan, 1897, p. 3.

Como já criticado por diversos autores²⁴⁶, a antropologia se desenvolveu enquanto campo científico inserido em relações coloniais de poder. De todas as autoras aqui analisadas, Mary Kingsley é a única a se engajar com os debates da antropologia abertamente.

Por sua vez, Kingsley, envolvida com o meio intelectual de Cambridge, menciona os etnógrafos que leu. Suas maiores referências são Edward Tylor (“*Primitive culture*”, 1871) e James Frazer (*O ramo de ouro*, 1890), proponentes do “evolucionismo cultural”, corrente da antropologia segundo a qual a humanidade teria uma origem única, mas diversos “estágios de desenvolvimento” que iriam do mais simples ao mais complexo, do “selvagem” ao “civilizado”. Assim, as sociedades deveriam ser classificadas de acordo com o seu “progresso” em uma mesma linha temporal. Ainda assim, há momentos no relato em que ela se aproxima mais de posições poligenistas²⁴⁷: “*I am only saying I agree with the French ethnologists and fancy there have been several points of origin of the human race.*”²⁴⁸

Mary Kingsley buscava se aproximar em suas observações de autoridades do campo da antropologia. Suas observações são frequentemente seguidas de frases como: “[...] *on the undeniable authority of Dr. Buchner, and my own extensive*

²⁴⁶ ASAD, Talal. “Anthropology & the colonial encounter”. In: HUIZER, G.; MANNHEIM, B. (Ed.). *The Politics of Anthropology: from colonialism and sexism toward a view from below*. Londres: Ithaca Press, 1973.

²⁴⁷ O chamado “racismo científico” do século XIX não era um conjunto de teorias absolutamente coerentes entre si, havendo discussões e cisões entre os seus proponentes. O impulso classificatório racial teve como marco inicial importante a obra de Carlos Lineu (*Systema naturae*, 1735), que propunha um sistema classificatório da natureza. A partir dessa estrutura, a classificação racial de seres humanos se desenvolveu por distintas vertentes. Um dos principais pontos de discordância era a polêmica entre monogenistas e poligenistas sobre a origem racial da humanidade, os primeiros defendendo uma origem única (diferenças sociais explicadas por uma lógica de evolução) e os últimos defendendo origens múltiplas (diferenças entendidas como características inatas e imutáveis). Nomes como o de Arthur de Gobineau (*Essai sur l'inégalité des races humaines*, 1853-5) e Robert Knox (*Races of Man*, 1850) defendiam uma desigualdade natural e imutável entre as “raças”. Outros como o próprio Edward Tylor defendiam o monogenismo, explicando as diferenças em termos de “estágios de desenvolvimento” e não de origem. Marco incontornável para o debate racial do século XIX foi a obra de Charles Darwin (*A origem das espécies*, 1859), propondo a teoria da evolução das espécies através da seleção natural, a partir da qual se fundamentariam perspectivas posteriormente agrupadas sob o título de “darwinismo social”. Alguns outros pontos em debate nesse século eram as possibilidades de “degeneração” e “progresso” racial, além da discussão sobre a validade ou não da antropometria e da frenologia enquanto métodos científicos. Cf. BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: das cruzadas ao século XX*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

²⁴⁸ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. Londres: Macmillan, 1897, p. 459.

*experience of the West Coast bears it out.*²⁴⁹ A necessidade de se remeter a autoridades masculinas para embasar suas opiniões, porém, aparece certas vezes como objeto de ironia: *“I have seen this sort of thing over in Victoria, but I like to get a grown strong man, and a Consul of Her Britannic Majesty, to say it for me.”*²⁵⁰

Para ela, a leitura de etnógrafos como Tylor e Frazer são vistas como valiosas, mas não deveriam deslocar a importância de práticas de observação *in loco*. Outras leituras elencadas pela autora são a dos textos da antiguidade, principalmente Heródoto, Plínio, Ptolomeu e Aristóteles. Assim como pensava sobre o seu papel como coletora de espécimes, Kingsley se considerava uma coletora de “fetiches” a serem entregues a uma autoridade científica, que deveria então formular teorias a respeito: *“[...] I advise you to lay the results of your collection before some great thinker and he will write upon it the opinion that his greater and clearer vision makes him more fit to form.”*²⁵¹ Para Kingsley, a sua posição seria simplesmente de “coletora”:

[...] for all I had got to teach them was that I was only a beetle and fetish hunter, and so forth, while they had to teach me a new world, and a very fascinating course of study I found it. [...] One by one I took my old ideas derived from books and thoughts based on imperfect knowledge and weighed them against the real life around me, and found them either worthless or wanting.²⁵²

Assumir o lugar do etnógrafo e do naturalista requeria muitas vezes alguma negociação de papéis por parte da autora. Ainda assim, Kingsley faz suas próprias críticas a certos aspectos da antropologia do período. Práticas como a antropometria são completamente rejeitadas por ela. Como aponta Mills²⁵³, Kingsley se refere a ela de forma satírica:

My vigorous and lively conscience also reminds me that the last words a most distinguished and valued scientific friend had said to me before I left home was, “Always take measurements, Miss Kingsley, and always take them from the adult male” I know I have neglected opportunities of carrying this commission out on

²⁴⁹ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. Londres: Macmillan, 1897, p. 63.

²⁵⁰ *Ibid.*, p. 57.

²⁵¹ *Ibid.*, p. 436.

²⁵² *Ibid.*, p. 5-6.

²⁵³ MILLS, Sara. *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*. London: Routledge, 1991, p. 172.

both those banks, but I do not feel like going back. Besides, the men would not like it, and I have mislaid my yard measure.²⁵⁴

Trechos como esse, porém, não vão contra o tom geral do relato em sua abordagem evolucionista. Kingsley tentava no relato acessar uma suposta “pureza cultural”, associada ao “primitivismo”. A busca por encontrar um “homem primitivo” fica evidente na insistência da autora em obter informações de pessoas que ela interpretava como “autênticas”, uma vez que não teriam entrado em contato com os europeus: “[...] *I got a great deal of interesting fetish information out of the chief, which was valuable to me, because the whole of this district had not been in contact with white culture [...]*”²⁵⁵

Em situações inversas, Kingsley se frustra quando confrontada com a realidade das interações entre colonizadores e colonizados que não a permitiam construir uma imagem estática de povos “primitivos” enquanto seres isolados e culturalmente coesos. Na cena a seguir, Kingsley narra a expectativa de encontrar um “artefato” religioso, um “fetiche”. Ao invés disso, a oferecem uma lâmina de barbear como objeto a ser negociado comercialmente.²⁵⁶

Off he went across the street, and disappeared into his hut, where he evidently had a thorough hunt for the precious article. [...] At last it was found, and he brought it across the street to me most carefully. [...] Whatever can this be? thinks I; some rare and valuable object doubtless, let's hope connected with Fetish worship, and I anxiously watched its unpacking; in the end, however, it disclosed, to my disgust and rage, an old shilling razor. The way the old chief held it out, and the amount of dollars he asked for it, was enough to make any one believe that I was in such urgent need of the thing, that I was at his mercy regarding price.²⁵⁷

²⁵⁴ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa*. Congo Français, Corisco and Cameroons. Londres: Macmillan, 1897, p. 244-245.

²⁵⁵ *Ibid.*, p. 282.

²⁵⁶ Anne McClintock argumenta que se para a antropologia do século XIX “fetiche” estava relacionado ao culto a objetos por “religiões primitivas”, o termo seria reelaborado por Karl Marx para falar da relação com a mercadoria no capitalismo, o “fetiche da mercadoria”. Cf. MCCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: Race, gender, and sexuality in the colonial contest*. Nova Iorque: Routledge, 1995. Nesse sentido, é interessante notar que na passagem de Mary Kingsley a interação se revela um desapontamento justamente porque não se tratava de um “fetiche”, mas de uma mercadoria.

²⁵⁷ KINGSLEY, op. cit., p. 272.

De forma similar, a perspectiva de um homem colonizado capaz de reproduzir aspectos da “cultura branca” é vista com extrema rejeição por parte da autora. Quando Kingsley desembarca inicialmente em Serra Leoa, ela descreve diversos personagens como “dignos”, mas aquele que reproduz uma “*second-hand rubbishy white culture*” é interpretado como insolente e inseguro. Esse, extremamente criticado, é contrastado com aqueles que se mantêm “puros” culturalmente, descritos como nobres e cortesês.

But to the casual visitor at Sierra Leone the Mohammedan is a mere passing sensation. You neither feel a burning desire to laugh with, or at him, as in the case of the country folks, nor do you wish to punch his head, and split his coat up his back things you yearn to do to that perfect flower of Sierra Leone culture, who yells your bald name across the street at you, condescendingly informs you that you can go and get letters that are waiting for you, while he smokes his cigar and lolls in the shade, or in some similar way displays his second-hand rubbishy white culture, a culture far lower and less dignified than that of either the stately Mandingo or the bush chief. I do not think that the Sierra Leone dandy really means half as much insolence as he shows; but the truth is he feels too insecure of his own real position, in spite of all the "side" he puts on, and so he dare not be courteous like the Mandingo or the bush Fan.²⁵⁸

Nesse ponto, podemos retomar o argumento de Homi Bhabha²⁵⁹ sobre a mímica do colonizado. Para o autor, a prática da mímica por parte dos colonizados pode potencialmente minar discursivamente a autoridade do colonizador. A ambivalência produzida gera uma ansiedade no representante colonial de reafirmar distâncias em termos de identidade. Se o colonizado é capaz de reproduzir perfeitamente a “cultura europeia”, o estatuto de superioridade do colonizador pode se ver em certa medida ameaçado. Assim, é preciso reafirmar uma distância em termos de raça (“*not quite, not white*”).

Por oposição, o relato de Kingsley apresenta algumas instâncias de maior nuance em termos de observação cultural: “*African culture, I may remark, varies just the same as European in this, that there is as much difference in the manners of life between, say, an Igalwa and a Bubi of Fernando Po, as there is between a*

²⁵⁸ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. Londres: Macmillan, 1897, p. 19-20.

²⁵⁹ BHABHA, Homi. Of mimicry and man: The ambivalence of colonial discourse. *October*, v. 28, p. 125-133, 1984.

Londoner and a Laplander.”²⁶⁰ Diversas cenas de observação incluem inversões paródicas. Kingsley descreve momentos em que ela é o objeto de observação, em que ela admite o desconforto que a observação causa nela. Na passagem seguinte, são os seus costumes enquanto representante dos “homens brancos” que são descritos com ar de superioridade e autoconfiança por outrem, atitude apresentada como característica dos europeus – isto é, a adoção do ponto de vista do observador antropológico é associada a signos de identidade europeia.

The atmosphere of the hut, in spite of its remarkable advantages in the way of ventilation, was oppressive, for the smell of the bush lights, my wet clothes, and the natives who crowded into the hut to look at me, made anything but a pleasant combination. [...] The two head men had on old French military coats in rags; but they were quite satisfied with their appearance, and evidently felt through them in touch with European culture, for they lectured to the others on the habits and customs of the white man with great self-confidence and superiority. The majority of the village had a slight acquaintance already with this interesting animal, being, I found, Adoomas.²⁶¹

Diversas vezes Kingsley constrói cenas de inversão, na qual ela própria é observada. Algumas vezes ela demonstra desconforto com essa inversão da posição de observação, enquanto em outros momentos a cena é construída de forma cômica. Kingsley afirma que seus maiores motivos de orgulho na viagem haviam sido a aprovação do dr. Albert Günther com relação aos peixes que tinha coletado e seu aprendizado sobre como manejar uma canoa sozinha "*as if I were an Ogowe African*”²⁶². Ao longo desse aprendizado, Kingsley se apresenta como objeto de ridículo dos seus guias:

They applauded my performance vociferously, and then assisted my efforts to extricate myself, and during the rest of my scramble they kept close to me, with keen competition for the front row, in hopes that I would do something like it again. But I refused the encore, because, bashful as I am, I could not but feel that my last performance was carried out with all the superb reckless abandon of a Sarah Bernhardt, and a display of art of this order should satisfy any African village for a year at least. [...] and then we again said farewell and paddled away, to the great grief

²⁶⁰ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. Londres: Macmillan, 1897, p. 219-220.

²⁶¹ *Ibid.*, p. 176.

²⁶² *Ibid.*, p. 200.

of the natives, for they don't get a circus up above Njole every week, poor dears.²⁶³

Em certos pontos, Kingsley apresenta alguma capacidade de relativização cultural, embora esses momentos não perturbem a lógica racialista mais geral do relato:

I confess that the more I know of the West Coast Africans the more I like them. I own I think them fools of the first water for their power of believing in things; but I fancy I have analogous feelings towards even my fellow-countrymen when they go and violently believe in something that I cannot quite swallow.²⁶⁴

Enquanto etnógrafa, Kingsley não se sentia confortável para publicar algumas de suas observações, especialmente no que se referia às mulheres com as quais tivera contato. Em 1899, ela confidenciou em uma carta a John Scott Keltie, um geógrafo da *Royal Geographical Society*:

I sincerely hope if the big scientific [societies] ever let them [women] in they will make a separate department – or let the ladies have a separate council-chamber in which they can speak their minds... Women like your own Isabella [Bishop] and myself know lots of things no man can know about the heathen and no doubt men do ditto.²⁶⁵

Kingsley entendia que sua posição enquanto mulher impactava a sua etnografia e sua capacidade de publicar dentro dos limites de gênero aceitos na sociedade vitoriana. É necessário, portanto, atentar para a posicionalidade feminina dentro do discurso colonial. Mary Kingsley teve que lidar ao longo do texto com aquilo que Lila Abu-Lughod chama de “*blocked ability to comfortably assume the self of anthropology*”.²⁶⁶

Essa percepção se articulava, ainda, à sua compreensão sobre a relação entre gênero e raça. As diferenças entre as “raças” eram comparadas por ela com a diferença entre homens e mulheres brancos: “[...] *the mental difference between the two races is very similar to that between men and women among ourselves. A*

²⁶³ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. Londres: Macmillan, 1897, p. 170-171.

²⁶⁴ *Ibid.*, p. 499-500.

²⁶⁵ BIRKETT, Dea. *Mary Kingsley: imperial adventuress*. Londres: Macmillan, 1992, p. 157.

²⁶⁶ ABU-LUGHOD, Lila. “Writing against culture”. In: R. FOX (ed.), *Recapturing Anthropology: Working in the Present*. Santa Fe: School of American Research Press, 1991, p. 155.

*great woman, either mentally or physically, will excel an indifferent man, but no woman ever equals a really great man.*²⁶⁷ Esse estilo de comparação, fundada em metáforas entre gênero e raça, era um componente de discursos raciais do século XIX²⁶⁸, mas não é comum encontrar exemplos de mulheres fazendo essas comparações explicitamente. Segundo Nancy Stepan, discursos raciais empregavam essa metáfora rotineiramente no século XIX:

In the nineteenth century, as attention turned increasingly to sexual and gender differences as well, gender was found to be remarkably analogous to race, such that the scientist could use racial difference to explain gender difference, and vice versa. [...] In short, lower races represented the "female" type of the human species, and females the "lower race" of gender.²⁶⁹

Na perspectiva de Kingsley, ela fazia parte de uma “raça masculina”, enquanto os fang faziam parte de uma “raça feminina”. Em uma carta para o major britânico Matthew Nathan em 1899, ela expressou sua opinião sobre “o africano” enquanto categoria genérica:

I will impart to you, in strict confidence, for if it were known it would damage me badly, my opinion on the African. His is *not* ‘half devil and half child’ any more than he is ‘our benighted brother’ and all that sort of thing. He is a woman . . . I know those nigs because I am a woman, a woman of a masculine race but a woman still.²⁷⁰

A afirmação de Kingsley de que ela pertencia a uma “raça masculina”, mas ainda assim era uma mulher, ilustra os conflitos entre os diversos papéis que ela buscou adotar ao longo do seu relato, de acordo com a situação narrada. Em certos momentos, Kingsley se apresenta como “representante colonial” (aventureiro, comerciante, naturalista, etnógrafo). Em outros, ela faz questão de chamar atenção para a sua “feminilidade”. Quando Kingsley tenta ser “o antropólogo” ou “o aventureiro”, ela é interrogada sobre onde estaria o seu marido, que ela não tinha. Representando esses papéis, Kingsley intensifica o seu discurso racista, de forma a

²⁶⁷ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. Londres: Macmillan, 1897, p. 659.

²⁶⁸ STEPAN, Nancy Leys. Race and gender: The role of analogy in science. *Isis*, v. 77, n. 2, p. 261-277, 1986.

²⁶⁹ *Ibid.*, p. 263-264.

²⁷⁰ BIRKETT, Dea. *Mary Kingsley: imperial adventuress*. Londres: Macmillan, 1992, p. 150.

se identificar não como mulher, mas como “branco” e representante da “civilização”.²⁷¹

4.2 “*From bed-sheetdom to glory*”: paródias de gênero no mundo colonial

Mary Kingsley estava ciente ao escrever o seu relato de viagem das convenções de representação do narrador como “herói colonial”, narrativas de aventura imperial geralmente sendo repletas de imagens de masculinidade, para além do tom de superioridade racial. Como vimos nos capítulos anteriores, narrativas de exploração e aventura colonial eram estreitamente associadas a imagens de masculinidade. As viajantes se inseriam nesses discursos de formas distintas, negociando convenções de gênero. Como afirma Sara Mills: “*The adventure hero is the perfect colonial subject, or at least the perfect colonial male subject.*”²⁷²

Enquanto Florence Dixie assumia esse tipo de linguagem para si, articulando em paralelo um discurso de reforma e sufrágio feminino, Mary Kingsley tinha uma estratégia diferente. Ao lidar com momentos de inadequação textual em termos de gênero, Kingsley adota um tom cômico sobre o discurso de masculinidade da narrativa de aventura colonial, que ela declara ser seu gênero literário favorito.

A viajante deixa claro no texto que conhecia as convenções do gênero, mas também precisava as contornar de alguma forma. Nesse sentido, seu principal recurso era o humor. Diversas vezes ao longo do relato, Mary sugere que o momento da narrativa “pedia” pelo protagonista convencional, o “herói colonial”, mas ela se recusa a assumir essa posição, resultando em inadequações paródicas, em ridicularizações desse ideal ou em reafirmações de sua identidade enquanto aderente estrita a convenções de feminilidade de classe média. Essas instâncias do relato produzem instabilidades no discurso colonial e revelam explicitamente o seu caráter generificado. Em um ponto da narrativa em que Kingsley encontra com uma manada de elefantes na floresta, a autora reproduz aquilo que deveria ter acontecido

²⁷¹ BLUNT, Alison. *Travel, Gender, and Imperialism: Mary Kingsley and West Africa*. Nova Iorque: Guilford Press, 1994.

²⁷² MILLS, Sara. *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*. London: Routledge, 1991, p. 77.

de acordo com a tradição literária masculina e sua impossibilidade de assumir o papel:

I saw in the bottom, wading and rolling in the mud, a herd of five elephants. [...] I know exactly how I ought to have behaved. I should have felt my favourite rifle fly to my shoulder, and then, carefully sighting for the finest specimen, have fired. The noble beast should have stumbled forward, recovered itself, and shedding its life blood behind it have crashed away into the forest. I should have then tracked it, and either with one well-directed shot have given it its quietus, or have got charged by it, the elephant passing completely over my prostrate body; either termination is good form, but I never have these things happen, and never will.²⁷³

Ainda assim, não são poucas as vezes em que Kingsley declaradamente tenta imitar esse personagem colonial, apesar de sua percepção de inadequação narrativa. Como afirma Sara Mills: “*The conventions of travel writing thus present a framework of largely masculine narratorial positions and descriptive patterns with which women writers negotiate when they construct their travel accounts.*”²⁷⁴ Cenas em que Kingsley se vê no papel de “aventureiro” são geralmente acompanhadas de afirmações como: “*I do not think it is ladylike to go shooting things with a gun.*”²⁷⁵ No entanto, ela também sabia que parte do seu público leitor masculino ainda estaria esperando por esse tipo de cena:

Do not mistake this for a sporting adventure. I no more thought it was a leopard than that it was a lotus when I joined the fight. [...] For the benefit of sporting readers whose interest may have been excited by the mention of big game, I may remark that the largest leopard skin I ever measured myself was, tail included, 9 feet 7 inches. It was a dried skin, and every man who saw it said, It was the largest skin he had ever seen, except one that he had seen somewhere else.²⁷⁶

A viajante tentava, em certos momentos, emular essa persona narrativa: “*No need for an old coaster like me to look at that sort of thing twice to know what it meant, and feeling it was a situation more suited to Mr. Stanley than myself, I*

²⁷³ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. London: Macmillan, 1897, p. 258.

²⁷⁴ MILLS, Sara. *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*. London: Routledge, 1991, p. 86.

²⁷⁵ KINGSLEY, op. cit., 545.

²⁷⁶ *Ibid.*, p. 546.

attempted to emulate his methods and addressed my men."²⁷⁷ Há ainda outras instâncias em que esse tipo de emulação aparece como paródia, representando o ideal de masculinidade imperialista britânica como uma farsa cômica. Em certo ponto da sua trilha pela floresta, a viajante descreve que estava com medo de demonstrar medo perante os seus guias, expressando ansiedades de controle colonial.

Tendo em vista a possibilidade de perder o respeito de seus guias e imaginando que poderia ser atacada ou abandonada por eles, Kingsley narra o episódio tanto externamente (buscando se apresentar como inabalável) quanto internamente (apresentando a sua ansiedade frente ao suposto perigo). Ao mesmo tempo, nessa passagem ela contrasta a figura do colonizador, descrito de forma patética e que precisa ser fisicamente carregada em suas explorações, com a imagem que ela busca passar para os seus guias. Dessa forma, em um único trecho Kingsley busca encarnar o herói de aventura enquanto ideal e apresenta a figura do colonizador real como impotente e frágil.

I was too frightened of the Fan, and too nervous and uncertain of the stuff my other men were made of, to dare show the white feather at anything that turned up. The Fan took my conduct as a matter of course, never having travelled with white men before, or learnt the way some of them require carrying over swamps and rivers and so on. I dare say I might have taken things easier, but I was like the immortal Schmelzle, during that omnibus journey he made on his way to Flaetz in the thunder-storm – afraid to be afraid. I am very certain I should have fared very differently had I entered a region occupied by a powerful and ferocious tribe like the Fan, from some districts on the West Coast, where the inhabitants are used to find the white man incapable of personal exertion, requiring to be carried in a hammock, or wheeled in a go-cart or a Bath-chair about the streets of their coast towns, depending for the defence of their settlement on a body of black soldiers.²⁷⁸

Nesta passagem, Kingsley busca imitar a figura do homem heroico para tentar convencer os seus guias, mas permanece no texto dirigido ao leitor a ideia de que sua atitude não passa de uma encenação amedrontada, "*afraid to be afraid.*"²⁷⁹ Ela

²⁷⁷ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. London: Macmillan, 1897, p. 298-299.

²⁷⁸ *Ibid.*, p. 276-277.

²⁷⁹ A figura com a qual se compara, Schmelzle, é o herói de uma novela cômica (*Army Chaplain Schmelzle's Journey to Flätz*, 1809) escrita pelo autor alemão Jean Paul e funciona como caricatura

encarna nesse episódio um certo tipo de masculinidade heroica que só se sustenta como bravata cômica, como imitação e máscara, em constante perigo de ser desvelada, enquanto que a figura do colonizador masculino é substancialmente debilitada. Ela busca se aproximar de um ideal de masculinidade que ela sugere ser cômico por meio da comparação literária que faz, ao mesmo tempo que aponta o ridículo da figura do colonizador britânico enquanto homem que também é incapaz de atingir esse ideal.

No entanto, logo em seguida a essa passagem, Kingsley oferece em contraste uma das poucas imagens de masculinidade e da figura do colonizador sem efeito cômico, apresentando-as como autoridades cujo domínio aparece como incontestável. No trecho a seguir, Kingsley apresenta os oficiais coloniais do Congo Francês exercendo dominação efetiva, em contraste direto com a imagem debilitada que construíra do colonizador britânico: *“This is not so in Congo Français, and I had behind me the prestige of a set of white men to whom for the native to say, “You shall not do such and such a thing”; “You shall not go to such and such a place,” would mean that those things would be done.”*²⁸⁰

De forma geral, o tom de descrição da masculinidade do colonizador é cômico. As inadequações sentidas por Kingsley nem sempre resultam ao longo do texto em uma ideia de “falta” para com o ideal de masculinidade. De fato, ela por diversas vezes apresenta esse personagem como ridículo, fazendo uso de estratégias paródicas, como argumenta Sara Mills.²⁸¹ Ao descrever uma situação perigosa em um pântano, a viajante novamente invoca a figura do explorador colonial masculino como objeto de ridículo. A imagem clássica do explorador-aventureiro (descrito como insensato, inconsequente, obcecado por glória, fama e bravura) é contrastada com a sua atitude enquanto “pessoa normal”, que frente ao perigo adota uma atitude sensata:

Of course, if you really want a truly safe investment in Fame, and really care about Posterity, and Posterity’s Science, you will jump over into the black batter-like, stinking slime, cheered by the thought of the terrific sensation you will produce 20,000 years hence, and the care you will be taken of then by you fellow-

do herói-militar prussiano, que finge ser corajoso, quando na verdade se sustenta somente em cima de bravatas.

²⁸⁰ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. London: Macmillan, 1897, p. 277.

²⁸¹ MILLS, Sara. *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*. London: Routledge, 1991.

creatures, in a museum. But if you are a mere ordinary person of a retiring nature, like me, you stop in your lagoon until the tide rises again; most of your attention is directed to dealing with an “at home” to crocodiles and mangrove flies, and with the fearful stench of the slime around you. What little time you have over you will employ in wondering why you came to West Africa, and why, after having reached this point of folly, you need have gone and painted the lily and adorned the rose, by being such a colossal ass as to come fooling about in mangrove swamps.²⁸²

Kingsley adotava um tom irônico, como indica Sara Mills²⁸³, ao se referir aos homens brancos no cenário colonial de forma cômica, geralmente descrevendo-os de forma infantilizada: “*Dr. Pélessier then insists on banging down monkey bread-fruit with a stick, to show me their inside. Of course they burst over his beautiful white clothes. I said they would, but men will be men.*”²⁸⁴

Em outra passagem de natureza farsesca Kingsley simultaneamente ironiza a figura masculina, recorrendo mais uma vez à infantilização, e brinca com a ideia de “*woman’s true sphere*”. Nesse episódio, os seus companheiros de bordo masculinos correm de um deque para o outro para ver qual navio chegaria primeiro a Lamberene em razão de uma aposta.

So I confine myself to woman’s true sphere, and assist in a humble way by catching the wine and Vichy water bottles, glasses, and plates of food, which at every performance are jeopardised by the members of the nobler sex starting off with a considerable quantity of the ample table-cloth wrapped round their legs.²⁸⁵

Tendo demonstrado como a autora trata comicadamente ideais de masculinidade, é necessário mencionar que há também um constante movimento no texto por parte da autora de tentar evitar ser confundida com o masculino, revelando um teor de ansiedade com relação às pressões regulatórias de gênero vitorianas. Em vários momentos farsescos, a autora narra situações de confusão de gênero e são nesses momentos em que ela se esforça com mais intensidade em reafirmar sua aderência a padrões de feminilidade de classe média.

²⁸² KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. London: Macmillan, 1897, p. 89.

²⁸³ *Ibid.*, p. 173.

²⁸⁴ *Ibid.*, p. 149.

²⁸⁵ *Ibid.*, p. 193.

Ao chegar em um acampamento, com roupas encharcadas, Kingsley pede para que solicitassem ao homem responsável pelo agrupamento uma muda de roupas. O episódio que se segue, de natureza cômica, envolve uma confusão linguística da qual ela constantemente reclama ao longo do texto. Pelo fato de o colonialismo ser uma empreitada largamente masculina, o homem ao entregar a mensagem refere-se a ela como “*sir*”, gerando uma situação de intensa ansiedade por reafirmar feminilidade. Kingsley introduz essa anedota já de antemão com o seguinte comentário, marcando a sua vestimenta como símbolo de feminilidade:

For example, I am a most lady-like old person and yet get constantly called “Sir.” I hasten to assure you I never even wear a masculine collar and tie, and as for encasing the more earthward extremities of my anatomy in you know what I mean, well, I would rather perish on a public scaffold.²⁸⁶

A vergonha que a autora experimenta a induz imediatamente a tentar encenar imagens de fragilidade feminina de classe média, mas a possibilidade de um desmaio se revela como impraticável no contexto, de modo que o melhor que consegue fazer em termos narrativos é se descrever ficando ruborizada.

Had there been any smelling salts or sal volatile in this subdivision of the Ethiopian region I should have forthwith fainted on reading this, but I well knew there was not, so I blushed until the steam from my soaking clothes (for I truly was “in a deuce of a mess”) went up in a cloud and then, just as I was, I went “across” and appeared before the author of that awful note. When he came round, he said it had taken seven years' growth out of him, and was intensely apologetic. I remarked it had very nearly taken thirty years' growth out of me, and he said the steward boy had merely informed him that “White man live for come from X,” a place where he knew there was another factory belonging to his firm, and he naturally thought it was the agent from X who had come across.²⁸⁷

Ao citar signos de feminilidade vitorianos, Kingsley não só revela uma ansiedade em não ser confundida com um homem, mas também pode representar uma tentativa de encarnar a figura do protagonista de uma narrativa de aventura imperial marcadamente como mulher. De acordo com Karen Morin: “*Many*

²⁸⁶KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. London: Macmillan, 1897, p. 502.

²⁸⁷ *Ibid.*, p. 502-503.

scholars of British women's travel writing have noted the extent to which travelers represented themselves as women undertaking particular activities, especially transgressive ones."²⁸⁸

Na passagem a seguir, por exemplo, Mary Kingsley reconta um episódio em que ao cair em uma armadilha de caça no meio da floresta, a única coisa que lhe salva é justamente o volume de suas saias, de modo que o signo de feminilidade é apresentado enquanto um trunfo na sua narrativa de aventura, trunfo este que não teria se tivesse adotado "roupas masculinas":

I made a short cut for it and the next news was I was in a heap, on a lot of spikes, some fifteen feet or so below ground level, at the bottom of a bag-shaped game pit. It is at these times you realise the blessing of a good thick skirt. Had I paid heed to the advice of many people in England, who ought to have known better, and did not do it themselves, and adopted masculine garments, I should have been spiked to the bone, and done for. Whereas, save for a good many bruises, here I was with the fulness of my skirt tucked under me, sitting on nine ebony spikes some twelve inches long, in comparative comfort, howling lustily to be hauled out.²⁸⁹

Assim, Kingsley tenta conciliar os diversos papéis e pressões de gênero na construção de sua narrativa: "*Grand things, good, old-fashioned, long skirts are for Africa!*"²⁹⁰ Diferente de Florence Dixie, que usava o cenário da Patagônia para defender uma reforma no vestuário feminino na Inglaterra, Kingsley enfatiza o vestuário vitoriano como marca de feminilidade.

Mary Louise Pratt²⁹¹ argumenta, nesse sentido, que Kingsley dá ênfase a aspectos de uma subjetividade associada ao feminino. A viajante faz comparações remetendo a objetos domésticos, por exemplo, figurando como elementos úteis na sua narrativa de aventura. Ela espanta crocodilos com um guarda-chuva e faz uma vela para o seu barco com roupa de cama – "*Forward rose the form of our sail, idealised from bed-sheetdom to glory*".²⁹² Objetos do espaço doméstico, associados à feminilidade, aparecem como instrumentos para a obtenção de glória na narrativa

²⁸⁸ MORIN, Karen M. *Frontiers of femininity: A new historical geography of the nineteenth-century American West*. Nova Iorque: Syracuse University Press, 2008, p. 69.

²⁸⁹ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa*. Congo Français, Corisco and Cameroons. London: Macmillan, 1897, p. 269-270.

²⁹⁰ Ibid., p. 145.

²⁹¹ PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. Nova Iorque: Routledge, 2007.

²⁹² KINGSLEY, op. cit., p. 338.

colonial de Kingsley, ainda que de forma cômica. Escolher a melhor fibra para servir de corda em meio à floresta é feito: “[...] *with the ease and accuracy of a lady who picks out the particular twisted strand of embroidery silk from a multi-coloured tangled ball.*”²⁹³

Essa insistência em marcas de feminilidade, principalmente na questão da vestimenta, não representa, porém, a construção de um personagem facilmente enquadrado no imaginário social britânico de classe média sobre o “feminino” do século XIX. Kingsley viaja sozinha para o continente africano, o que na introdução é apontado como uma loucura por seus conhecidos, ela se apresenta frequentemente enquanto motivada por ambições científicas (coletar peixes e insetos), como fisicamente resistente, e em diversas cenas a única forma de encontrar abrigo ou obter suprimentos é adotar o papel de negociante, visto como essencialmente masculino.

As tentativas de conciliação de papéis de gênero feitas por Kingsley nem sempre são bem-sucedidas. Em certos momentos, a percepção dela enquanto mulher atrapalha os seus propósitos e, portanto, é rejeitada textualmente. Em certo ponto da narrativa, a autora reconta a sua tentativa de convencer um oficial colonial a deixá-la ir até um ponto mais acima do rio, onde havia corredeiras, para coletar peixes. Na impossibilidade de se apresentar como a figura do intrépido aventureiro, a viajante ironiza a necessidade do acompanhante masculino. Além disso, ao final do trecho, é interessante notar que ela se coloca como líder da expedição descrevendo-se como “*mother hen*”, ou seja, a posição de superioridade que ela consegue construir é a figura de mãe, infantilizando seus guias.

First, the official says he does not like to take the responsibility of allowing me to endanger myself in those rapids. I explain I will not hold any one responsible but myself, and I urge that a lady has been up before, a Mme. Quinee. He says “Yes, that is true, but Madame had with her a husband and many men, whereas I am alone and have only eight Igalwas and not Adoomas, the proper crew for rapids, and they are away up river now with the convoy.” “True, oh King!” I answer, “but Madame Quinee went right up to Lestourville, whereas I only want to go sufficiently high up the rapids to get typical fish. [...]” “and as for husband, neither the Royal Geographical Society’s list, in their ‘Hints for Travellers’, nor Messrs. Silver, in their elaborate lists of articles necessary for a traveller in tropical climates, make

²⁹³ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. London: Macmillan, 1897, p. 267.

mention of husbands.” However, the official ultimately says Yes, I may go, and parts with me as with one bent on self-destruction. This affair being settled I start off, like an old hen with a brood of chickens to provide for, to get chop for my men, and go first to Hatton and Cookson’s factory.²⁹⁴

Uma questão que aparece algumas vezes no texto é a perplexidade de outras pessoas com relação ao fato de Kingsley estar viajando desacompanhada de um marido. A autora narra uma conversa com um homem que insiste em perguntar onde estava o seu marido e se recusa a acreditar quando ela responde que não tem um. A reação imediata da autora, irritada com a profusão de perguntas sobre esse assunto, é de tentar desviar o assunto, perguntando sobre a quantidade de borracha que havia na região. Dessa forma, ela busca operar discursivamente um desvio da sua percepção enquanto mulher para tentar ser percebida como negociante ou representante colonial, sondando a disponibilidade de recursos naturais. A tentativa, chamada por Kingsley de “armadilha”, fracassa e o homem com quem conversava continua insistindo na sua linha de questionamento.

“Where be your husband, ma?” was the next conversational bomb he hurled at me. “I no got one,” I answer. “No got,” says Samuel, paralysed with astonishment; and as Mrs. S., who did not know English, gave one of her vigorous drives with her paddle at this moment, Samuel as near as possible got jerked head first into the Ogowe, and we took on board about two bucketfuls of water. He recovered himself, however and returned to his charge. “No got one, ma?” “No,” say I furiously. “Do you get much rubber round here?” “I no be trade man,” says Samuel, refusing to fall into my trap for changing conversation. “Why you no got one?” The remainder of the conversation is unreportable, but he landed me at Andande all right, and got his dollar.²⁹⁵

Principalmente ao tratar com os fang, Kingsley tenta assumir narrativamente a figura do “representante da civilização” enquanto figura masculina, que podia ser construída segundo diversos papéis (aventureiro, etnógrafo, naturalista, comerciante), uma vez que é nesses pontos em que ela busca reforçar sua autoridade discursiva. Ela, por exemplo, fica satisfeita ao ser reconhecida como comerciante: “*What that trader has got to do, is to be a "Devil man." They always kindly said*

²⁹⁴ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. London: Macmillan, 1897, p. 167-168.

²⁹⁵ *Ibid.*, p. 216-217.

they recognised me as one, which is a great compliment.”²⁹⁶ Em parte, essa associação a papéis vistos como masculinos também se relaciona ao intento de afastar uma imagem de vulnerabilidade feminina branca em um contexto colonial.

Kingsley tinha consciência de que sua reputação estaria em jogo ao publicar o relato e é por isso também que insiste em outros momentos em negociar com uma imagem de feminilidade de classe média respeitável. Como assinala Gerry Kearns, essas negociações de imagens de gênero se davam em público, levando em consideração as pressões vitorianas sobre gênero e de controle da sexualidade: “*Going to west Africa and alone among the indigenous peoples was seen by many contemporaries, and in this case the Daily Telegraph, as ‘a risk to something more than life’.*”²⁹⁷

Para Alison Blunt²⁹⁸, essas imagens de gênero eram cambiáveis e eram empregadas por Kingsley de acordo com o contexto específico. A viajante articulava discursos de feminilidade e o discurso colonial para construir uma imagem de si mesma como uma figura de autoridade. Para ela, era possível desviar de imagens de feminilidade e domesticidade em certos momentos ao se alinhar com discursos de superioridade racial, de forma a fortalecer um senso de autoridade narrativa. Entre os fang, ela se apresenta na maioria das vezes como “representante da civilização”, uma figura associada a ideias de masculinidade. Quando, nesses momentos, alguém intervém demarcando a sua posição como mulher branca, Kingsley desvia o foco narrativo e tenta reassumir aquela posição. Porém, quando ela está entre os homens europeus, qualquer ambiguidade ou confusão com relação a sua “feminilidade” é apresentada como uma situação embaraçosa. Ainda outra possibilidade empregada por Kingsley era a paródia da masculinidade dos homens europeus, como vimos.

As representações de gênero de Kingsley estavam, portanto, condicionadas por aspectos do discurso colonial. Se ela se descreve como “*Englishwoman*” é porque estava mobilizando, nesse contexto imperialista, uma imagem de gênero associada a uma determinada nacionalidade, classe e raça. Segundo Dea Birkett:

²⁹⁶ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. London: Macmillan, 1897, p. 312.

²⁹⁷ KEARNS, Gerry. The imperial subject: geography and travel in the work of Mary Kingsley and Halford Mackinder. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 22, n. 4, p. 450-472, 1997, p. 463.

²⁹⁸ BLUNT, Alison. *Travel, Gender, and Imperialism: Mary Kingsley and West Africa*. Nova Iorque: Guilford Press, 1994.

“All women travelers were aware of this dichotomy of being a woman with temporary male status, and the resulting [race and gender] tensions were manifested in many ways.”²⁹⁹ É interessante notar como Kingsley se preocupa em ser uma representante do gênero feminino, especificamente enquanto inglesa, diante de uma freira francesa:

[...] feeling quite certain I should get much misunderstood by the gentle, clean, tidy lady, and she might put me down as an ordinary specimen of Englishwoman, and so I should bring disgrace on my nation. If I had been able to dress up, ashore I would have gone, but as it was I wrote her a note explaining things and thanking her.³⁰⁰

Ela usa especialmente a roupa enquanto signo para a sua feminilidade, mas as vestimentas também podiam simbolizar sua posição enquanto representante colonial britânica perante representantes de outras potências coloniais:

For example, when in Cameroons I had one dress, and one only, that I regarded as fit to support the dignity of a representative of England, so of course when going to call on the representative of another Power I had to put that dress on, and then go out in open boats to war-ships or for bush walks in it, and equally of course down came tornadoes and rain by the ton. I did not care for the thunder, lightning, or wind. What worried me was the conviction that that precious rain would take the colour out of my costume.³⁰¹

Ainda que Mary Kingsley conseguisse lidar com diversas convenções de gênero ao longo do relato, certas convenções literárias associadas a uma posicionalidade masculina ainda eram percebidas por ela como inacessíveis. É o caso da cena do “*monarch of all that I survey*”, que já analisamos em capítulos anteriores. Kingsley, assim como Anna Jameson e diferente de Florence Dixie, se sentia desconfortável para assumir a posição de apreciador estético/conquistador da paisagem colonial. A solução dela, em particular, foi novamente recorrer ao humor, como argumenta Sara Mills.³⁰² Assim, a cena aparece como uma oportunidade

²⁹⁹ BIRKETT, Dea. *Spinsters abroad: Victorian lady explorers*. New York: Basil Blackwell Ltd., 1989, p. 137.

³⁰⁰ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. London: Macmillan, 1897, p. 351.

³⁰¹ *Ibid.*, p. 622.

³⁰² MILLS, Sara. *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*. London: Routledge, 1991.

contemplada mais de uma vez pela autora, mas que nunca pode ser completada em razão de alguma situação cômica, como por exemplo uma nuvem de mosquitos que a ataca inesperadamente.³⁰³ De forma similar a Anna Jameson, Kingsley afirma que uma cena de promontório escrita por ela não seria uma de conquista da natureza, mas de dissolução do sujeito perante a natureza contemplada:

The majesty and beauty of the scene fascinated me, and I stood leaning with my back against a rock pinnacle watching it. Do not imagine it gave rise, in what I am pleased to call my mind, to those complicated, poetical reflections natural beauty seems to bring out in other people's minds. It never works that way with me; I just lose all sense of human life, with its grief and worry and doubt, and become part of the atmosphere.³⁰⁴

Como argumenta Mary Pratt, Kingsley se constrói como uma personagem auto-irônica. Ao invés de narrar a cena de promontório da narrativa colonial, ela prefere se apresentar: “[...] *discovering her swamps not by looking down at them or even walking around them, but by sloshing zestfully through them in a boat or up to her neck in water and slime, swathed in thick skirts and wearing her boots continuously for weeks on end.*”³⁰⁵ A conquista de territórios e paisagens, enquanto elemento essencial do discurso colonial, aparece de forma irônica na narrativa da autora. Ao se apresentar a um oficial colonial alemão, Kingsley se limpa do território que tinha “conquistado” (lama):

I get the loads brought into my room, where they steam and distil rills of water on to the bare floor, and then, barricading the door-blankets and the window-shutters, I dispossess myself of the German territory I have acquired during the last twenty-four hours, and my portmanteau having kept fairly watertight, I appear as a reasonable being before society i.e., Herr Liebert, the German officer and hunt up my boys to get me tea.³⁰⁶

A ambiguidade de Kingsley com relação aos papéis de gênero que encarnava no texto é abertamente mencionada. Ao subir o Monte Camarões acompanhada de seus guias, esses desaparecem em certo momento e ela declara que era seu “*pater-*

³⁰³ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. London: Macmillan, 1897, p. 131.

³⁰⁴ *Ibid.*, p. 178.

³⁰⁵ PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. Nova Iorque: Routledge, 2007, p. 213.

³⁰⁶ KINGSLEY, *op. cit.*, p. 563-564.

maternal duty to go and find them.”³⁰⁷ Entre imagens de masculinidade e feminilidade, Kingsley ainda assim se apresenta em tom de superioridade, infantilizando seus acompanhantes. Apesar de que Kingsley não teria conseguido fazer a subida sem o conhecimento de seus guias, ela se descreve como líder da expedição, capaz de garantir a sua segurança, “como mãe e como pai”.³⁰⁸

Como aponta Kearns³⁰⁹, o tom de Kingsley é bem diferente do de Henry Stanley, cujo relato é repleto de violências físicas contra seus guias, mas sua narrativa não deixa de incorporar gestos e subjetividades imperialistas. Na descrição da subida do Monte Camarões, ela se apresenta não como “*Englishwoman*”, mas como “*Englishman*”, se inscrevendo novamente na tradição dos exploradores coloniais: “*But I am the exception, I own, and I have given in to the temptation and am the third Englishman to ascend the Peak and the first to have ascended it from the south-east face.*”³¹⁰

A estratégia da autora para lidar com a sua posição enquanto mulher no contexto do discurso colonial é frequentemente a de fazer uso do humor e da paródia, apresentando a figura do aventureiro colonial como objeto de ridículo. Nesse sentido, os relatos de viagem escritos por mulheres podem ter um efeito disruptivo em certa medida sobre o discurso colonial – não necessariamente indo contra o imperialismo que estrutura esse discurso, mas provocando alguns deslocamentos em termos de posicionalidade e tornando nítidas as convenções de gênero desse discurso. Sua autoridade discursiva estava relacionada ao seu status enquanto representante da ordem colonial ou da “civilização”, mas ao mesmo tempo o seu discurso tinha a capacidade de criar perturbações nesses paradigmas via gênero.

As oscilações de Kingsley entre “masculinidade” e “feminilidade” se dão por dentro de uma construção de superioridade racial. Como, então, são descritas as mulheres colonizadas? Dúnlaith Bird³¹¹ alerta para o perigo de pressupor analiticamente desde início qualquer posição de solidariedade por parte dessas

³⁰⁷ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. London: Macmillan, 1897, p. 605.

³⁰⁸ *Ibid.*, p. 604.

³⁰⁹ KEARNS, Gerry. The imperial subject: geography and travel in the work of Mary Kingsley and Halford Mackinder. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 22, n. 4, p. 450-472, 1997, p. 467-468.

³¹⁰ KINGSLEY, op. cit., p. 550.

³¹¹ BIRD, D. “Travel Writing and Gender”. In: Thompson, Carl (Org.) *The Routledge Companion to Travel Writing*. Nova Iorque: Routledge, 2016.

autoras de relatos de viagem com relação às mulheres colonizadas. Para tal, seria preciso partir do pressuposto de uma experiência de gênero comum e universal, capaz de ser percebida e compartilhada por essas mulheres. Kingsley frequentemente preferia se alinhar ao discurso imperial de superioridade racial para sustentar sua autoridade discursiva, nem sequer se apresentando como mulher quando não era narrativamente conveniente. É preciso considerar as construções de gênero de Kingsley como parte do discurso colonial, atentando para a lógica da colonialidade. A “feminilidade” tão defendida pela autora em certos pontos do relato estava estreitamente associada ao seu estatuto racial.

4.3 “*We have no Mrs. Harragan in Africa*”: gênero, família e trabalho

A narrativa de Mary Kingsley é complexa no que se refere ao gênero, criando momentos de comicidade na insistência e na inversão de padrões de gênero vitorianos de classe média em cenários coloniais. No entanto, é preciso atentar não somente para a maneira pela qual a viajante discute esses padrões de comportamento entre a população branca no contexto colonial, e especificamente como ela se apresenta articulando essas noções de gênero, mas também analisar como ela busca enquadrar diversas sociedades africanas a esses padrões de gênero.

Como argumenta Ann Laura Stoler, parte importante do controle colonial estava relacionada ao controle da intimidade e da sexualidade: “*Studies of gender and empire have shown persuasively that key symbols of the colonial state were secured by the ways in which gender was regulated, sexuality was patrolled, and race was policed.*”³¹² As pressões regulatórias de gênero coloniais desejavam impor um determinado modelo de gênero aos diversos povos colonizados, segundo a lógica da colonialidade. No relato de Kingsley, o controle da sexualidade aparece principalmente no que se refere ao afastamento de acusações de impropriedade sexual. Em dado momento do relato, a viajante descreve a seguinte situação:

I chaperoned my men, while among the ladies of Esoon – a forward set of minxes – with the vigilance of a dragon and decreed, like the Mikado of Japan, “that whosoever leered or winked, unless connubially linked, should forthwith be

³¹² STOLER, Ann Laura. *Carnal knowledge and imperial power: race and the intimate in colonial rule*. Berkeley: University of California Press, 2010, p. 210.

beheaded,” have their pay chopped, I mean; and as they were beginning to smell their pay, they were careful, and we got through Esoon without one of my men going into jail; no mean performance when you remember that every man had a past – to put it mildly.³¹³

Sara Mills apresenta essa passagem como uma anomalia, estranha para os padrões sociais britânicos sobre “*chaperoning*” em termos de gênero (exigência de um acompanhante para uma mulher jovem não casada em público). No entanto, como a autora mesmo argumenta³¹⁴, as autoras de relatos de viagem tinham que lidar, na produção e edição do material, com a possibilidade do público leitor interpretar a estadia feminina, sozinha e não supervisionada, no mundo colonial como sexualmente imprópria. O imaginário sobre o mundo colonial incluía imagens racistas como a do “primitivo estuprador” e imagens de vulnerabilidade da mulher branca. Diversos textos descreviam rebeliões coloniais usando imagens de ataques de homens colonizados a mulheres brancas, revelando ansiedades sobre a possibilidade de subversão das hierarquias coloniais de poder.³¹⁵ Percepções e medos sobre sexualidade nas colônias podiam mesmo influenciar políticas na metrópole.³¹⁶

Tendo isso em mente, ao invés de representar uma simples anomalia, o que opera Kingsley nessa passagem é mais uma situação de inversão, que podemos entender como uma estratégia por parte da autora para manter a respeitabilidade da sua figura no que diz respeito à sexualidade. Nessa cena, são as mulheres negras que representam uma sexualidade perigosa. Ao projetar a sexualidade ameaçadora sobre essas mulheres e se apresentar enquanto capaz de controlar/vigiar a

³¹³ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa*. Congo Français, Corisco and Cameroons. London: Macmillan, 1897, p. 296.

³¹⁴ MILLS, Sara. *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*. London: Routledge, 1991, p. 189.

³¹⁵ STOLER, Ann Laura. *Carnal knowledge and imperial power: race and the intimate in colonial rule*. Berkeley: University of California Press, 2010, p. 58.

³¹⁶ Nesse ponto, McClintock também argumenta que o controle da sexualidade no mundo colonial tinha impactos sobre a metrópole. Na Inglaterra, foram implementados os *Contagious Diseases Acts* (1864, 1866 e 1869), visando regular a prostituição. A argumentação para sua criação era de que as derrotas britânicas contra rebeliões coloniais estavam ligadas à propagação de doenças sexualmente transmissíveis: “*If women who served the garrison towns could be forcibly examined and cordoned off, the purity of the army and of respectable middle-class patrons could be assured. The Acts therefore gave police the right to forcibly impose physical examinations, registration and incarceration on working-class women thought to be working as prostitutes in designated garrison and naval towns. At the same time, the regulation of sexual behavior served as a means of policing the unruly working-class population at large.*” Cf. MCCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: Race, gender, and sexuality in the colonial contest*. Nova Iorque: Routledge, 1995, p. 287-288.

sexualidade dos homens do seu grupo, que, portanto, não representam uma ameaça a ela, Kingsley efetivamente desvia a preocupação do leitor sobre impropriedade sexual com relação a ela. Para tal, ela emprega uma imagem que depende da hipersexualização de mulheres negras.³¹⁷ No contexto do imperialismo do século XIX, a sexualidade de mulheres racializadas era muitas vezes descrita como aberrante.³¹⁸

A imposição do moderno sistema colonial de gênero não estava relacionada unicamente ao controle da sexualidade e da capacidade reprodutiva, como argumenta Oyèrónké Oyèwùmí:

The emergence of women as an identifiable category, defined by their anatomy and subordinated to men in all situations, resulted, in part, from the imposition of a patriarchal colonial state. For females, colonization was a twofold process of racial inferiorization and gender subordination.³¹⁹

Nesse processo, foi também importante a subordinação das mulheres colonizadas em termos políticos, econômicos e subjetivos. A regulação do comportamento dessas mulheres, impondo concepções europeias de gênero, raça e de família nuclear, visava igualmente reestruturar a disponibilidade de trabalho no contexto colonial.

No relato de Mary Kingsley, a principal temática abordada nesse sentido é a da poligamia. Para ela, a questão era menos um problema moral (como era tratada principalmente em obras escritas por missionários)³²⁰, mais uma questão de

³¹⁷ No contexto estadunidense, autoras como Patricia Hill Collins argumentam que imagens de hipersexualização da mulher negra muitas vezes eram usadas como justificativa para a violência sexual perpetuada por homens brancos, desde o período escravocrata. Cf. COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019, p. 55.

³¹⁸ No contexto do imperialismo europeu no continente africano, imagens de sexualidade monstruosa de mulheres negras eram frequentemente empregadas. Um exemplo famoso é o de Saatjie Baartman, conhecida na Europa como “Vênus Hotentote”. Ela foi exibida publicamente como “aberração sexual” na Inglaterra e na França. Cf. Abraham, Y. “Images of Sara Baartman: Sexuality, Race, and Gender in Early Nineteenth-Century Britain.” In: PIERSON, Ruth; CHAUDHURI, Nupur; MCAULEY, Beth (Orgs.) *Nation, Empire, Colony: Historicizing Gender and Race*. Bloomington: Indiana University Press, 1998.

³¹⁹ OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. *The invention of women: Making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 124.

³²⁰ A poligamia figurava como um debate moral nos escritos de missionários, que enquadravam a questão sob a ótica do adultério e do pecado: “Men seem to have been the primary targets for evangelization, a fact borne out in the debate over polygamy. The most serious and most enduring conflict between the church and its Yoruba converts was the Yoruba custom of multiple marriage. It became the most explosive factor in the relationship between Yoruba would-be Christians and the

trabalho. Na sua perspectiva, a poligamia representava uma forma de organização social a ser “superada” pela família nuclear ocidental, entendida como “civilizada”. No entanto, a poligamia não é apresentada como uma forma de opressão feminina, mas como uma forma conveniente de dividir a carga de trabalho das mulheres, que inclui não só o “trabalho doméstico”, como também a participação em atividades extrativas, a agricultura e a venda de produtos nos mercados.

Nesse esquema, os homens fang não aparecem como “opressores”, submetendo as mulheres fang à poligamia, mas ao contrário, sendo induzido à prática pelas próprias mulheres.³²¹ A reformulação pretendida por Kingsley das relações poligâmicas passa por um processo que depende de uma reestruturação produtiva. Para ela, as “mulheres africanas” seriam “preguiçosas” e, em razão disso, não conseguiriam dar conta da carga de trabalho requerida pela família nuclear monogâmica. Em contraste, ela oferece um exemplo do que faltaria para transformar as relações poligâmicas em monogâmicas – o que faltava era uma empregada doméstica. Mrs. Harragan, uma diarista irlandesa, é descrita por Kingsley como extremamente trabalhadora e ciumenta. Ela seria capaz, de acordo com ela, de fazer “*the whole week's work of an African village in an afternoon*” e ainda vigiar a possibilidade de traição do marido.

Estabelecer a família nuclear monogâmica ocidental nesse exemplo, portanto, é partir da imagem da trabalhadora doméstica. Ela é utilizada porque, em contraste, a imagem da mulher burguesa do século XIX, associada ao ócio doméstico, não

evangelists. For the missionaries, having multiple wives was not only primitive but against God's law: polygamy was adultery, pure and simple. Therefore, the minimum a Yoruba convert was expected to do before being baptized was to divest himself of all but one of his wives.” Cf. OYĒWŪMÍ, Oyèrónké. The invention of women: Making an African sense of western gender discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 137.

³²¹ As considerações de Kingsley, nesse aspecto em particular, vão contra a maior parte de discursos ocidentais que representavam a poligamia como uma imposição masculina. Ela continua a reproduzir imagens racistas na sua explicação, mas levanta hipóteses sobre o interesse das mulheres fang nas relações poligâmicas. Discutindo as interpretações europeias sobre as relações poligâmicas em contextos iorubá, Oyèwùmí argumenta: “*To be sure, polygamy and postpartum abstinence have been interpreted as signs of male dominance and articulated as detrimental to the interests of women. Polygamy is often interpreted as a sign of male privilege and female subordination. [...] Commentators have often claimed that polygamy was detrimental because it violated the exclusive sexual rights of an aya to her conjugal partner. However, one should not assume that every aya necessarily valued having an exclusive sexual right to her conjugal partner. [...] Like all marriage forms, polygamy as a social institution is not inherently good or bad. There are good marriages and bad marriages, polygamous or monogamous. The history of monogamous marriage in the West and feminist articulations of how oppressive to women and children this institution has been do not reveal monogamy as a system that inherently promotes a wife's interest.*” Cf. OYĒWŪMÍ, Oyèrónké. *The invention of women: Making an African sense of western gender discourses.* Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 60-61.

poderia oferecer um modelo comparativo viável nesse esquema, uma vez que a principal preocupação de Kingsley era a questão do trabalho. Transformar os homens colonizados em uma classe trabalhadora racializada significava para ela também reconfigurar estruturas familiares.

One is that it is totally impossible for one woman to do the whole work of a house look after the children, prepare and cook the food, prepare the rubber, carry the same to the markets, fetch the daily supply of water from the stream, cultivate the plantation, &c., &c. Perhaps I should say it is impossible for the dilatory African woman, for I once had an Irish charwoman, who drank, who would have done the whole week's work of an African village in an afternoon, and then been quite fresh enough to knock some of the nonsense out of her husband's head with that of the broom, and throw a kettle of boiling water or a paraffin lamp at him, if she suspected him of flirting with other ladies. That woman, who deserves fame in the annals of her country, was named Harragan. She has attained immortality some years since, by falling down stairs one Saturday night from excitement arising from "the Image's" (Mr. Harragan) conduct; but we have no Mrs. Harragan in Africa. The African lady does not care a travelling whitesmith's execration if her husband does flirt, so long as he does not go and give to other women the cloth, &c., that she should have. The more wives the less work, says the African lady; and I have known men who would rather have had one wife and spent the rest of the money on themselves, in a civilised way, driven into polygamy by the women; and of course this state of affairs is most common in non-slave-holding tribes like the Fan.³²²

A intenção de reconfiguração desse modelo, portanto, implicava não só na regulação de papéis de gênero enquanto formas de comportamento, mas também na modificação de estruturas produtivas. O discurso sobre a “preguiça” das populações colonizadas estava ligado ao controle do trabalho e da produtividade, um controle que frequentemente empregava formas violentas em cenários coloniais.³²³

O fato de a comparação ser feita especificamente com uma mulher trabalhadora irlandesa não é uma coincidência. Mais de uma vez Kingsley faz comparações desse tipo, assim como Anna Jameson também fazia entre povos indígenas e os irlandeses. Kingsley, por exemplo, descreve um de seus guias: “*One*

³²² KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. London: Macmillan, 1897, p. 211-212.

³²³ COOPER, Frederick. *Decolonization and African society: The labor question in French and British Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

*of them is a gentlemanly-looking man, who wears a gray shirt; another looks like a genial Irishman who has accidentally got black, very black [...]*³²⁴

Segundo Anne McClintock, os impulsos classificatórios típicos do discurso colonial britânico estabeleciam uma ordem evolucionista, cujo topo pertencia aos homens ingleses de classe média. Nessa ordenação: “*White English middle-class women followed. Irish or Jewish men were represented as the most inherently degenerate "female races" within the white male gender, approaching the state of apes.*”³²⁵

Comparações desse estilo podiam ser feitas também em termos de classe, sendo comuns discursos que descreviam bairros operários na Inglaterra fazendo uso de imagens do discurso colonial e de discursos racialistas.³²⁶ Discursos sobre a classe trabalhadora na Inglaterra podiam ser racializados, especialmente após a metade do século XIX, defendendo que a classe estaria associada a fatores biológicos inerentes.³²⁷ Dessa forma, a observação de cenários coloniais podia remeter aos bairros de classe trabalhadora de Londres: “*Many times when walking on Lembarene Island, have I seen a lady stand in the street and let her husband, who had taken shelter inside the house, know what she thought of him, in a way that reminded me of some London slum scenes.*”³²⁸

A imposição de compreensões europeias de gênero representava um dos esforços do missionarismo em contextos coloniais. Como aponta Anne McClintock: “*In the colonies [...] the mission station became a threshold institution for transforming domesticity rooted in European gender and class roles into domesticity as controlling a colonized people.*”³²⁹ A valorização da família nuclear como ideal normativo partia de uma concepção de que: “*The greater the degree of*

³²⁴ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa*. Congo Français, Corisco and Cameroons. London: Macmillan, 1897, p. 232.

³²⁵ MCCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: Race, gender, and sexuality in the colonial contest*. Nova Iorque: Routledge, 1995, p. 56.

³²⁶ Uma das referências de Kingsley, o antropólogo Edward Tylor, também fez comparações desse gênero: “*In our great cities, the so-called 'dangerous classes' are sunk in hideous misery and depravity. If we have to strike a balance between the Papuans of New Caledonia and the communities of European beggars and thieves, we may sadly acknowledge that we have in our midst something worse than savagery*”. Cf. TYLOR, Edward Burnett. *Primitive culture: Researches into the development of mythology, philosophy, religion, art and custom*. John Murray, 1871, v. 1, p. 38.

³²⁷ MARRIOTT, John. *The Other Empire: Metropolis, India and Progress in the Colonial Imagination*. Manchester: Manchester University Press, 2003, p. 42.

³²⁸ KINGSLEY, op. cit., p. 225.

³²⁹ MCCLINTOCK, op. cit., 1995, p. 35.

sexual differentiation - the more domestic the woman, and the more specialized the man - the more advanced the civilization was believed to be.”³³⁰

Após uma visita a uma escola missionária, a autora critica o conteúdo das lições. Para ela, o foco do ensino nessas escolas deveria ser a instrução técnica para os meninos, que deveriam se tornar força de trabalho principalmente em *plantations*, enquanto que a instrução para as meninas (costura, bordado, lavar e passar roupa) é vista como “precipitada”, uma vez que não existia ali o ideal doméstico vitoriano de lar de classe média. As expectativas dos missionários e de Kingsley, porém, revelam um interesse na reformulação do modelo produtivo e do modelo de família sob novas bases, partindo do modelo de gênero europeu.

The teaching even of sewing, washing, and ironing is a little previous. Good Mme. Jacot will weary herself for months to teach a Fan girl how to make herself a dress, and the girl will learn eagerly, and so keenly enjoy the dress when it is made that it breaks one's heart when one knows that this same girl, when her husband takes her to his village soon, in spite of the two dresses the mission gave her, will be reduced to a bit of filthy rag, which will serve her for dress, sheet, towel and dish cloth; for even were her husband willing to get her more cloth to exercise her dressmaking accomplishments on, he dare not. [...] Then the washing and ironing are quite parlour accomplishments when your husband does not wear a shirt, and household linen is non-existent as is the case among the Fans and many other African tribes.³³¹

De acordo com *Oyèrónké Oyěwùmí*, o missionarismo era o principal instrumento de educação colonial e um dos seus interesses era a reorganização das estruturas familiares de acordo com modelos europeus, formando “famílias cristãs”. As expectativas e treinamentos de gênero dos missionários buscavam reformar a família enquanto veículo de “civilização”: “*For the Christian missions, both girls and boys needed to be educated, but for different places in the new society the colonizers were in the process of fabricating.*”³³²

O controle do trabalho por parte dos colonizadores aparece como um tema importante no relato de Kingsley. Durante sua parada na ilha de Fernando Pó (atual

³³⁰ BEDERMAN, Gail. *Manliness and civilization: A cultural history of gender and race in the United States, 1880-1917*. Chicago: University of Chicago Press, 2008, p. 125.

³³¹ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa*. Congo Français, Corisco and Cameroons. London: Macmillan, 1897, p. 207.

³³² OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *The invention of women: Making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 131.

Bioko), a viajante faz uma descrição da relação da população local com as novas formas de trabalho implementadas pelo governo colonial espanhol (*plantations* de café e cacau). Kingsley descreve a situação revelando as ansiedades coloniais sobre o controle da força de trabalho:

Now and again a man or woman will come voluntarily and take service in Clarence, submit to clothes, and rapidly pick up the ways of a house or store. And just when their owner thinks he owns a treasure, and begins to boast that he has got an exception to all Bubidom, or else that he knows how to manage them better than other men, then a hole in that man's domestic arrangements suddenly appears. The Bubi has gone, without giving a moment's warning, and without stealing his master's property, but just softly and silently vanishing away. And if hunted up the treasure will be found in his or her particular village – clotheless, comfortable, utterly unconcerned, and unaware that he or she has lost anything by leaving Clarence and Civilisation.³³³

O alinhamento de Kingsley aos interesses comerciais britânicos na região representam o pano de fundo para suas considerações sobre o controle da força de trabalho. A imposição de sistemas de gênero europeus estava estreitamente relacionada à reorganização do trabalho e sua exploração no sistema capitalista no discurso de Kingsley. Ela sugere que a agricultura, para os interesses do sistema de *plantation* colonial, não deveria ser vista como “trabalho feminino”.³³⁴

A number of Krumen engaged themselves for a two years' term of labour on the Island of San Thome, and when they arrived there, were set to work on coffee plantations by the Portuguese. Now agricultural work is "woman's palaver," but nevertheless the Krumen made shift to get through with it, vowing the while no doubt, as they hopefully notched away the moons on their tally-sticks, that they would never let the girls at home know that they had been hoeing.³³⁵

³³³ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa*. Congo Français, Corisco and Cameroons. London: Macmillan, 1897, p. 62-63.

³³⁴ Oyèwùmí argumenta que as interpretações europeias sobre uma suposta divisão sexual do trabalho, especificamente no contexto iorubá pré-colonial, não devem ser tomadas como certas. Segundo ela, era um fator mais importante para o acesso a determinadas profissões o pertencimento a determinadas linhagens. A tendência a entender a divisão do trabalho em termos de gênero não refletia o entendimento das próprias sociedades iorubás. Cf. OYÈWÙMÍ, Oyèrónkè. *The invention of women: Making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 71. Incluímos os apontamentos de Kingsley como forma de expressar o desejo europeu de reformulação de concepções de gênero enquanto interligadas à reordenação de sistemas produtivos, ainda que sua interpretação sobre a agricultura como “trabalho feminino” seja infundada.

³³⁵ KINGSLEY, op. cit., p. 49.

Logo em seguida, Kingsley narra que esses trabalhadores começaram a duvidar de que as autoridades coloniais portuguesas os deixariam retornar. Tentando fugir desse contexto, eles se lançam ao mar, correndo diversos riscos até serem resgatados por navios britânicos. A sugestão de utilização de trabalho forçado por parte dos portugueses é imediatamente afastada: “*My Portuguese friends assure me that there was never a thought of permanently detaining the boys, and that they were only just keeping them until other labourers arrived to take their place on the plantations.*”³³⁶

Esse ponto era importante porque muitas potências europeias se apresentavam como “civilizadoras” também em relação ao trabalho: sua influência seria capaz de suprimir o tráfico de escravos. A finais do século XIX a retórica imperialista britânica havia passado a considerar a escravidão como uma questão propriamente “africana”.³³⁷ A implicação de que as potências “civilizadoras” estariam exercendo violência para impor a povos colonizados relações de trabalho forçado precisava ser rejeitada. Kingsley prefere insistir na “inocência europeia” e nos “efeitos positivos do comércio”, apresentando o Congo Belga como uma exceção condenável. A política alemã com relação ao trabalho colonial nos Camarões aparece no relato de Kingsley como apropriada, por exemplo, colocando apenas o Congo Belga como exemplo de atrocidade.³³⁸

A exploração europeia do trabalho nas colônias aparece na interpretação de Kingsley como uma questão de sobrevivência: a presença europeia era vista como fundamental para aumentar a produtividade agrícola. Sem a presença europeia, o argumento malthusiano de Kingsley era de que os métodos “primitivos” seriam

³³⁶ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa*. Congo Français, Corisco and Cameroons. London: Macmillan, 1897, p. 49.

³³⁷ Segundo Patrick Brantlinger, uma característica particular do racismo vitoriano da segunda metade do século XIX é a abordagem discursiva sobre a escravidão. Se inicialmente em discursos abolicionistas britânicos (1790-1840s) a escravidão era representada como diretamente associada ao envolvimento de comerciantes britânicos, após a abolição e a proibição do tráfico transatlântico o discurso muda ao longo do século. A implicação britânica na escravidão foi aos poucos sendo afastada no discurso. Ao invés de perpetrador da escravidão, o discurso britânico passa a assumir uma posição salvacionista, associada à ideia de “missão civilizadora”. Cf. BRANTLINGER, Patrick. Victorians and Africans: The genealogy of the myth of the dark continent. *Critical Inquiry*, v. 12, n. 1, p. 166-203, 1985, p. 198.

³³⁸ Se estabeleceu a partir de 1885 o Estado Livre do Congo, de propriedade do rei Leopoldo II, onde o sistema de trabalho forçado na extração da borracha e marfim levou a imensas atrocidades contra as populações colonizadas. A exploração violenta do trabalho compulsório levou a um genocídio nesse período (1885-1908), causando a morte de milhões de pessoas.

incapazes de alimentar o continente, cuja população estaria em crescimento.³³⁹ Assim, Kingsley argumenta que não se trataria de uma exploração europeia do trabalho nas colônias, mas de um processo que, em última instância, beneficiaria os próprios trabalhadores através do aumento de produtividade. Certamente não há menção ao fato de que a implementação da *plantation* colonial não tinha a intenção de fornecer alimentos para o continente africano, mas sim alimentar as crescentes demandas industriais por matéria prima a partir da exploração violenta das populações colonizadas.

A tentativa de controle do trabalho por parte das administrações coloniais não considerava a força de trabalho feminina como uma questão secundária. Segundo Anne McClintock, a discussão sobre a poligamia nos discursos coloniais britânicos era frequentemente vista como uma questão moral, mas também como uma questão produtiva.³⁴⁰

A família “estendida” e as relações poligâmicas apareciam como um fator de explicação para a “preguiça” do homem colonizado nesse tipo de discurso. Segundo esse tipo de argumentação, com acesso à força de trabalho de diversas esposas, o homem não sentiria necessidade de se submeter às novas formas de trabalho coloniais. De acordo com o historiador britânico James Froude (1818-1894), a “indolência masculina africana” se fundava “[...] *regrettably but inevitably in the detestable systems of polygamy and female slavery.*”³⁴¹

³³⁹ KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa. Congo Français, Corisco and Cameroons*. London: Macmillan, 1897, p. 677.

³⁴⁰ MCCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: Race, gender, and sexuality in the colonial contest*. Nova Iorque: Routledge, 1995, p. 252.

³⁴¹ *Ibid.*, p. 254.



Figura 5 – “Akongas, the chief Gonione, and his two wives”. Fonte: KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa*. Congo Français, Corisco and Cameroons. Londres: Macmillan, 1897, p. 365.

É nesse sentido que podemos entender a discussão sobre a dificuldade de controlar a mão de obra colonial e a necessidade de reestruturar relações familiares (projetos imperiais que enfrentaram grande resistência nos diversos contextos coloniais africanos).³⁴² O discurso sobre a “preguiça” era um discurso sobre a imposição de novas relações de trabalho capitalistas, em contraste com as formas de trabalho pré-coloniais. Segundo Anne McClintock, diversos documentos coloniais revelam que a condenação à poligamia “[...] *was an assault on African habits of labor that withheld from the resentful farmers the work of black men and women. The excess labor that a black man controlled through his wives was seen as a direct and deadly threat to the profits of the settlers.*”³⁴³

As tentativas de implementação de uma ordem moderna/colonial de gênero segundo hierarquias raciais não estavam relacionadas unicamente a uma questão de comportamento, mas também estavam vinculadas ao controle, coerção e disponibilidade do trabalho em contextos coloniais. Na retórica imperialista, o

³⁴² A respeito da resistência à imposição desses modelos em contexto iourubá, Oyèwùmí afirma: “*Colonial and neocolonial Yoruba society was not Victorian England in gender terms because both men and women actively resisted cultural changes at different levels. Indigenous forms did not disappear, though they were battered, subordinated, eroded, and even modified by the colonial experience.*” Cf. OYÈWÙMÍ, Oyèrónkê. *The invention of women: Making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 15.

³⁴³ MCCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: Race, gender, and sexuality in the colonial contest*. Nova Iorque: Routledge, 1995, p. 254.

controle da sexualidade e a imposição de padrões de gênero e família europeus podiam estar intimamente ligados à reordenação do trabalho em moldes capitalistas. Em determinados casos, até mesmo a sexualidade das mulheres colonizadas podia ser construída como fator impeditivo para o controle da força de trabalho colonial: “[...] *African women were said to wield immense power over men, and that women’s sexual demands were identified as obstructing the recruitment of men to work for the colonizers.*”³⁴⁴

Se é importante atentar para o gênero no discurso de Kingsley, examinando os diferentes papéis de gênero que ela mobiliza no relato, essa análise ficaria incompleta sem uma consideração sobre a colonialidade do gênero. A colonização teve impactos múltiplos sobre as diversas sociedades africanas, sendo um deles um impacto em termos de gênero: “*African females were colonized by Europeans as Africans and as African women. They were dominated, exploited, and inferiorized as Africans together with African men and then separately inferiorized and marginalized as African women.*”³⁴⁵

Nesse contexto, o primeiro passo para a imposição colonial do moderno sistema de gênero era a criação da família nuclear e a condenação da poligamia. No discurso de Kingsley os desejos de implementação dessa estrutura de gênero estavam relacionados à imposição da ordem de trabalho colonial capitalista. É nesse sentido que teóricas do feminismo decolonial apontam para a imbricação estrutural entre diversos eixos: gênero, heteronormatividade, classificação racial e sistema capitalista. Se o trabalho estava sendo reordenado em contextos coloniais segundo uma lógica racial, é também importante considerar a imposição de um sistema hierárquico e racializado de gênero nesse processo.

Teóricos fundamentais para a discussão sobre o colonialismo como Frantz Fanon³⁴⁶ e Albert Memmi³⁴⁷ apresentam o mundo colonial como um contexto dicotômico entre o colonizador e o colonizado, imposto a partir de uma lógica

³⁴⁴ MAMA, Amina. “Sheroes and Villains: Conceptualizing Colonial and Contemporary Violence Against Women in Africa” In: ALEXANDER, M. Jacqui; MOHANTY, Chandra Talpade (Orgs.). *Feminist genealogies, colonial legacies, democratic futures*. Nova Iorque: Routledge, 2013, p. 52.

³⁴⁵ OYĒWUMÍ, Oyèrónké. *The invention of women: Making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 122.

³⁴⁶ FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

³⁴⁷ MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

racista pelo Estado colonial. Oyěwùmí aponta, no entanto, que a colonização também foi um processo com impactos específicos em termos de gênero:

One similarity that is often overlooked is that both colonizers and colonized are presumed male. Colonial rule itself is described as "a manly or husbandly or lordly prerogative." As a process, it is often described as the taking away of the manhood of the colonized. [...] The histories of both the colonized and the colonizer have been written from the male point of view — women are peripheral if they appear at all. While studies of colonization written from this angle are not necessarily irrelevant to understanding what happened to native females, we must recognize that colonization impacted males and females in similar and dissimilar ways.³⁴⁸

Ao longo do capítulo, analisamos como Mary Kingsley construiu no relato um discurso que mobilizava diversos papéis de gênero em associação com um discurso de superioridade racial. A sua inabilidade em assumir completamente o lugar do observador colonialista (explorador, antropólogo, cientista) produzia situações de inversão e paródia. Como argumenta Sara Mills³⁴⁹, o relato de Kingsley subverte discursos de feminilidade e do colonialismo, apesar de não ser contra uma ideia de feminilidade e ser contra o colonialismo somente enquanto estratégia de anexação formal.

Uma discussão sobre gênero e imperialismo não deve ficar restrita às mulheres brancas e aos possíveis papéis que podiam negociar. Conforme Oyěwùmí: *"It is important to emphasize the combination of race and gender factors because European women did not occupy the same position in the colonial order as African women."*³⁵⁰ A estruturação do Estado colonial era também a imposição de uma institucionalidade racista e patriarcal. A atribuição ou não de feminilidade segundo os parâmetros europeus não foi o único efeito da colonialidade do gênero, exercendo também impactos diversos em termos políticos e econômicos de acordo com contextos específicos.

³⁴⁸ OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *The invention of women: Making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 121.

³⁴⁹ MILLS, Sara. *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*. London: Routledge, 1991, p. 174.

³⁵⁰ OYĚWÙMÍ, op. cit., p. 122.

5 Conclusão

As três autoras de relatos de viagem que analisamos trabalhavam, de formas distintas, com noções de gênero vigentes na sociedade britânica do século XIX, se inserindo em uma tradição literária marcada por tropos de masculinidade. A partir da “zona de contato”, elas negociaram papéis de gênero, construíram discursos reformistas, adotaram ou rejeitaram imagens de “feminilidade” da classe média. Embora cada uma das autoras abordasse temas e contextos muito distintos, desenvolvendo argumentações igualmente diversas, é possível notar pontos em comum no que diz respeito à discussão de gênero. Apesar de nem sempre conseguirem se adequar totalmente ao papel do narrador imperial masculino, essas autoras tinham acesso e compartilhavam de algum modo esses muitos discursos de superioridade racial.

Na lógica da colonialidade, categorias como “mulher” e “feminilidade” eram restritas às mulheres brancas. Não era apenas em contraste com homens brancos que as autoras se definiam. As construções discursivas também são feitas nesses relatos de viagem a partir do encontro com mulheres colonizadas, descritas por meio de imagens racistas de progresso e evolucionismo. Seja na região dos Grandes Lagos, na fronteira patagônica ou no Congo Francês, mulheres negras e indígenas foram todas vistas como racialmente inferiores por essas autoras. Ainda que seus interesses e posições variassem radicalmente, as três autoras se apresentaram como “mulheres brancas civilizadas”.

O colonialismo era visto como um fenômeno que, em larga medida, associava a posição do colonizador ao masculino e a posição do colonizado ao feminino, enquanto posição subalterna. Nupur Chaudhuri e Margaret Strobel apontam que: *“In general, theories about colonialism have stressed its ‘masculine’ nature, highlighting the essential components of domination, control, and structures of unequal power.”*³⁵¹ Ao analisar como essas mulheres brancas se inseriram no discurso colonial negociando imagens generificadas, podemos quebrar a ideia de um discurso colonial homogêneo, independente da posição específica do

³⁵¹ CHAUDHURI, Nupur; STROBEL, Margaret (Ed.). *Western women and imperialism: Complicity and resistance*. Bloomington: Indiana University Press, 1992, p. 3.

enunciador. Autoras como Anna Jameson e Florence Dixie partiram da retórica imperialista, por exemplo, para defender reformas e a “emancipação feminina”, temas pouco associados ao discurso colonial.

No primeiro capítulo, vimos como Anna Jameson construiu o contexto colonial canadense da década de 1830 como um espaço propício para contestar noções de feminilidade burguesa, aquilo que ela chamava de “falsa posição da mulher”. A viagem lhe proporcionou um deslocamento a partir do qual as convenções de gênero da classe média poderiam ser desnaturalizadas. Na fronteira colonial, imagens como a de “fragilidade feminina” e de “ócio doméstico” aparecem para a autora como construtos artificiais, característicos da Inglaterra e suas relações de classe. O seu interesse como ativista estava vinculado especificamente à posição da mulher de classe média britânica e sua condição de dependência financeira, defendendo o seu acesso às profissões liberais.

Ao mesmo tempo, a autora buscava enquadrar mulheres indígenas em um quadro progressivo de “emancipação feminina”. Compreensões de gênero eram muitas vezes utilizadas como mais um fator para demarcar a diferença entre “civilização” e “barbárie” no século XIX. Mulheres indígenas eram representadas frequentemente como exemplo de maior “degradação da condição feminina”, de acordo com o estereótipo da “*squaw drudge*”. Os processos de colonização europeia representam a imposição de uma ordem violenta segundo hierarquias raciais e de gênero específicas. Como comenta Amina Mama: “*It is ironic that the Europeans, who came from such a patriarchal civilization, nevertheless had the audacity to pose as heroic protectors and uplifters of women when they arrived in the colonies.*”³⁵²

A formulação de Jameson não buscava reafirmar padrões sociais britânicos em termos de gênero como exemplos de “civilização”, mas reformá-los para que pudessem ser vistos como tal. A construção de uma escala de progresso civilizatório associada a um discurso de reforma resulta de um olhar racista, comprometido com a imagem do “desaparecimento” dos povos indígenas. A análise dessas imagens

³⁵² MAMA, Amina. “Sheroes and Villains: Conceptualizing Colonial and Contemporary Violence Against Women in Africa” In: ALEXANDER, M. Jacqui; MOHANTY, Chandra Talpade (Orgs.). *Feminist genealogies, colonial legacies, democratic futures*. Nova Iorque: Routledge, 2013, p. 49.

discursivas é importante, visto que subjetividades orientam práticas de violência contra mulheres indígenas:

Stereotypic images of Indian princesses, squaw drudges, suffering helpless victims, tawny temptresses, or loose squaws falsify Indigenous women's realities and suggest in a subliminal way that those stereotypical images are Indigenous women. As a consequence, those images foster cultural attitudes that encourage sexual, physical, verbal, or psychological violence against Indigenous women.³⁵³

A “zona de contato” foi construída por Anna Jameson como um local a partir do qual seria possível transgredir noções burguesas de feminilidade. Seu argumento é orientado para mulheres brancas de classe média. Dessa forma, mulheres indígenas são representadas como “outras” desumanizadas, segundo a lógica da colonialidade do gênero. Nesse sentido, a teórica mohawk Patricia Monture-Angus argumenta que para as mulheres indígenas no Canadá “*feminism as an ideology remains colonial*”.³⁵⁴

No segundo capítulo, analisamos como Florence Dixie transformou a paisagem patagônica em um cenário a partir do qual ela podia repensar as relações de gênero britânicas. Já na segunda metade do século e envolvida com a luta pelo sufrágio feminino na Inglaterra, Dixie utilizou esse espaço de fronteira para construir uma “utopia de gênero”. Diferentemente das outras duas autoras, que eram de classe média, ela era uma aristocrata. De forma mais direta, assumiu a retórica imperialista, incluindo tropos associados à ideia de masculinidade. Como aristocrata, ela não estava sujeita a discursos de domesticidade burguesa da mesma forma como as outras duas autoras estavam.

Foi por dentro dessa retórica e a partir do espaço da fronteira que Dixie elaborou discursos sobre “emancipação feminina”, inseparáveis da lógica da colonialidade. Para ela, o cenário da Patagônia era simultaneamente um espaço de “barbárie”, povoado pela figura do “*vanishing indian*”, e um espaço particular no qual hierarquias de gênero britânicas poderiam ser suspensas. Seu discurso de

³⁵³ ACOOSE, Janice. *Iskwewwak-Kah' Ki Yaw Ni Wahkomakanak: Neither Indian Princesses nor Squaw Drudges*. Dissertação (Mestrado em Inglês) – Departamento de Inglês, Universidade de Saskatchewan, Saskatoon, 1992, p. 1.

³⁵⁴ MONTURE-ANGUS, Patricia. *Thunder in my soul: A Mohawk woman speaks*. Halifax: Fernwood Publishing, 1995, p. 171.

“emancipação feminina” não pode ser separado de suas construções racistas sobre os tehuelche, particularmente no contexto do genocídio indígena perpetrado pelo Estado argentino.

O horizonte de igualdade de gênero de Dixie estava relacionado ao homem branco inglês. Ao se apresentar como igual a esse homem, ela assume a retórica imperialista britânica, se construindo como “descobridora” e heroína de uma narrativa de aventura. Enquanto no relato de viagem as mulheres tehuelche são representadas a partir de um ideal de harmonia conjugal, nos livros infantis a autora redefine os tehuelche como uma “sociedade patriarcal” para atender a uma narrativa de “emancipação feminina” paralela entre meninas brancas e indígenas. Esse paralelismo, contudo, não se desvencilha de uma retórica imperialista e racista.

Por último, no terceiro capítulo, nos dedicamos ao relato de viagem de Mary Kingsley. No contexto da corrida imperialista no continente africano da virada do século XIX, seu relato é o que mais se aproxima da linguagem “científica” das teorias raciais e dos debates da antropologia sobre o evolucionismo. Diferentemente das outras autoras, Mary Kingsley não defendia uma perspectiva de reforma, buscando se associar a imagens de feminilidade branca da classe média.

Em seu relato de viagem, Kingsley negociava imagens e convenções de gênero principalmente através do recurso ao humor. Sua inadequação ao papel narrativo do explorador colonial, enquanto figura associada a imagens de masculinidade, confere uma tensão permanente ao seu texto. Para se desassociar de uma imagem de vulnerabilidade, a autora frequentemente se apresentava como “representante da civilização” a partir de um discurso de superioridade racial.

E, enquanto tentava negociar papéis de gênero vitorianos em sua autorrepresentação, buscando assumir a posição do narrador imperial, a autora também construía representações sobre as mulheres colonizadas. Sua discussão sobre sexualidade e poligamia, por exemplo, tinha um interesse bem demarcado: atender aos objetivos imperialistas de controle do trabalho nas colônias. A imposição do sistema de gênero europeu pode ser vista, nesse caso, em conjunto com o processo de expansão do sistema capitalista no século XIX.

Ao longo deste trabalho, enfim, buscamos mostrar como o gênero é construído discursivamente por dentro da colonialidade nos relatos de viagem do século XIX. O objetivo dessa análise se insere no esforço mais amplo de descolonização do feminismo no presente. Diversas autoras oferecem contribuições

para repensar o local de partida de teorias feministas, destacando a importância do processo de colonização na conformação do sistema moderno/colonial de gênero, como María Lugones³⁵⁵ e Oyèrónké Oyěwùmí.³⁵⁶

O interesse pela análise do racismo constitutivo de discursos sobre gênero no século XIX parte de discussões dos feminismos contemporâneos. A crítica de Chandra Mohanty ao feminismo liberal hegemônico ressalta as dinâmicas de poder eurocêntricas nas quais ele se insere e os efeitos disso em suas formulações teóricas.³⁵⁷ Feministas europeias e estadunidenses brancas de classe média teorizam como se o seu ponto de vista fosse universal. A imagem discursiva da “mulher do terceiro mundo”, vista como especialmente oprimida e sob o estatuto de vítima, serve como contraponto para imagens de “mulheres emancipadas” euroamericanas. Em um universalismo de base etnocêntrica, “mulher” é entendida como uma categoria abstrata, sem considerações sobre contexto cultural, raça, sexualidade, classe, ou mesmo historicidade.

Yuderkys Miñoso vê nesse processo uma “colonialidade da razão feminista”, que organiza uma agenda global de libertação das mulheres a partir de bases etnocêntricas, o que ela denuncia como “um “desejo salvacionista” que não é nada além de imperialista”.³⁵⁸ Para uma crítica da razão eurocêntrica do feminismo a partir do ponto de vista decolonial, é preciso descentralizar a experiência da mulher branca enquanto ponto de partida teórico universal. Confrontar o racismo das mulheres brancas e as suas implicações no imperialismo se faz necessário. Como argumenta Audre Lorde:

Quando as mulheres brancas ignoram os privilégios inerentes à sua branquitude e definem *mulher* apenas de acordo com suas experiências, as mulheres de cor se tornam “outras”, *outsiders* cujas experiência e tradição são “alheias” demais para serem compreendidas.³⁵⁹

³⁵⁵ LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tabula rasa*, n. 9, 2008.

³⁵⁶ OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. *The invention of women: Making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

³⁵⁷ MOHANTY, Chandra. Under Western eyes: Feminist scholarship and colonial discourses. *Feminist review*, v. 30, n. 1, p. 61-88, 1988.

³⁵⁸ MIÑOSO, Yuderkis Espinosa. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar dos Tempos, 2020, p. 111.

³⁵⁹ LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. São Paulo: Grupo Autêntica, 2019, p. 145.

Explorar as intercessões entre gênero, racismo e imperialismo no século XIX também representa um esforço na direção de repensar os rumos dos feminismos contemporâneos e suas bases teóricas, porque conforme enfatiza Chandra Mohanty: “*Beyond sisterhood there is still racism, colonialism and imperialism!*”³⁶⁰ Apesar de o colonialismo ser largamente interpretado, entre outros aspectos, como uma questão de masculinidade, nos parece ser relevante pensar em que medida mulheres brancas se apropriaram de discursos de superioridade racial em contextos particulares e como construíram mulheres racializadas como “outras”.

³⁶⁰MOHANTY, Chandra. Under Western eyes: Feminist scholarship and colonial discourses. *Feminist review*, v. 30, n. 1, p. 61-88, 1988, p. 77.

6 Referências bibliográficas

ABU-LUGHOD, Lila. "Writing against culture". In: R. FOX (ed.), *Recapturing Anthropology: Working in the Present*. Santa Fe: School of American Research Press, 1991.

ACOOSE, Janice. *Iskwewak kah'ki yaw ni wahkomakanak: Neither Indian princesses nor easy squaws*. Toronto: Canadian Scholars' Press, 2016.

ANDERSON, K. *A recognition of being, exploring native female identity*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade de Toronto, Toronto, 1997.

ASAD, Talal. "Anthropology & the colonial encounter". In: HUIZER, G.; MANNHEIM, B. (Ed.). *The Politics of Anthropology: from colonialism and sexism toward a view from below*. Londres: Ithaca Press, 1973.

BEDERMAN, Gail. *Manliness and Civilization. A Cultural History of Gender and Race in the United States (1880-1917)*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

BERGLAND, Renée L. *The national uncanny: Indian ghosts and American subjects*. Hanover: University Press of New England, 2000.

BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: das cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

_____. "Of Mimicry and Man: The Ambivalence of Colonial Discourse." *October*, 28 (1984): 125-33.

BIRKETT, Dea. *Mary Kingsley: imperial adventuress*. Londres: Macmillan, 1992.

_____. *Spinsters abroad: Victorian lady explorers*. New York: Basil Blackwell Ltd., 1989.

BIRKWOOD, Susan. *Different sides of the picture. Four Women's Views of Canada (1816-1838)*. 1997. Tese de Doutorado – Faculty of Graduate Studies, University of Western Ontario, London, Ontario.

BLUNT, Alison. *Travel, Gender, and Imperialism: Mary Kingsley and West Africa*. New York: Guilford Press, 1994.

BRANTLINGER, Patrick. Victorians and Africans: The genealogy of the myth of the dark continent. *Critical Inquiry*, v. 12, n. 1, p. 166-203, 1985, p. 198.

BUFFALOHEAD, Priscilla K. Farmers warriors traders: a fresh look at Ojibway women. *Minnesota History*, v. 48, n. 6, p. 236-244, 1983.

BURTON, Antoinette M. The white woman's burden: British feminists and the Indian woman, 1865–1915. In: *Women's Studies International Forum*. Pergamon, 1990. p. 295-308.

CHAUDHURI, Nupur; STROBEL, Margaret (Ed.). *Western women and imperialism: Complicity and resistance*. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COOPER, Frederick; Stoler, Ann Laura. (Orgs.) *Tensions of Empire: Colonial Cultures in a Bourgeois World*. Berkeley: University of California Press, 1997.

_____. *Decolonization and African society: The labor question in French and British Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. London, Edinburgh: Bentley, 1880.

_____. *The Young Castaways; or The Child Hunters of Patagonia*. Londres: John F. Shaw and Company, 1889

_____. *Aniwee; or The Warrior Queen*. Londres: Henry and Company, 1890.

FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FERNANDEZ, James. *Bwiti: An Ethnography of the Religious Imagination in Africa*. Princeton: Princeton University Press, 1982.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina. *Cadernos Pagu*, n. 50, 2017.

_____. “Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental.” In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M. Scatena. (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Vol. II. São Paulo: Humanitas, 2011.

GREEN, Rayna. The tribe called wannabee: Playing Indian in America and Europe. *Folklore*, v. 99, n. 1, 1988.

_____. The Pocahontas perplex: The image of Indian women in American culture. *The Massachusetts Review*, v. 16, n. 4, p. 698-714, 1975.

HOOKS, bell. *Não serei eu mulher?* Lisboa: Orfeu Negro, 2018.

JAMESON, Anna. *Winter studies and summer rambles in Canada*. London: Saunders and Oatley, 1838.

JOHANNES, Fabian. *Time and the Other: How Anthropology Makes its Object*. New York: Columbia University Press, 1983.

JOHNSTON, Judith. *Anna Jameson: Victorian, Feminist, Woman of Letters*. Aldershot: Scolar Press, 1997.

JUNQUEIRA, Mary Anne. “Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem para o historiador”. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M. Scatena. (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Vol. II. São Paulo: Humanitas, 2011.

KEARNS, Gerry. The imperial subject: geography and travel in the work of Mary Kingsley and Halford Mackinder. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 22, n. 4, p. 450-472, 1997.

LANDAU, P.; KASPIN, Deborah. (Orgs.) *Images and Empires. Visuality in Colonial and Postcolonial Africa*. Berkeley: University of California Press, 2002.

- LERER, Seth. *Children's literature: A reader's history, from Aesop to Harry Potter*. Chicago: University of Chicago Press, 2009.
- LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. São Paulo: Grupo Autêntica, 2019.
- LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tabula rasa*, n. 9, 2008.
- KINGSLEY, Mary H. *Travels in West Africa*. Congo Français, Corisco and Cameroons. London: Macmillan, 1897.
- MACKINTOSH, F. Travellers' tropes: Lady Florence Dixie and the Penetration of Patagonia. In: PEÑALOZA, Fernanda; WILSON, Jason; CANAPARO, Claudio (Orgs.) *Patagonia: Myth and Realities*. Berna: Peter Lang, 2010, p. 92.
- MALDONADO, J. R. et al. Patagonia, territorio de los otros: consideraciones geográfico-políticas en la construcción de la nación Argentina. *Revista Geográfica Venezolana*, v. 56, n. 2, p. 269-290, 2015.
- MAMA, Amina. "Sheroes and Villains: Conceptualizing Colonial and Contemporary Violence Against Women in Africa" In: ALEXANDER, M. Jacqui; MOHANTY, Chandra Talpade (Orgs.). *Feminist genealogies, colonial legacies, democratic futures*. Nova Iorque: Routledge, 2013.
- MARRIOTT, John. *The Other Empire: Metropolis, India and Progress in the Colonial Imagination*. Manchester: Manchester University Press, 2003.
- MARTIN, Claire. "Shall I Ever Climb the Moors Again?": Lady Florence Dixie's Across Patagonia (1880). *Review: Literature and Arts of the Americas*, v. 45, n. 1, p. 57-63, 2012.
- MCCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: Race, gender, and sexuality in the colonial contest*. New York: Routledge, 2013.
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- MILLS, Sara. *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*. London: Routledge, 1991.
- MIÑOSO, Yuderkis Espinosa. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar dos Tempos, 2020.
- MOHANTY, Chandra. Under Western eyes: Feminist scholarship and colonial discourses. *Feminist review*, v. 30, n. 1, p. 61-88, 1988.
- MOLLOY, Silvia. Identidades textuales femeninas: estrategias de autofiguración. *Mora*, nº 12, 12/2006, p. 68-86.
- MONTURE-ANGUS, Patricia. *Thunder in my soul: A Mohawk woman speaks*. Halifax: Fernwood Publishing, 1995.
- MORIN, Karen. British women travellers and constructions of racial difference across the nineteenth-century American West. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 23, n. 3, p. 311-330, 1998.
- MUDIMBE, Valentin Y. *A invenção da África. Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento*. Lisboa; Luanda: Edições Pedagogo, Editora Mulemba, 2013, p. 67.

NAVARRO, Pedro. El desierto y la cuestión del territorio en el discurso político argentino sobre la frontera Sur. *Revista Complutense de Historia de América*. 28: 139-168. CONICET y Universidad del Comahue, Argentina, 2002.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *The invention of women: Making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

_____. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. *Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. "Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms". CODESRIA Gender Series, Dakar, CODESRIA, v. 1, p. 1-8, 2004.*

PEÑALOZA, Fernanda. A Sublime Journey to the Barren Plains: Lady Florence Dixie's across Patagonia (1880). *Limina*, v. 10, p. 81-97, 2004.

PERRY, Adele. *On the edge of empire: Gender, race, and the making of British Columbia, 1849-1871*. University of Toronto Press, 2001.

PIERINI, Margarita. "La mirada y el discurso: la literatura de viajes". In: *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. São Paulo: Memorial, Campinas: Unicamp, vol. 2, 1994.

PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. Nova Iorque: Routledge, 2007.

RIFKIN, Mark. *Beyond Settler Time: Temporal Sovereignty and Indigenous Self-Determination*. Durham: Duke University Press, 2017.

RODENAS, Adriana Méndez. *Transatlantic Travels in Nineteenth-Century Latin America: European Women Pilgrims*. Lewisburg: Bucknell University Press, 2014.

RODRÍGUEZ, M. E. *De la "extinción" a la autoafirmación: procesos de visibilización de la comunidad tehuelche Camusu Aike (provincia de Santa Cruz, Argentina)*. Tese (Doutorado em Literatura e Estudos Culturais) – Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences, Georgetown University, Washington DC, 2010.

RODRÍGUEZ, Mariela; HORLENT, Laura. *Tehuelches y selk'nam (Santa Cruz y Tierra del Fuego): no desaparecimos*. Buenos Aires: Ministerio de Educación y Deportes, 2016.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

_____. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Recife: SOS Corpo, 1995.

SEIXLACK, A. *Entre a Araucania maldita e o Deserto indômito: Debates oitocentistas sobre a Pacificação da Araucania no Chile e a Conquista do Deserto na Argentina*. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SMITS, David D. The "squaw drudge": A prime index of savagism. *Ethnohistory*, p. 281-306, 1982.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Three women's texts and a critique of imperialism. *Critical inquiry*, v. 12, n. 1, p. 243-261, 1985.

_____. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STASIULIS, D.; JHAPPAN, R. The fractious politics of a settler society: Canada. *Unsettling settler societies: Articulations of gender, race, ethnicity and class*, v. 11, p. 95-131, 1995.

STEARNS, Precious McKenzie. "The Right Sort of Woman": British Women Travel Writers and Sports. *Journeys*, v. 9, n. 1, p. 21-35, 2008.

STEPAN, Nancy Leys. Race and gender: The role of analogy in science. *Isis*, v. 77, n. 2, p. 261-277, 1986.

STOLER, Ann Laura. *Carnal knowledge and imperial power: Race and the intimate in colonial rule*. Berkeley: University of California Press, 2010.

SZURMUK, Mónica. *Women in Argentina: early travel narratives*. Gainesville: University Press of Florida, 2000.

THOMAS, Nicholas. *Colonialism's Culture: Anthropology, Travel & Government*. Cambridge: Polity, 1994.

THOMPSON, Carl (Org.). *The Routledge companion to travel writing*. London: Routledge, 2015.

WARE, Vron. *Beyond the Pale: White Women, Racism, and History*. London: Verso Press, 1992.

YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.